



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEIZIANE PINHEIRO AGUIAR

“NÃO TENHO MEDO DA ESTIVA, NÃO”: CRIANÇAS ENTRE INTERAÇÕES E
ACUSAÇÕES NA COMUNIDADE DO SERVILUZ

FORTALEZA

2014

DEIZIANE PINHEIRO AGUIAR

“NÃO TENHO MEDO DA ESTIVA, NÃO”: CRIANÇAS ENTRE INTERAÇÕES E
ACUSAÇÕES NA COMUNIDADE DO SERVILUZ

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Leonardo Damasceno de Sá.

FORTALEZA

2014

DEIZIANE PINHEIRO AGUIAR

“NÃO TENHO MEDO DA ESTIVA, NÃO”: CRIANÇAS ENTRE INTERAÇÕES E
ACUSAÇÕES NA COMUNIDADE DO SERVILUZ

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Leonardo Damasceno de Sá.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Leonardo Damasceno de Sá (Presidente-Orientador)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Jania Perla Diógenes de Aquino

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Diocleide Lima Ferreira (Membro Externo)

Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

Prof. Ms. Wendell de Freitas Barbosa

Laboratório de Estudos da Violência (LEV/UFC)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Federal do Ceará

Biblioteca de Ciências Humanas

A228n Aguiar, Deiziane Pinheiro

“Não tenho medo da estiva, não”: crianças entre interações e *acusações* na comunidade do Serviluz. / Deiziane Pinheiro Aguiar. – 2015.

28 f.; 30 cm.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Ciências Sociais, Curso de Ciências Sociais, Fortaleza, 2015.

Orientação: Prof. Leonardo Damasceno de Sá

1. Conflitos sociais I. Título.

CDD 303.6

Dedicado especialmente à minha mãe, que me ensinou a ser uma mulher forte, guerreira e que luta pelos seus sonhos. Eis aqui mais um sonho concretizado e que ela me fez acreditar ser possível.

AGRADECIMENTOS

Não poderia dizer que uma pesquisa se faz só, pois estaria sendo ingrata com todos aqueles que de uma alguma maneira construíram comigo direta ou indiretamente esse *esforço de pesquisa*. Muitos contribuíram para a elaboração desse trabalho e, logo, gostaria primeiramente de pedir desculpas àquelas pessoas que sentirem seus nomes ausentes nessa lista.

Agradeço à Deus acima de tudo, pois com fé, força e muita determinação consegui chegar até aqui. Aos meus familiares, especialmente, aos meus pais e a minha tia Nenzinha, mas também, à tia Fátima que sempre acreditaram em mim e me incentivaram nessa caminhada. Aproveito para pedir desculpas sinceras por todas às vezes que me ausentei de compromissos familiares e de estar ao lado deles por ter que estudar ou fazer pesquisa de campo sem dia e hora certa, em qualquer dia da semana, principalmente, nos fins de semana.

Agradeço imensamente ao meu orientador, professor Leonardo Damasceno de Sá. Ele que acreditou em muitos momentos que eu seria capaz de realizar essa pesquisa, que me incentivou, me ouviu pacientemente nos momentos de angústia e medo de não conseguir realizar essa empreitada e me disse para escolher o melhor caminho, sem me impor a escolha. Acredito que tenha aprendido o que seja *fazer-pesquisa* não apenas nos livros e na prática, mas também com nossas conversas. Muito obrigada, Leonardo, por toda sua dedicação, compromisso e responsabilidade na formação de orientandos e estudantes da Universidade.

Agradecimentos saudosos aos meus interlocutores de campo: as crianças encantadoras, acolhedoras e repletas de alegria, que elas sem saber, me motivaram a cada ida ao campo. Obrigada, *criançada*, pelas divertidas brincadeiras na praia, pelo carinho e pelos abraços recebidos a cada chegada, vocês me deixaram exausta (rs...), mas me enchiam de alegria e esperança. Ao Bebeto e ao Anailton, ao Joab, ao Val e a Monaliza, pois com eles apreendi tantas coisas sobre o Serviluz, mas apreendi também a respeitá-los assim como fizeram comigo. Agradecimentos também às demais pessoas do Serviluz que contribuíram para a realização desta pesquisa. Com eles compartilhei tantos momentos e com eles construí esse *caminhar* até a escrita. Eternamente grata aos novos amigos que fiz, *entre adultos e crianças*.

Agradeço as minhas amigas e companheiras de “sufoco” antes da Universidade, no cursinho pré-vestibular: Manu e Giselle. E também aqueles que a Universidade me oportunizou construir laços de amizade: Bruno Duarte, Patrícia Raquel, Liz Sabino, Karla Luana, Renata Félix, Luiz Eduardo e tantos outros.

Aos meus amigos do curso de línguas no IMPARH, Elly e Cássio Robson pelos desabafos, apoio, compartilhamento e alegrias *en français: Merci beaucoup!*

Aos professores do Curso de Ciências Sociais, por minha formação acadêmica e fundamentalmente pela minha formação como pesquisadora. Mas, em especial, aos professores George Paulino, Cristina Maria, Celina Galvão, Simone Simões, Jania Perla, César Barreira e Irllys Barreira.

Agradecimentos ao LEV – Laboratório de Estudos da Violência, pelo incentivo e compromisso com a formação dos seus bolsistas. Aos amigos todos que fiz por lá: Glória Kalina, Danielle Fernandes (Dani), Evilásio, Nádia, Bruna que me acolheram tão carinhosamente quando comecei como bolsista. Aos queridos Antônio Sabino, Júnior Moraes, Suiany Silva, Nicolli Alcântara, Cayo Robson, Breno, Rodrigo Lacerda, Mara Carneiro (com quem compartilhei tantas vezes reflexões sobre a Antropologia da Criança), Igor Monteiro, Clodomir, Caio Feitosa, Marcos Silva, Freddy, Fernanda Vieira, Wendell, João Pedro e outros tantos que passaram pelo LEV nesses dois anos em que fui bolsista de iniciação científica.

Agradecimentos ao INCT/CNPq e à FUNCAP pelo financiamento da minha bolsa de iniciação científica durante esses dois últimos anos.

“As palavras me antecedem e ultrapassam, elas me tentam e me modificam, e se não tomo cuidado será tarde demais: as coisas serão ditas sem eu as ter dito. Ou, pelo menos, não era apenas isso. Meu enleio vem de que um tapete é feito de tantos fios que não posso me resignar a seguir um fio só; meu enredamento vem de que uma história é feita de muitas histórias”. (Clarice Lispector).

RESUMO

Esta monografia objetiva analisar as práticas culturais e as relações intersubjetivas de crianças moradoras de uma favela à beira-mar em Fortaleza – CE. O Serviluz está situado numa faixa de praia, enquistada na zona portuária, entre o cais do porto e o início do circuito de turismo e lazer da Praia do Futuro. Objetivo compreender como é ser criança na favela, como percebem a violência e os conflitos que ocorrem cotidianamente; como sentem a divisão territorial numa “comunidade partida” entre os vários segmentos de conflitos armados. Essas conflitualidades se refletem em suas relações sociais com outras crianças da comunidade? A metodologia do trabalho é composta por observação participante, entrevistas em profundidade, conversas informais, rodas de conversação, desenhos e oficinas. As narrativas das crianças estão imersas de discursividades acerca das violências que sofrem, mas também da violência que presenciam, e são nas brincadeiras e na religiosidade que expressam fortemente as situações de conflito da comunidade. Como é ser criança num bairro estigmatizado, mas ao mesmo tempo referência no surfe nacional e internacional? O Serviluz é um lugar de “glórias” (prêmios conquistados nos campeonatos de surfe), disputa de território entre facções rivais, “perdas” (altos índices de violência letal e outras modalidades de interação violenta), lutas e resistências (tentativas de remoção por parte do poder público e de empresas privadas) e onde já funcionou a principal zona de meretrício da cidade de Fortaleza e depois surgiram novos mercados do sexo diferentes do formato antigo.

Palavras-chave: Conflitos sociais; Violência; Comunidade; Crianças.

RÉSUMÉ

Ce monographie vise à analyser les pratiques culturelles et les relations interpersonnelles des enfants vivant dans une favela au bord de la mer à Fortaleza - CE. Le Serviluz est situé au littoral, dans une zone portuaire, entre le Cais do Porto et le début du circuit du tourisme et des loisirs de la Praia do Futuro. L'objectif est de comprendre comment est être un enfant dans la favela, comment ils apperçoivent la violence et les conflits qui se produisent tous les jours; comment ils comprennent la division du territoire dans une *communauté partagée* entre les différents segments de conflit armé. Des conflictualités ces sont reflétées dans leurs relations sociales avec d'autres enfants de la communauté? La méthodologie de travail se compose de l'observation participante, des entretiens approfondis, des conversations informelles, des groupes de conversation, des dessins et des ateliers. Les récits des enfants reflètent la violence contre eux, mais aussi celles dont ils sont témoins; et c'est lors des jeux et de l'expression de la religiosité qu'ils expriment fortement les situations de conflit de la communauté. C'est comment être un enfant dans un quartier stigmatisé, mais en même temps dans un quartier de référence du surf national et international? Le Serviluz est un lieu de "gloire" (les prix remportés dans championnats de surf), de disputes de territoire entre des factions rivales, des «pertes» (taux élevés de violence meurtrière et autres formes d'interactions violentes), des luttes et des résistances (les tentatives d'enlèvement par l'administration publique et par des entreprises privées) et dans un quartier qui a déjà été le principal quartier de prostitution de Fortaleza et où de nouveaux marchés du sexe différents ont surgi.

Mots-clé: Conflit social; Violence; Communauté; Enfants.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
1.1 Locus da pesquisa, trajetória e inserção em campo.....	15
1.2 O campo e a antropologia da criança: entre reflexões e dificuldades.....	20
1.2.1 <i>Fazendo etnografia “com crianças”</i>	20
1.2.2 <i>“Brincando” com a metodologia: testar a reflexividade</i>	22
1.3 Breve apresentação.....	25
2 ALGUMAS HISTÓRIAS SOBRE O SERVILUZ... ..	27
2.1 Alguns discursos... e a história social do Serviluz.....	27
2.2 O Serviluz: “favela” à beira-mar.....	32
2.3 <i>Segmentaridades</i> , conflitos sociais e significações.....	36
3 O PROJETO METAMORFOSE E AS CRIANÇAS.....	52
3.1 <i>Transformação</i> e integração: “transformar pelo amor”.....	53
3.2 As atividades do projeto Metamorfose: “Missão”, praia e nas “áreas”.....	57

4 ACUSAÇÕES ENTRE INTERAÇÕES E SUBJETIVIDADES.....	65
4.1 Intersubjetividade (s): experiência etnográfica e afetações em campo.....	65
4.2 Entre observações e interações com as crianças: resquícios de um diário de campo.....	69
4.3 Atividade na praia: primeira vez.....	73
4.4 Na Missão das meninas: primeira vez.....	81
4.5 Sexta à noite no Titanzinho com as crianças.....	82
4.6 Em vários momentos das atividades.....	83
4.7 Entre interações sociais e intersubjetividades: “crianças deladoras”.....	97
4.8 “E como seria sem violência?” “A pessoa ia morrer mesmo só de velhice”.....	109
4.9 “Delatores” do exterior e “delatores” do interior.....	117
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	123
REFERÊNCIAS.....	125
APÊNDICE A.....	130
APÊNDICE B.....	131

1 – INTRODUÇÃO

Esta monografia objetiva analisar as práticas culturais e as relações intersubjetivas de crianças moradoras de uma favela à beira-mar em Fortaleza – CE, o Serviluz. Há muitas crianças na comunidade vítimas de violências múltiplas, onde o contexto violento já foi amplamente analisado por outros pesquisadores, mas com outros segmentos sociais, e nunca com as crianças. Então, foi pensando nisso que me inspirei para essa pesquisa. Objetivo compreender como é ser criança na favela, como percebem a violência e os conflitos que ocorrem cotidianamente; como sentem a divisão territorial numa “comunidade partida” entre os vários segmentos de conflitos armados. Essas conflitualidades se refletem em suas relações sociais com outras crianças da comunidade? Pesquisa de campo etnográfico, entrevistas em profundidade, conversas informais, rodas de conversação, desenhos e oficinas, foram as metodologias utilizadas. Combinando sempre a observação participante com a pesquisa de campo intensiva-reflexiva, onde o estudo se realizou por meio de vivência direta, num espaço de interconhecimento entre pesquisadora, pesquisados e o meio social onde estavam inseridos.

Fazer-pesquisa requer disposição, engajamento e *empreendimento micropolítico*. Então, constantemente somos levados a questionar nossos “planos de voo” para que se realize este *fazer-pesquisa*, pôr em dúvida a metodologia que estamos utilizando, e às vezes dá a impressão de se estar num processo angustiante e envolto por dúvidas, mas na verdade é parte constitutiva do processo de aprendizado. O trabalho de campo é para Sá (2010) percebido na seguinte perspectiva:

(...) é uma prática de incorporação de princípios intelectuais e de valores políticos e ou cognitivos de uma comunidade científica. O trabalho de campo é um modo de produzir pertencimentos sociais múltiplos. (...) entre outros pertencimentos que provocam questões de identificação do sujeito pesquisador, que se desdobram em um modo específico de produzir conhecimento engajado. (SÁ, 2010, p. 290).

Dessa maneira, estamos sujeitos as *serendipidades* e ao *inesperado antropológico*. Não estamos no comando e sim conduzidos pelos sujeitos de pesquisa (as crianças).

O trabalho de campo e o processo de escrita caminham juntos, entre diários de campo e reflexões, entre discursos e a tessitura do trabalho final muitas coisas acontecem. Mas

algo fica certo, a pesquisa não se finda e as questões continuam pairando na minha cabeça. Questões intermináveis. Complementar a isso Geertz (2001) discorre:

A característica mais marcante do trabalho de campo antropológico como forma de conduta é que ele não permite qualquer separação significativa das esferas ocupacional e extraocupacional da vida. Ao contrário, ele obriga a essa fusão. Devemos encontrar amigos entre os informantes e informantes entre os amigos; devemos encarar as ideias, atitudes e valores como outros tantos fatos culturais e continuar a agir de acordo com aqueles que definem os nossos compromissos pessoais; devemos ver a sociedade como um objeto e experimentá-la como sujeito. Tudo o que dizemos, tudo o que fazemos e até o simples cenário físico têm ao mesmo tempo que formar a substância de nossa vida pessoal e servir de grão para nosso moinho analítico. No seu ambiente, o antropólogo vai comodamente ao escritório para exercer um ofício, como todo mundo. Em campo, ele tem que aprender a viver e pensar ao mesmo tempo (GEERTZ, 2001, p. 45).

Viver as experiências daqueles momentos em campo e pensar ao mesmo tempo de modo analítico não foi uma tarefa fácil. No meio de tantas crianças, por exemplo, tinha que me transformar em múltiplas, desempenhar vários papéis (brincar, pular, ficar atenta, escutar, analisar o discurso, conversar, lembrar dos nomes de cada uma e associar suas “acusações” com suas áreas de moradia etc.). Minha mente e meu corpo ficavam exaustos diante de tantas ações simultâneas.

O trabalho de campo no Serviluz aconteceu entre fevereiro e junho de 2014. As crianças participantes de um projeto social missionário foram minha preocupação¹. O objetivo neste projeto social era a “transformação” e a integração dos diferentes segmentos de conflitos armados na comunidade através de atividades com meninos e meninas entre 4 e 15 anos de idade, além dos jovens que também participam vez ou outra nas atividades, mas a maioria era de crianças. Tenho como foco a análise dos discursos das crianças e dos adultos do projeto, e de que maneira se configurava a rede de relações sociais *das* e *entre* as crianças do projeto e como significam a violência no bairro. Dessa maneira, buscava compreender e analisar o processo de subjetivação das crianças nas suas relações com crianças de áreas de conflito (*segmentaridades*) distintas. Tendo como hipótese que a relação intersubjetiva entre as diferentes crianças estaria anteriormente abalada pelo contexto dos segmentos de conflitos do

¹ As crianças pesquisadas tinham entre 4 e 12 anos de idade, entre meninos e meninas da Estiva, da Pracinha e do Titanzinho.

Serviluz, mas que tal hipótese poderia se desestruturar pela análise da situação social das crianças em interação, *à la* Goffman.

Foi possível perceber que nas interações *face to face*, mas também nas interações sociais com todas as suas perspectivas, conflitos internos e simbólicos se manifestavam nas expressões cotidianas das crianças do projeto pesquisado. Elas construíam suas relações intersubjetivas com todas as ferramentas dispostas a elas, mas algo me chamou a atenção, a base ou o meio termo dessa construção eram os atributos as pessoas e aos segmentos de conflito. Atributos que passam por uma *esteira* de “acusações”, xingamentos, discriminação, etc. As *acusações* partiam de crianças oriundas dos vários segmentos de conflito, mas as mais agressivas eram imputadas as crianças da Estiva (um dos segmentos). Na Estiva, segundo muitos interlocutores, é uma das áreas mais *ameaçadoras* em relação as demais. Pois atualmente é lá que se concentram o maior número de jovens armados disputando território, poder, o mercado de armas e drogas. Mas crianças do Titanzinho e Pracinha também se “acusação” e atribuem qualidades estigmatizantes entre si e entre aqueles que pertencem a sua *área*.

1.1 Locus da pesquisa, trajetória e inserção em campo

A comunidade do Serviluz como *locus* de pesquisa acadêmica já foi cenário de observação de vários pesquisadores, principalmente, da Universidade Federal do Ceará – UFC. Já foram produzidas cinco dissertações de mestrado, Anjos (1983), sobre a prostituição no Farol; Almeida (1995), sobre as brigas de gangues e o extinto forró da bala; Nogueira (2006 – PUC/SP), sobre a história social do Serviluz e os trabalhadores do mar; Campos (2012), sobre a socialidade e as narrativas do Serviluz; Pinho (2012), sobre a prostituição no extinto Farol Velho através das narrativas orais de ex-prostitutas. Uma tese de doutorado também foi fruto de pesquisa etnográfica no local, Sá (2010), sobre as relações sociais dos jovens do Serviluz. Todos esses trabalhos contribuíram para minha compreensão sobre o lugar, suas dinâmicas e personagens.

Meu primeiro contato com o Serviluz aconteceu no início de 2013 quando pela minha curiosidade convidei uma amiga, esta já conhecia a comunidade e havia desenvolvido trabalho social na mesma, para irmos ao Titanzinho num sábado pela manhã. Mas antes disso havia lido algumas notícias jornalísticas e ouvido alguns relatos do Prof. Leonardo Sá nas aulas

de Teoria Sociológica III, sobre sua pesquisa de tese no local. Então, não me sentindo satisfeita com o que sabia até ali fui conferir com os “meus próprios olhos” a dinâmica do Serviluz. Minha amiga me apresentou ao Bebeto, professor de surfe no projeto Vila Mar, e um dos jovens que contribuiu na pesquisa do Prof. Leonardo Sá. Fiquei encantada com a beleza natural e a receptividade das pessoas. Voltei mais duas vezes ao lugar, a primeira vez pela oportunidade de acompanhar uma outra amiga da Universidade que estava iniciando pesquisa no bairro e outra vez numa aula de campo.

Mas meu interesse inicial por pesquisar crianças não surgiu com a descoberta do Serviluz primeiramente, mas foi num espaço bem próximo a ele, a Avenida Beira Mar e o seu entorno, que iniciei uma pesquisa com intenções monográficas. A Avenida Beira Mar, parte da orla marítima e cartão postal de Fortaleza, está localizada no bairro Meireles, também pertencente a Regional II assim como o Serviluz. A Beira Mar está dentro do circuito de lazer e turismo da cidade e atrai diversos visitantes locais, nacionais e internacionais. Foi diante desse contexto que iniciei uma pesquisa sobre as crianças de rua – em situação de rua – nesse espaço, procurando entender as violências sofridas e a estigmatização imputadas a elas naquele universo. Durante uma entrevista com o coordenador do programa *Criança não é de rua*, Manoel Torquato, ele me fala que o maior número de crianças de rua não está circulando pelo Centro da cidade, pelos terminais de integração ou nos bairros de grande poder aquisitivo, mas sim nas “favelas”. Passei meses intrigada com o discurso de Torquato. Como minha pesquisa na Beira Mar não estava fluindo da maneira como desejava, pois tinha optado por uma metodologia de aproximação até os “meninos de rua” que não fosse por via instituições que assistiam a eles. As minhas aproximações sempre se davam de maneira espontânea, e tal metodologia rendeu boas narrativas deles, mas por conta desta sentia dificuldades em encontrar os meninos nas ruas da Beira Mar, apesar das dicas de alguns educadores sociais e amigos. A questão da pesquisa ia se voltando cada vez mais para a perspectiva de “onde estavam e onde andam os meninos daquele espaço”. Muitos deles se encontram nas instituições de acolhimento, abrigos etc., outros trabalhavam pelos espaços do bairro sem dia e hora certa para não serem recolhidos pelas instituições. Várias questões foram pesando e desestimulando a continuidade dessa pesquisa inicial com crianças.

Diante da curiosidade despertada pelo discurso de Torquato acerca das crianças moradoras das “favelas” e o fato de conhecer o Serviluz pelas *idas não intencionais de pesquisa* fizeram com que meu deslocamento seguisse para lá, afinal meus grandes interesses eram as

crianças, seus discursos e a orla marítima de Fortaleza. Talvez minha paixão desde a infância pela praia e pelos mistérios que ela esconde me levavam cada vez mais a esses interesses.

O Prof. Leonardo Sá propôs que eu procurasse Bebeto para falar sobre a pesquisa e conhecer o Serviluz. Assim fiz. Bebeto nasceu no Serviluz e sempre morou na comunidade. Se denomina como ex-envolvido no crime e como ex-usuário de drogas, onde sua condenação por atividades ilícitas foi paga através de atividades à comunidade, mais especificamente, no já existente projeto Vila Mar². Então, ele retorna ao projeto, pois tinha sido umas das crianças que haviam se beneficiado dele, mas agora se encontrava na posição de contribuinte. Dona Joice, fundadora e coordenadora geral deste, procurou sempre manter Bebeto por perto. Hoje Bebeto coordena o projeto junto à ela e é professor de surfe na instituição, mas também dá aulas particulares de surfe para complementar sua renda. A mãe de Bebeto é merendeira no projeto Vila Mar e sua esposa também sempre está presente nas atividades.

Chegando ao Serviluz o Bebeto, simpático e cuidadoso como sempre, me apresentou a comunidade, o projeto Vila Mar, o Fera (coordenador de um outro projeto social, voltado especificamente para aulas de surfe com crianças e adolescentes), o Anailton (coordenador do projeto missionário Metamorfose), a dona Joice e sua filha (trabalha em funções administrativas no projeto), o Helder (professor de educação física), o Alan (jovem que já fez parte do projeto e hoje auxilia nas atividades como um todo), as professoras do Vila Mar, sua mãe, algumas crianças e me apresentou um pouco da sua história também. Desses contatos fui conhecendo outras pessoas durante um processo de pesquisa de campo intensivo e regular.

Mas minha rede de contato foi se espalhando também por conta de ter iniciado em seguida e em consonância uma pesquisa de campo com mães e cuidadoras³ que perderam seus jovens por arma de fogo na comunidade. Esta desenvolvida na bolsa de iniciação científica no Laboratório de Estudos da Violência (LEV/UFC)⁴, sob coordenação de meu orientador. Isso me possibilitou contato com algumas mães e com outras lideranças importantes no bairro, como por exemplo, dona Mariazinha da Associação dos Moradores do Serviluz, moradora antiga do bairro e uma das lideranças mais respeitadas pelos poderes públicos e pela comunidade.

² Em capítulo posterior trarei mais informações sobre este projeto.

³ Tias, avós, primas etc.

⁴ Pesquisa intitulada *Socialidade Armada, agência das armas e violência letal entre jovens de favelas à beira-mar na cidade de Fortaleza* (PIBIC/UFC 2013/2014), sob coordenação do Prof. Leonardo Damasceno de Sá.

Narrar em poucas palavras a história de Anailton de Sousa, coordenador do projeto Metamorfose, é interessante para entender suas motivações e como é ser criança no Serviluz, ou melhor, como se teceu sua trajetória de vida e sua infância.

Anailton é um rapaz filho da comunidade do Serviluz. Nascido, criado e “sobrevivente” das tramas da “favela”. Anailton é nativo, filho e originário da “favela”. O pai é de um território praiano do Ceará, Beberibe. A mãe é de um município próximo de Itarema. “Eu sou descendente de pessoas que vieram de longe do Serviluz”⁵. Cresceu a brincar, a cobrir-se nas águas salgadas da Praia do Titanzinho, fruto de projetos sociais da comunidade, brincante das ruas libertas aos meninos travessos, da liberdade inconfundível que para ele não é mais a mesma naquelas ruas carregadas de conflitos. Mas diante de um grupo de amigos-parceiros e amigos de infância teve que escolher um rumo diferente deles. Ele se sentia como uma pessoa influenciada pelos amigos, mas Deus o escolheu para ser alguém diferente, segundo suas próprias palavras. Anailton não queria ser um envolvido no *mundão*⁶ (mundo do crime) e escolheu ser um *não envolvido*. Anailton era uma criança que mesmo desfrutando de tanta liberdade infantil sentia medo de andar na sua comunidade, pois começaram a se inflamar os conflitos entre jovens armados “até os dentes”. Nesses tempos não havia as *segmentaridades* estabelecidas de hoje, mas o *medo* e o *crime* já rondavam o universo cotidiano do lugar. Anailton fez escolhas e foi em direção ao esporte, futebol de salão, onde galgou o título de campeão nacional. Ele expressa isso como um de seus maiores feitos durante seus 23 anos de vida. O menino da “favela” também cantou muito *rap* e *hip hop*, compôs muitas músicas de louvor a Deus, que falava da realidade da comunidade e de seus dilemas. Anailton se aproximava ainda mais de Deus até que lhe surge a oportunidade de fazer um projeto missionário, *transformação* era o seu foco, a transformação de *caráter* e não a de *estado* das pessoas. Anailton se tornou uma “criança-grande” com desejo gigante de derrubar o Golias que impede a *transformação* das pessoas. As crianças da comunidade se tornaram seu foco principal na luta para galgar tal desejo. Mas esse trabalho não é sobre a “criança-grande” descrita até aqui, mas sim sobre as crianças do *presente*, filhas da comunidade do Serviluz, crianças filhas de empregadas domésticas, donas de casa, pescadores, trabalhadores informais, donos de mercearias, donas de peixarias, zeladores, tias que se prostituem, pais presos ou mortos, mãe

⁵ Fala de Anailton em conversa informal.

⁶ “O mundão é o modo geral de apresentação das regras do que, especificamente, pode-se também chamar de ‘sistema babilônico’. No mundão, funciona a regra do mais forte, a regra do ‘bichão’, de quem se impõe pela força das armas, do dinheiro e das drogas. No sistema babilônico, predomina a diversão a qualquer custo, a prostituição, o sexo de risco e as relações fugazes, de traição e falta de garantia” (SÁ, 2010, p. 202).

operadora de *telemarketing*, mãe que vende café no Mucuripe e tantas outras profissões e atividades que possam levar o sustento para o lar.

Ao conhecer Anailton e o projeto Metamorfose passei a me interessar pela proposta desempenhada por ele e seus voluntários, pois trazia uma dimensão de integração das crianças das diferentes áreas de conflito numa perspectiva distinta dos outros projetos da comunidade que focavam nos esportes, como surfe e futebol. Desse interesse passei a acompanhar todas as atividades do projeto e as questões de campo começaram a emergir, mas discorrei mais adiante.

Sempre me identificava às pessoas como estudante da Universidade, mas era curiosa a maneira como Bebeto me apresentava as pessoas, dizia que eu era uma amiga de Leonardo. Algumas não se contentavam em saber que eu era da Universidade e investiam em perguntas, como do tipo: O que você estuda lá? O que é Ciências Sociais? Onde você mora? Quantos anos têm? É casada? Tem namorado? Têm filhos? Você vem de carro? Perguntas que podem ser compreendidas como desejando saber mais sobre mim, já que estava tão curiosa em saber quem eles eram. Nunca me limitei a responder às perguntas astutas de adultos e crianças, mas era objetiva nelas, afinal elas também não me contavam tudo de uma vez e sim aos poucos, com a convivência. Uma aproximação sincera, compartilhada, sensível, respeitosa diante das práticas culturais das pessoas e dos seus afazeres quando, por exemplo, não podiam me receber por estarem ocupadas em suas atividades profissionais ou serviços do lar, foram importantes para a construção da rede de relações que procurava estabelecer no Serviluz.

Então, foi dessa maneira que construí minha rede de relações no Serviluz e que proporcionou a realização desse trabalho. Uma pesquisa de campo com duração de 4 (meses) que foram extremamente importantes não só pela construção da pesquisa em si, mas pela transformação pessoal e subjetiva que causou em minha vida. A Deiziane que *entrou* no Serviluz com um encontro agendado com Bebeto para uma conversa no projeto Vila Mar não é mais a mesma Deiziane que *saiu do campo* em junho após a última oficina desenvolvida com as crianças do Metamorfose. Acho que posso inclusive dizer que *sai do campo* apenas de maneira física, pois de maneira psíquica e subjetiva ainda me sinto *em campo*. Os relatos, as narrativas foram fortes e impactantes para quem não conhecia uma “favela”. Mas as vivências,

as interações e as amizades que creio ter construído lá me deixam uma saudade imensa e uma vontade de voltar o mais rápido possível para o “paraíso perdido”⁷.

1.2 O campo e a antropologia da criança: entre reflexões e dificuldades

1.2.1 Fazendo etnografia “com crianças”

Sabe-se que disciplinas científicas como a psicologia, a psicanálise e a pedagogia, elegem como objeto de estudo as crianças, e há vários trabalhos com este tema. Durante muito tempo, não apenas nessas disciplinas mas na antropologia também, pensa-se as crianças como seres incompletos a serem formados e socializados (COHN, 2009). Todavia, de um ponto de vista antropológico, pretende-se nesta pesquisa desvencilhar-se com as questões adultocêntricas acerca das crianças. Uma antropologia da criança é importante, pois pode nos fazer entender as crianças e seu mundo a partir do ponto de vista delas (COHN, 2009).

Em linhas gerais esse trabalho está baseado numa interface entre Antropologia da Criança e Sociologia da Infância. Percebendo a criança como produtora de cultura, como atores sociais plenos e atuantes nas relações sociais, onde crianças e adultos são seres sociais incompletos e em formação, ou seja, não há nessa perspectiva uma visão adultocêntrica. Segundo Delgado e Muller (2005), não há por que separar crianças de adultos como se pertencessem a espécies diferentes. A infância é como uma coleção de ordens sociais diferentes.

Seria possível articular a mesma metodologia utilizada na pesquisa com adultos numa pesquisa com crianças? A antropóloga Flávia Pires (2007) discute: “Pergunto-me em que medida estudar crianças requer métodos e técnicas especiais ou se devemos continuar aplicando os mesmos instrumentos empregados no estudo dos adultos”. (p. 227). Alguns dizem que sim, seria possível, mas outros apostam que pesquisas com crianças necessitam de uma metodologia adequada para elas. Meu ponto de vista é de que algumas metodologias usadas com adultos são passíveis de serem usadas com crianças, como por exemplo, as rodas de conversação. Mas há

⁷ Fala de Beбето em nossa primeira conversa informal e conceito nativo que ilustra a perspectiva de um Serviluz apartado da cidade de Fortaleza pela beleza, mas também pelas diferenças diversas e latentes. Quando o ônibus dobra no Farol Velho parece que estamos entrando em outro universo de fato, parece que estamos saindo da cidade. Um paraíso desconhecido por muitos fortalezenses e que encanta todos que chegam lá (estrangeiros ou não), pelo vislumbre da Praia do Titanzinho, das ondas perfeitas para a prática do surfe, das pessoas acolhedoras, da simplicidade e do orgulho que as pessoas têm de morarem lá e terem o mar, o vento e a natureza tão pertinho de suas casas.

outras metodologias utilizadas por psicólogos e antropólogos, os desenhos temáticos e livres, que são especificamente para crianças e são contributivos nesse aspecto. Mas enquanto a psicologia faz um aprofundamento na análise dos desenhos, para a antropologia da criança ele contribui enquanto uma explicação das crianças acerca do que desenharam, como motivador para se expressarem e assim trazendo uma compreensão sobre suas percepções culturais. Mas segundo Flávia (2007), os desenhos não são materiais convencionais na tradição de estudos antropológicos.

A aproximação com as crianças é um *risco em campo*, ou melhor, de se *perder o campo*. Pois na condição de adultos estamos sujeitos a conquistar-lhes a confiança e isso é uma tarefa árdua. Pesquisar crianças é um desafio a ser superado a cada instante que se está com elas. Flávia (2007) discorre sobre sua experiência na pesquisa *com* crianças:

Precisava me aproximar das crianças, a fim de trocar experiências de vida. Precisava ouvir as crianças, suas opiniões sobre o mundo, sobre a religião, sobre os fatos do cotidiano. (...) Se as crianças confiam no pesquisador, provavelmente vão confiar nos instrumentos de pesquisa que ele propuser. (p. 234).

A escuta, o dar importância as suas falas e estar sempre por perto como uma amiga e não como mais um adulto “chato” querendo lhe impor regras foram posturas decisivas na construção da confiança com as crianças do Serviluz. Eu as levava a sério, mesmo nas brincadeiras, mas levar a sério lhes dando a importância que gostariam de ter, elas iam me mostrando isso aos poucos. A aproximação forçada não era interessante, pois as crianças devem lhe escolher e se mostrarem dispostas a estarem próximas, o que é um pouco diferente da relação com os adultos em pesquisa. A dinâmica de confiança com crianças é distinta daquela que procuramos fazer com os adultos. Conquistar a escuta, conquistar a confiança, ser criança num corpo adulto e de maneira espontânea. Afinal, somos todos crianças, nunca deixamos de ser uma, apesar da exaustão que sentimos já que não temos mais a mesma energia de uma criança.

Brincando no mar, na areia, conversando e rindo, aceitando seus abraços e abraçando, compartilhando os afetos e as histórias, falavam delas e eu falava de mim para elas, uma rede de trocas onde confianças foram se tecendo, tanto delas comigo e vice-versa. Mas isso não aconteceu da noite para o dia, foi na experiência, no *estar com elas* que aprendi muitas maneiras de construir uma metodologia. Os artigos lidos, as teorias estudadas, as experiências etnográficas de importantes antropólogos da área da infância contribuíram certamente, mas não

ao ponto de me tornar segura e certa de que os métodos eram eficazes para as crianças pesquisadas nesse trabalho, afinal, se tratava de outro contexto social e cultural. Apenas a prática e a troca de experiências com elas que possibilitou uma certa segurança em campo e no manejo com as ferramentas.

É necessário considerar o ponto de vista das crianças nas pesquisas, pois falamos *dela e para* elas também que escrevemos. A etnografia nesse sentido deve ser uma etnografia *com* crianças, como participantes, e não *sobre* crianças, o que traz uma concepção de distanciamento.

1.2.2 “Brincando” com a metodologia: testar a reflexividade

“Brincar” com a metodologia é fazer com que essa metodologia seja construída com as crianças e os sujeitos envolvidos nesse processo. A “brincadeira” é uma bricolagem, um mosaico que pode ser colorido pelas crianças e respeitando o tempo delas⁸. Essa “brincadeira” me levou a refletir e a questionar os métodos convencionais de pesquisa e até que ponto eram produtivos para mim e para as crianças.

As metodologias utilizadas foram trabalho de campo etnográfico, entrevistas em profundidade, conversas informais, rodas de conversação, desenhos e oficinas.

A entrevista em profundidade com um roteiro semi-estruturado não foi um método utilizado com as crianças, mas com o coordenador do projeto Metamorfose. Com as crianças e os voluntários do projeto estava sempre utilizando as conversas informais, já as rodas de conversação, desenhos e oficinas foram utilizadas apenas com as crianças.

Os desenhos foram agregados à pesquisa, pois em algumas atividades promovidas por Anailton percebia que elas pediam para desenhar e rabiscar antes do início da atividade.

A oficina foi uma proposta feita por Anailton após a primeira atividade que desenvolvi com as crianças do projeto. Antes disso ele já havia me relatado que não tinha tempo

⁸ Moacir Palmeiras fala de “O Tempo da Política” e daí emerge a reflexão entorno do “Tempo das Crianças”. Tempo este construído por elas e com todos os suportes culturais, espaciais, sociais e interacionais que elas possuem, tomando-as como produtoras de cultura. O tempo da criança se torna diferente e especial em relação ao tempo dos adultos, pois devemos levar em consideração seu processo formativo de modo geral, não que os adultos também ainda não estejam vivenciando tal processo. Respeitar o tempo delas seria respeitá-las enquanto sujeitos potencialmente capazes de se expressarem, comunicarem verbal ou não-verbal suas percepções culturais e sociais.

para executar essas oficinas com elas, pois estava sempre com muitas demandas a fazer. Num sábado depois da praia ele me emprestou um livro, *Mãos ao Bom Trato: adolescentes Educando*⁹, e disse que se quisesse poderia fazer as oficinas propostas com as crianças, pois imaginava que iriam me ajudar na pesquisa. Anailton estava me emprestando um método de pesquisa que contribui bastante para uma maior aproximação com as crianças e que de alguma maneira serviria de *moeda de troca* entre pesquisadora e sujeitos de pesquisa. Minha pesquisa não ficaria restrita a “sugar” as percepções das crianças e em nada dar-lhes em troca, ou seja, me preocupava em fazer com que nesse processo de campo pudesse deixar reflexões, algum conhecimento e trocar experiências com os sujeitos; mas não que achasse que eles precisassem ou pedissem isso de mim, e sim mais como uma necessidade subjetiva da pesquisadora.

Uma *abordagem metodológica sincera*, perguntando o que desejavam fazer, quais brincadeiras queriam e demonstrar interesse pela opinião delas e em alguns momentos fazer sugestões influenciou bastante nessa reflexividade metodológica.

Desde o início da pesquisa utilizei o trabalho de campo etnográfico¹⁰ e as conversas informais com as crianças, a partir daí comecei a perceber que elas se mostravam bem participativas nas atividades que pudessem ficar em grupos conversando, brincando e também se “*acusando*” mutuamente, ou seja, deferindo *atributos negativos* aos colegas. Ao propor rodas de conversação nas brincadeiras ou entre elas se mostravam interessadas e astutas nas respostas, em complementar o comentário de um colega e interagirem no esforço de fazer um comentário que fizesse parte do cotidiano vivenciado na comunidade. Comecei a notar que as rodas de conversação seriam um ponto forte para analisar a percepção delas, mas essas rodas iniciadas na praia geravam um desconforto para mim, pois se fossem no mar eu tinha que ficar atenta aos movimentos das crianças e aos seus discursos ao mesmo tempo, enquanto estava

⁹ “MÃOS AO BOM TRATO” surgiu como resposta à demanda de adolescentes e jovens que participam anualmente na Campanha de vacinação contra os maus-tratos com crianças e adolescentes: “UM TRATO PELO BOM TRATO”. Esta campanha se realiza no Uruguai desde o ano de 2003, é organizada pelo Programa CLAVES da Juventude para Cristo (JPC) e por Andenes; recebe o apoio de diversos organismos nacionais e internacionais. É uma atividade de sensibilização pública sobre as situações de violência cotidiana que muitas crianças e adolescente sofrem. Na campanha, adolescentes e jovens de todo o país, de diversos grupos sociais, “vacinam” simbolicamente casais e adultos, convidando-os a se comprometer na realização de ações concretas de Bom Trato com a infância e a adolescência. Isto se materializa com a assinatura de um “Certificado de Vacinação contra os maus-tratos”, com a entrega de um doce (simbolizando uma dose de doçura do Bom Trato) e de um adesivo com o logotipo da campanha “UM TRATO PELO BOM TRATO”. (Informações extraídas de *Mãos ao Bom Trato: adolescentes Educando*).

¹⁰ Essa metodologia de trabalho se baseou essencialmente em observações do cotidiano e da dinâmica da comunidade, nas suas práticas e atividades em geral, em registros escritos em caderno de campo e posteriormente em diários de campo, muitas conversas com adultos e com crianças e em interações construídas ao longo da pesquisa.

responsável naquele momento para que não fossem muito para o fundo do mar. Refletindo como poderia não perder esse método e ao mesmo tempo aproveitar a praia com elas, as crianças e, principalmente as meninas, gostavam de ficar na areia brincando de fazer castelo. Então as rodas começaram a serem realizadas entre o *mar* e a *areia* de acordo com a vontade delas. Mas as crianças tinham o seu *tempo* e passei a notar que deveria respeitar esse *tempo*. O *tempo da criança* era diferente do tempo do adulto, pois com o Anailton podia marcar um horário para conversamos ou para entrevistá-lo com uma duração, por exemplo, de uma hora. Mas com as crianças a lógica parecia outra, principalmente, com aquelas que tinham entre 4 anos e 9 anos. Elas em pouco tempo se mostravam inquietas, mudavam de assunto rapidamente, qualquer comentário de alguém da roda ou fora fazia com que se distraíssem e, então me deixam só na roda. Elas tinham uma urgência em aproveitar a praia e brincar. Então, como não tinha jeito de continuar a roda eu *entrava no tempo* delas e na *brincadeira*. Essas brincadeiras também foram importantes, pois na maioria delas fui percebendo como significavam o lugar e atribuíam imagens aos colegas.

Os desenhos, rodas de conversação e as oficinas foram articulados juntos na casa do projeto. Na primeira atividade que coordenei me apresentei como estudante da Universidade e de que estava ali fazendo uma pesquisa para saber como era ser criança no Serviluz, em seguida pedi para que se apresentasse e dissessem o que mais gostavam de fazer.

Na segunda atividade, em outro dia, sugeri que fizessem os desenhos livres. O segundo desenho sugerido foi temático: desenhar sua casa e sua rua. Havia um total de 17 (dezessete) desenhos produzidos individualmente. No segundo desenho foram produzindo 13 (treze). Fizemos uma roda de conversação onde explicaram os desenhos e conversamos sobre eles. Depois fizemos uma oficina chamada “Bom trato ao alcance das mãos”, os objetivos desta oficina eram definir o que são maus-tratos e bom trato, identificar situações cotidianas que nos mostram formas de maus-tratos e bom trato, promover ações e maneiras de se relacionar com bom trato.

No terceiro encontro com as crianças elas desenharam o Serviluz (5 desenhos produzidos) e a violência (5 desenhos também). Explicaram-me seus desenhos, fizemos uma roda de conversação sobre o que achavam do bairro, das áreas de conflitos, sobre a violência e como seria sem violência. Em seguida, fiz uma oficina intitulada “Mãos em ação”, onde o objetivo dessa oficina era expressar o que sentimos e pensamos de uma maneira clara, adequada, de forma que nos entendam, sem passividade, nem violência.

No final de todas as atividades que desenvolvia no espaço do projeto pedia para que elas sugerissem uma brincadeira, mas em alguns momentos elas pediam que eu dissesse a brincadeira, pois eu tinha que ser a *líder*. O *comando adulto* e as *posturas adultocêntricas* eram pedidos por elas em vários momentos onde eu expressava e negava essa posição e lhes dava a liberdade de escolherem o que queriam brincar, pois afinal elas sabiam brincar, já eu não sabia mais, tinha me tornando *adulta*.

Nessas atividades, além do lanche, procurava sempre levar algo novo, como pirulitos, chocolates e uma vez levei umas orelhinhas de coelho, por conta da proximidade com a Páscoa. Elas faziam a festa! Os olhos brilhavam com as surpresas e espantadas ao saberem que a surpresa seria compartilhada com todos ali presentes, ninguém ficaria de fora e as brigas em torno de um objeto (um pirulito, por exemplo) se cessavam. Nesses momentos de festa esqueciam as diferenças demarcadas pelos territórios conflitantes e todas se tornavam apenas crianças brincando. A festa dos meninos e meninas se coloriam entre doces, fantasias e na expectativa das próximas surpresas. A pesquisadora sempre estando atenta ao que elas gostavam e procurando ser criativa ao mesmo tempo.

Dessa maneira, “brincar” fazendo metodologia com crianças e deixando estas fazerem parte desse processo de construção traz um aspecto transformador nos resultados, pois na imprevisibilidade algo que não se esperava pode acontecer a qualquer momento. A “brincadeira” se tornou mais flexível, menos tensa e a diversão tomava conta dos encontros, risadas e muita alegria contagiante.

1.3 Breve apresentação...

O capítulo dois traz alguns discursos acadêmicos, jornalísticos, nativos e, também, algumas impressões minhas acerca do Serviluz, para que assim não me prendesse a uma exposição ou a uma história única sobre o local, em decorrência de ser tão *multifacetado*. O que é o Serviluz dentro da cidade de Fortaleza? Qual a sua história e a história de seu povo formador? Quantas histórias ele teria para contar?

No capítulo terceiro, descrevo o que é o projeto Metamorfose e seus objetivos, mas também a importância que os projetos sociais possuem na vida social do Serviluz. Em seguida, descrevo as atividades desempenhadas com as crianças no Metamorfose. O direcionamento

deste capítulo se constituirá pelas narrativas do idealizador, dos voluntários do projeto Metamorfose, Val, Joab, Monaliza, João e Rebeca¹¹, mas também das crianças nas atividades permanentes.

O “centro de equilíbrio” de discursão do quarto capítulo será as intersubjetividades deslocadas e fluidas entre pesquisadora e “nativos” e, principalmente, entre “nativos”. Acredito que essas intersubjetividades não estejam separadas entre si quando se investe numa pesquisa etnográfica. Procurarei trazer a cena da discussão alguns debates sobre esse tema que julgo ser relevante e construtivo para pensarmos os estudos de experiências humanas a partir de uma experiência pessoal, sendo esta a característica fundamental da antropologia, segundo Marcio Goldman (2006). As questões das “*acusações*”, interações, experiências, intersubjetividades, “*delatores*” entre crianças com crianças, entre adultos e pesquisadora, mas também entre está e os sujeitos pesquisados, se encontram neste capítulo, e onde também discorro sobre a questão dos “*delatores*” do *interior* e do *exterior* numa perspectiva *cidade* e “*favela*”.

¹¹ Val, Joab, Monaliza, João e Rebeca são voluntários e possuem total confiança de Anailton nas atividades do projeto. São integrantes da Igreja Presbiteriana localizada no Titanzinho. Todos, com exceção de Rebeca, nasceram na comunidade. O Val é ex-menino de rua e nas últimas notícias que tive sobre ele, estava “marcado para morrer”. Joab é um “rapaz transformado”, sendo Anailton, pois saiu das drogas e hoje trabalha como jovem aprendiz numa empresa vizinha à comunidade e está noivo de Monaliza. Está é estudante do ensino médio e almeja ir à Alemanha como Anailton, apreender mais sobre o trabalho missionário. João estuda na mesma classe de Monaliza e sempre está encarregado de trazer os meninos da Estiva, onde este mora, para as atividades no Titanzinho. Dentre os cinco, João, é único que participa das atividades recreativas num papel mais informal e caindo na brincadeira, talvez por ser o mais jovem. A Rebeca venho morar no Serviluz há três anos e reside na casa da mãe de Anailton, trabalha e no tempo que pode ajuda no projeto. Ela é prima da esposa de Anailton e namora com o Léo, outro voluntário no projeto.

2 – ALGUMAS HISTÓRIAS SOBRE O SERVILUZ...

2.1 Alguns discursos... e a história social do Serviluz

Imigrantes, aldeia, pescadores, porto, combustível, “bomba”, mar, pesca artesanal, estivadores, surfe, futebol, capoeira, natureza, cabarés, Farol Velho, prostitutas, homens, mulheres e crianças, casa, barraco, peixe, anzol, rede, prancha, bola, prêmios, sonhos, infância, desesperança, pranto, mortes, mães, filhos e filhas, sorrisos, abraços, benção, natureza, paz, fé. Essas palavras não estão dispostas num processo histórico linear, mas todas elas dizem um pouco do que foi e do que continua sendo o Serviluz.

O historiador André Aguiar Nogueira (2006) ressalva que o Serviluz é um núcleo habitacional com recente ocupação urbana, dada as transformações ocorridas nos espaços da cidade de Fortaleza, sobretudo a partir da segunda metade do século XX. As condições cotidianas dos moradores do lugar estão diretamente relacionadas ao modo de vida dos pobres na periferia urbana, principalmente, os das áreas litorâneas, estão sempre na linha tênue entre as políticas públicas e os setores privados da cidade, entre contradições e mediações. O Serviluz:

Situado entre o oceano Atlântico, o novo porto é um complexo industrial especializado no ramo de gás e combustível, esse estreito pedaço de praia no extremo leste de Fortaleza foi ocupado por um contingente bastante heterogêneo de trabalhadores. Ali, ainda hoje, pescadores, meretrizes, surfistas, portuários, trabalhadores da indústria, pequenos comerciantes e, sobretudo, trabalhadores do mercado informal, os ditos ‘biscateiros’, misturam-se, configurando aspectos particulares de uma comunidade culturalmente multifacetada e marcada por distintas experiências migratórias (NOGUEIRA, 2006, p. 10).

André Aguiar também discorre sobre a moradia das famílias na comunidade do Serviluz. Casas apertadas em ruas bastante estreitas que parecem mais um labirinto, casas estas que constantemente se encontram ameaçadas pela invasão da areia das praias, por conta dos fortes ventos. Há muitos relatos, segundo o historiador, de pessoas que tiveram suas casas derrubadas pelas ações dos ventos ou pela água da chuva. Avanço das marés, cortinas de areias, feroz ventania e depois o fogo da indústria petroquímica formaram elementos que iam se misturando à paisagem social do lugar. Nogueira chama essa mistura de “relação orgânica,

intensa e imediata entre homem e natureza, entre natureza e cultura” (NOGUEIRA, 2006, p. 10).

O nome *Serviluz* é originário do antigo Serviço de Luz e Força de Fortaleza, uma empresa geradora de energia elétrica extinta ainda nos anos de 1960. Com a desativação dessa, o nome Serviluz se tornou o nome popular para designar a favela que circundava a usina. Os moradores fazem um trocadinho que ao mesmo tempo estão se reconhecendo como pertencentes daquela comunidade: “Aqui é o Serviluz: de dia falta água e de noite falta luz”. (p. 10).

O que ocasionou as primeiras ocupações no Serviluz e de grande parte da área leste da cidade foram o novo porto de Fortaleza e a transferência, mas também a instalação de um novo ponto de meretrício em 1961, a chamada zona do Farol do Mucuripe, que venho a entrar em “crise” nos anos 90. Em decorrência dos períodos de forte estiagem (1978-1982) e gerando intenso processo migratório para nossa capital, mas também com o deslocamento de uma comunidade de pescadores que antes ocupavam a área do cais do porto, fez com que no fim dos anos 1970 o Serviluz estivesse povoado por uma diversidade de trabalhadores.

A praia do Mucuripe antes mesmo de tudo isso era um reduto de jangadeiros e prostitutas, mas com a construção do cais e chegada da indústria trouxe outros personagens: estivadores e outros indivíduos. No fim de 1970, com uma estiagem de quatro anos, novas favelas se formaram sobre as dunas da parte leste da cidade. Mas as favelas que circundavam o complexo portuário datam desde a década de 1940, no Mucuripe. Foi com a construção do novo porto que tudo se transformou na região.

Nos 1970 a imprensa cearense divulgava a situação dos bairros periféricos nas páginas policiais, produzindo representações que não correspondiam à realidade. Sobre determinados espaços da cidade, como o Serviluz, traziam notícias categorizando esses espaços como “perigosos”. As associações ainda tão presentes no bairro se expandem após os anos 1990 no Serviluz, e contribuem desde então para uma melhoria do lugar.

Antes do fim da construção do porto do Mucuripe, Fortaleza se encontrava em avançado e intenso processo de crescimento urbano em decorrência do inchaço populacional e pela favelização. Mas na região de dunas da região leste onde se verificou uma acentuada aglomeração de pessoas vindas de diversas partes da cidade, sobretudo, do interior do Ceará. O

porto e as fábricas que foram se instalando por ali acabou repercutindo na quantidade de trabalhadores que vinham morar próximos de seus locais de trabalho.

Onde se constituiu a comunidade do Serviluz, até o início dos anos 1960, apenas havia a paisagem formada pelo mar e pelo morro, quase não havendo ocupação humana no local. Mas Nogueira fala que a ocupação maciça do Serviluz pode ser dividida em dois momentos, o princípio da década de 1960 e o início dos anos 80. No primeiro momento, início dos anos 60, uma pequena porção da praia foi tomada por pescadores retirados da área do porto e nesta mesma época se iniciava o período áureo da pesca da lagosta, atividade que chamava muitos trabalhadores chegados à Fortaleza para a região do Mucuripe. A ocupação dessa área se deu também por conta da Colônia de Pescadores fazer interseção com à Capitania dos Portos, onde parte do terreno da marinha foi concedido para a habitação dos pescadores. No segundo momento, as atividades portuárias criaram necessidades de moradia para os trabalhadores do cais, então, na região do Serviluz, foi disponibilizada uma pequena vila, próxima ao porto e paralela a linha férrea desativada, a Estiva.

As migrações ocorridas em fins de 1970 e princípio de 1980 para o bairro se caracterizaram por uma variedade de trabalhadores dedicados a profissões urbanas, diferentemente da ocorrida na década de 60, onde o Serviluz foi tomado por pescadores e prostitutas. Essa característica do bairro “foi tanto uma consequência da segregação espacial imposta às camadas pobres da cidade quanto uma clara demonstração de que os pobres não foram totalmente expulsos da praia, quando essa passou a ser economicamente valorizada (PP.58 e 59).

A prostituição se alojou aos redores desde o início das obras do novo porto. Era a transferência da zona de meretrício vindo para o leste da cidade por trás do porto, o que indicava que a pobreza e a prostituição deveriam ser isoladas. A prostituição era a de bordéis, que se diferencia em muitos aspectos da praticada nas ruas. Mas desde a época do Mucuripe haviam campanhas e exigências públicas da vizinhança que se retirassem os bordéis de perto das “casas de bem, de família”. Pois uma zona de prostituição específica pode trazer um estigma à localidade. O Farol abrigou essa leva de prostitutas, que segundo Anjos Júnior (1983), 90% das mulheres eram oriundas do interior do Ceará ou de estados nordestinos próximos. A ampliação da leva de mulheres prostitutas era de acordo com o movimento da zona portuária, jovens migrantes e estrangeiros. As madames desempenhavam papel importante nesse universo, eram elas que iam ao interior do estado recrutas jovens para trabalharem nos cabarés e eram elas

também que negociavam diretamente com o prefeito a transferência da “zona”. Havia 70 (setenta) cabarés na região do Farol, onde entre quatro e seis mulheres estava em cada um. O estabelecimento disponibilizava de serviços de bar, espaço para dançar e aluguel de quartos. O desenvolvimento comercial do local se expandiu também com os botecos aos redores, com o consumo interno de alimentos, cosméticos, perfumes e roupas. Os estrangeiros pagavam em dólar. Anjos Júnior (1983) diz que os cabarés eram frequentados por americanos, franceses e que brasileiro não tinha vez, pois as mulheres tinham *status*. Elas ganhavam muito dinheiro e se vestiam bem, algumas juntaram uma “boa grana” ou se casaram com os estrangeiros, mas outras se casaram com os pescadores e trabalhadores da localidade e constituíram suas famílias por ali.

Mas o Farol não se resumiu apenas a zona de prostituição, a praia era local de lazer para muitas pessoas de “fora” da comunidade, sobre isso Nogueira (2006) discorre:

A zona de prostituição levava o nome do farol desativado que foi transformado em museu e, mesmo sendo alvo de preconceitos devido à sua localização, o Farol do Mucuripe foi durante certo tempo um importante ponto de visitação turística da cidade. Nos depoimentos, percebe-se que várias personalidades de Fortaleza e estrangeiros endinheirados se misturavam alegremente às mulheres e pescadores que residiam nos arredores. O “acolhimento” tornou-se uma prática econômica e cultural importante para a comunidade. Altos funcionários das multinacionais em estadia na cidade, muitos dos quais também estrangeiros, tinham nessa localidade a possibilidade de diversão e entretenimento ao lado da empresa que trabalhavam. Com toda essa movimentação, não apenas as casas noturnas lucravam, o pequeno comércio local cresceu consideravelmente, [...] e as pequenas mercearias foram se transformando para atender um público exigente e diversificado (NOGUEIRA, 2006, p. 63).

Diante desse crescimento local pescadores e “lagosteiros” (a lagosta na época trazia grande lucratividade) usufruíam dos serviços sexuais das mulheres do Farol, mas mesmo assim elas davam predileção aos marinheiros, pois eram menos grosseiros e generosos nos pagamentos. Nogueira percebeu em sua pesquisa historiográfica que há na fala das pessoas certa recusa e negação sobre a história do lugar relacionada à prostituição no bairro, como uma espécie de “mancha negra”.

Sobre os jovens do Serviluz, suas redes de relações, as conflitualidades do bairro, sobre as narrativas de dor das mães, o que se pode falar? Sá (2010) descreve as práticas culturais dos jovens moradores da comunidade do Serviluz. Uma descrição da vida social de jovens em uma favela à beira-mar considerada uma das mais violentas pela ordem simbólica da cidade e

militarmente ocupada pelas forças militares do Estado. Sua investigação sociocultural traz os âmbitos da escala de valores da favela em diversas relações, como por exemplo, um jovem da comunidade que rouba os de “dentro” é considerado um problema sério e com total descrédito. As tretas muitas vezes de cunho interpessoal passam a ser coletivas e uma série de conflitualidades se instauram nas intersubjetivas e nas práticas cotidianas do bairro, podendo uma pessoa se tornar uma figura subjetiva indesejada na “favela”. Além disso, Sá argumenta que o Serviluz é uma área de risco, segundo a Defesa Civil de Fortaleza, pois está no quintal de uma distribuidora da Petrobras, que armazena produtos inflamáveis e altamente explosivos. Outra realidade é a falta de água, luz, saneamento básico, ameaça do avanço do mar contra os barracos e um constante “comer com areia” em detrimento dos ventos fortes. Outra questão são as lutas entre gangues juvenis, lutas faccionais. O pesquisador na época se dizia estar num contexto de “guerra aberta” na comunidade “há períodos de calmaria no Serviluz e períodos de guerra aberta” (SÁ, 2010, p. 247).

Mediante uma diversidade cultural existente na comunidade, que fazem parte das práticas culturais dos jovens: pesca artesanal, surfe, música, dança, estilo de vida praieiro, religiosidade popular e projetos sociais. O autor acrescenta que diante dessas multiplicidades há duas práticas culturais desenvolvidas na comunidade que são suas maiores riquezas: a pesca artesanal e o surfe.

Sobre as crianças do Serviluz, Sá (2010) fala que elas crescem no *mundão* e aprendem com ele, pois:

[...] são acolhidas e rejeitadas pelo mundo por não terem tipo acolhimento em suas famílias. O que é o mundão? Mundão é algo que se diz de boca cheia, ‘eu vim do mundão’, ‘eu fui do mundão’, ‘me criei no mundão’ [...]. O mundão é o lugar da irmandade no crime. Mas também da irmandade na sobrevivência, o que implica principalmente receber afeto, carinho e atenção de alguém. [...] as crianças brincando de peia, aprendendo a brigar em torneios informais de vale-tudo, ou brincando de polícia e bandido com cabos de vassoura e pedaços de madeira que simulam as pistolas dos confrontos reais que assistem sistematicamente em seu mundo vivido, em seus locais de moradia, se objetivando como objetos de violência (SÁ, 2010, PP. 248 e 256).

Os jovens do Serviluz possuem relações intersubjetivas abrangentes dentro da comunidade e demonstram ter respeito por suas famílias e amigos, *consideração*. Mas no universo das lutas armadas eles dizem: “antes a mãe dele sofrer do que a minha”. A lógica

dominante é de quem consegue escapar da morte primeiro e logo há uma pressa em não ser a próxima vítima. Eles atribuem a esse estilo de vida como algo natural a dinâmica de pessoas envolvidas no crime e explicam: “o caçador deve ter mais predadores para não ser a caça do dia”. Os mercados ilícitos de drogas e armas estão presentes, mas não são os únicos motivos das mortes dos jovens. Disputas por segmentos territoriais, disputas amorosas, vingança familiar, discussões banais em contextos interacionais perfazem as dinâmicas da violência armada letal.

Outros discursos compartilham de algumas semelhanças, falo daqueles apresentados nas notícias dos principais jornais locais de Fortaleza, como por exemplo, *O Povo* e *Diário do Nordeste*. Esses sempre trazem matérias sobre o Serviluz relacionadas ao Titanzinho que tem sua história marcada pela relação forte com o mar, sua beleza natural, o surfe, os projetos sociais que desenvolvem essas atividades com os jovens nativos, os grandes nomes do surfe nacional e internacional oriundos do Serviluz (por exemplo, a surfista Tita Tavares, que conquistou diversos prêmios), a relação dos moradores com o mar, mas logo em seguida falam dos problemas estruturais e de saneamento básico que a comunidade sofre. Em outras matérias jornalísticas apresentam os casos de homicídios e outros crimes no interior da comunidade. Nas notícias também se apresentam outros discursos que dizem que 90% da população é beneficiada com o Bolsa Família e 80% têm apenas o Ensino Fundamental e vivem na informalidade, mas que 20% da população total do Serviluz sobrevive ainda da pesca. Em 2010 havia o projeto da construção de um Estaleiro¹², com a perspectiva de gerar 1.200 empregos diretos, onde 80% seriam de baixa qualificação e, segundo o governo beneficiaria grande parte da população do Serviluz¹³. Mas não foi executado devido as pressões de moradores e lideranças comunitárias em decorrência da remoção de diversas famílias por conta do vultoso empreendimento.

2.2 O Serviluz: “favela” à beira-mar

A “favela” do Serviluz tem uma praia que é a sua *festa*, dela se tira o sustento pela pesca, se “tira onda” para surfar e se divertir, campeonatos de surfe local, nas suas areias se bate um racha de futebol, no mar se banha o corpo que já é salgado desde os tempos de infância,

¹² Fábrica de navios gaseiros para a Petrobras Transporte S/A – Transpetro.

¹³ Notícia divulgada pelo jornal *Diário do Nordeste*, em 10 de fevereiro de 2010, “A simplicidade do Serviluz”. <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/a-simplicidade-do-serviluz.1.734754>>.

a contemplação do mar na ponta do espigão (prática recorrente de crianças, adultos e idosos), as *socialidades* se constroem no “fluxo das ondas” entre a praia do Titanzinho e a praia do Vizinho. Um paraíso sem igual que deixa encantado tantos visitantes, um paraíso natural que também é banhado por um “mar de sangue” e de lágrimas, mas também de esperança, como por exemplo, o esporte como construção de cidadania e “salvação” dos jovens.

O Serviluz é uma “favela” à beira-mar localizada na capital cearense. Fortaleza é a quinta capital do país em termo de população, tem mais de 2 milhões e 400 mil habitantes. Fortaleza tem uma história, provavelmente, mais antiga do que o Descobrimento do Brasil, em 22 de abril de 1500. Há um grande debate entre historiadores sobre quem teria chegado primeiro ao Brasil, se foi o português Pedro Álvares Cabral, na Bahia, ou o espanhol Vicente Yañez Pinzón, na Pontado Mucuripe, em 26 de janeiro ou 2 de fevereiro de 1500 (há divergências sobre a data correta). Logo, bem próximo onde hoje é o Serviluz¹⁴.

A comunidade do Serviluz está situada numa faixa de praia de pouco mais de três quilômetros enquistada na zona portuária, entre o cais do porto e o início do circuito de turismo e lazer da Praia do Futuro. Seu nome oficial não consta como Serviluz na Secretaria Executiva Regional II, e sim como Cais do Porto. Dessa maneira, o Serviluz inexistente na configuração urbana de Fortaleza e quando falamos dele estamos falando de um dos bairros situados no Grande Vicente Pinzón, que estão entre o Mucuripe e a Praia do Futuro.

Mas o Serviluz não é a única “favela” à beira-mar da orla marítima de Fortaleza. Existem ainda Vila Velha, Barra do Ceará, Pirambu, Cristo Redentor, Moura Brasil, Poço da Draga, Praia do Futuro e Caça e Pesca.

O Serviluz é uma comunidade no litoral leste da cidade de Fortaleza, onde vivem 22.382 pessoas¹⁵ distribuídas em aproximadamente cinco mil famílias, em uma área de 2,56 km². Pode ser compreendido como uma comunidade de “glórias” (prêmios conquistados pelos moradores nos campeonatos de surfe), disputa de território entre facções rivais, “perdas” (altos índices de violência letal e outras modalidades de interação violenta), marcada fortemente pela segregação socioespacial, lutas e resistências (tentativas de remoção por parte do poder público e de empresas privadas), abandono dos poderes públicos e, também, onde entre 1960 e 1990

¹⁴ Informações obtidas pelo site da Prefeitura de Fortaleza no *link*: <<http://www.fortaleza.ce.gov.br/cidade>>.

¹⁵ Esse número não corresponde a realidade, segundo o historiador André Aguiar, pois a dimensão geográfica confusa não corresponde à totalidade da população que lá habita. Estatísticas oficiais se chocam diante dos dados.

funcionou a principal zona de meretrício da cidade de Fortaleza, mesmo entrando em colapso não desapareceu por completo, pois surgiram novos mercados do sexo diferentes do formato antigo, destacando aqui a exploração sexual infantil.

A renda média do Serviluz, segundo os dados do Censo demográfico de 2010, é de R\$393,02, ou seja, inferior ao salário mínimo¹⁶. Mas o que mais chama a atenção é o fato de estar localizado numa das Regionais (SER II) mais ricas da cidade Fortaleza¹⁷, pois entre os dez (10) bairros mais ricos da cidade, a Regional II possui os nove (9) bairros mais ricos. Outro aspecto revelador das condições sociais da comunidade diz respeito ao seu IDH (Índice de Desenvolvimento Humano). Seu IDH – Educação figura entre os 10 piores de Fortaleza, mas sendo a Regional II a melhor no IDH comparada as outras Regionais. O IDH – Educação é calculado a partir da variável Porcentagem da População de 10 anos ou mais alfabetizada. Seu IDH, segundo o site da Prefeitura de Fortaleza, é 0,386.

Além de tudo isso, Sá (2010) analisa outras perspectivas que dizem muito sobre a situação socioeconômica e histórica da comunidade.

Destarte, a população residente no Serviluz está marcada por três fontes principais de estigmatização, marginalização e exclusão social. A primeira fonte está ligada à prostituição, pois no Farol Velho, porta de entrada do Titanzinho, funciona uma das mais antigas zonas de baixo meretrício da cidade com concentração de cabarés e de trabalhadores e trabalhadoras do mercado do sexo, com casos graves de exploração sexual comercial de crianças e adolescentes, violações, violência doméstica e sexual em geral. A segunda fonte é a da periculosidade criminal associada aos conflitos armados entre facções juvenis rivais com arsenais de armas que promovem guerras, vinganças, homicídios rituais, além de estarem envolvidos em diversos graus com o mundo do crime onde imperam acertos de contas, assaltos, furtos, roubos, tráfico de armas, de drogas e alta criminalidade letal. A terceira fonte de estigmas e de imputações negativas é relativa aos riscos socioambientais da área de moradia da comunidade, que está sujeita a incêndios, explosões, soterramentos e contaminações devido à vizinhança inflamável e poluente do complexo industrial portuário do Mucuripe no bairro Cais do Porto (SÁ, 2010, PP. 183 e 184).

¹⁶ O salário mínimo atual é de R\$724,00, para fins comparativos.

¹⁷ A Secretaria Executiva Regional (SER) II é formada por 20 bairros, onde moram 325.058 pessoas. O grande objetivo da Regional II é reduzir os desníveis sociais entre seus bairros. A Regional II abrange a Aldeota, bairro com grande adensamento comercial e de serviços, responsável por importante fatia da arrecadação municipal. Os bairros da SER II são: Aldeota, Cais do Porto, Cidade 2000, Cocó, De Lourdes, Dionísio Torres, Engenheiro Luciano Calvalcante, Guararapes, Joaquim Távora, Manuel Dias Branco, Meireles, Mucuripe, Papicu, Praia de Iracema, Praia do Futuro I e II, Salinas, São João do Tauape, Varjota, Vicente Pinzon. Fonte: <<http://www.fortaleza.ce.gov.br/regionais/regional-II>>. Nessa regional ainda temos Castelo Encantado e morro Santa Teresinha, duas comunidades com perfil semelhante ao Serviluz.

Durante a pesquisa de campo procurava fazer observações acerca das ruas por onde passava e das pessoas que estavam nelas, tais observações aconteciam mais intensamente ao *chegar* ou ao *sair* da comunidade. Algumas situações, práticas, gestos e falas me chamaram muita atenção pelo desconhecimento daquele novo universo para mim. Estava conhecendo uma “favela” e suas multiplicidades. Muitos bares e pequenas mercearias já estavam abertas logo de manhã cedo, a movimentação de pessoas era intensa, gente chegando (os “de dentro” da comunidade voltando do trabalho, por exemplo, ou os “de fora” chegando para surfar), gente saindo para trabalhar, para ir ao Centro da cidade, nas paradas de ônibus, bêbados movimentado e agitando onde passavam, crianças brincando de bola, de bila ou conversando nas calçadas. As interações e as conversas nas ruas iam se estendendo de esquina em esquina, assuntos que iam desde qual time local iria ganhar no campeonato de futebol até sobre a comida que iriam comer. Mulheres varriam suas calçadas, lavavam roupas nas bacias grandes e nas calçadas, enquanto, papeavam com a vizinhança e com os passantes. Sempre aos sábados nos finais das manhãs é costumeiro se encontrar pelas ruas do Serviluz muitas mulheres e homens desempenhando atividades domésticas entre a porta de casa e a rua, pois é o dia que estão de folga do trabalho, “é o dia de lavar roupa suja” (Fazendo um trocadinho aqui com os conflitos). Muitos varais espalhados no meio da rua, muitas roupas, coxas de cama retalhadas. Fica difícil até de passar pela rua. Os passantes driblam e disputam espaço com as roupas que secam, mas um respeito transparece em se passar e não tocar nas roupas do outro.

Crianças que passavam com o saco de pão garantido do dia, quentinhos e seriam o acompanhante do café quentinho que esperava em casa. Crianças aos montes acompanhadas entre elas ou entre adultos, mas sendo mais raro vê-las andando livremente em turmas, de bicicleta na direção ou na garupa, ou caminhando. Na casa das crianças as avós, tias, mães, irmãos, pais ou padrastos esperam o pão para irem trabalhar ou exercer outras atividades. Na casa das crianças há poucos cômodos e a família, sendo numerosa, dorme amontoadas. As casas aparentam constantemente estado de reconstrução. Não há uma semana dentro de uma rua que não se observe uma obra sendo iniciada. As meninas reclamavam de seus quartos não terem portas ou de terem que dividir com os irmãos homens. As casas poderiam ser barracos na beira da praia ou casas simples ou ainda casas duplex. Outros jovens que já morram na rua preferem o chão como cama, pois é mais “friozinho”¹⁸.

¹⁸ Expressão de um ex-menino de rua integrante do projeto Metamorfose enquanto fazíamos um café fresquinho de manhã cedo. Ele relata também que nunca precisou tomar café para ficar acordado na rua, pois a própria rua não lhe deixava dormir, pois a atenção era necessária diante dos perigos da rua.

Pichações nos muros dos comércios e em pontos de esquina são sempre visíveis, como por exemplo, “comando favela”, “O Titanzinho precisa de Deus”. Inscrições que sempre remetem ao contexto violento dos conflitos e na expectativa de dias melhores.

Em dias da semana ou nos fins de semana a Praia do Titanzinho sempre está repleta de usuários. Um homem negro, alto e com uma câmera fotográfica especializada está posicionado e com a lente direcionada para aqueles que surfam lindamente na onda perfeita do mar. Ao lado dele jovens com uma prancha embaixo do braço. A filha do Titanzinho e a atleta de surfe reconhecida nacionalmente e internacionalmente, Titã, estava costumeiramente marcando presença nas calçadas da comunidade e rodeada por crianças e adolescentes que sonham ser a Titã quando crescerem. Nesse meio termo muitos carrões passavam, os “de fora” vinham ter aulas de surfe particular e muitos chegavam de madrugada quando o pico das ondas era perfeito. As viaturas do Ronda do Quarteirão em todos os turnos se faziam presentes também.

Nas ruas os costumes alimentares da comunidade e suas práticas interativas se expressavam, como por exemplo, um senhor agachado na calçada, sem camisa segurava um pão numa mão e um peixe na outra; ia comendo os dois simultaneamente. Os jogos nas ruas a qualquer horário do dia. Mas sendo ou grupos só de mulheres ou só de homens, em grande quantidade de pessoas, eles jogam damas e cartas.

Nesse contexto o Serviluz está situado numa área da cidade extremamente disputada pelos “poderosos”, pela especulação imobiliária, circundado pelos espaços de lazer e turismo da cidade e, também, com alta concentração de miséria, riscos ambientais etc. Além desse contexto há os grupos dominantes dentro da “favela” que são formados por alguns jovens comandantes do tráfico de drogas e de armas, mas também os policiais são agentes dominantes nos crimes e ilegalidades do lugar. Enfim, uma rede extensa ocupa lugar na cena da “favela”.

2.3 Segmentaridades, conflitos sociais e significações

A noção de *segmentaridade* que usarei está baseada em Gilles Deleuze e Félix Guattari (1996). Os autores aludem a uma segmentaridade que por vezes pode ser dinâmica, *flexível*, e outras vezes *dura*. Mas ambas me parecem potentes em conteúdo e forma, e que

podem trazer alusão a configuração simbólica dos segmentos do Serviluz, mas também podem traçar as percepções dos moradores da comunidade.

O Serviluz é entrecortado por fronteiras e áreas de conflito onde ocorrem diversas disputas por território entre facções rivais, mas também, vários conflitos de fronteiras e, conseqüentemente, se refletem em disputas armadas letais dentro da “favela”. Alguns desses segmentos territoriais são: Farol (zona de baixo meretrício), Titanzinho (onde há a maior concentração da rede de parentesco e onde o surfe é destaque), Estiva (que surgiu em 1960, juntamente com o segmento do Farol e foi ocupado por Estivadores e suas famílias. A permanência destes trabalhadores se justificava por ficarem mais próximos do local de trabalho), Campo do Paulista (segmento dos comerciantes locais e dos donos de peixarias), Portão, Boca do Golfinho, Rastro, Pracinha (o mais novo segmento da comunidade), Sardinha. Esses segmentos e suas fronteiras são simbólicos, mas desempenham importância na vida do bairro e sendo repressiva zona de poder e, onde também, perpassam todo o cotidiano dos moradores.

Anailton e Marcelo, este amigo do primeiro e morador de uma rua chamada fronteira (no Tintazinho) em entrevista reconhecem todos os segmentos existentes na comunidade, mas frisam que as três áreas mais estigmatizadas são: Titanzinho, Estiva e Pracinha. Dessa maneira, Anailton justifica, assim, o fato de centralizar as atividades do projeto nessas áreas, pois ele as percebe com as mais carentes e conflitantes diante das demais. Marcelo me contou que entre 2000 e 2001 houve uma briga num clube de *reggae* e isso teria causado as divisões atuais. Anailton concordou, mas completou dizendo que antes dessa briga houve outras motivações latentes para que se realizassem tais contornos na comunidade e inflamassem os conflitos. Este ainda explana que quando criança tais divisões não existiam, mas já existiam os conflitos e as tretas entre jovens locais. Anailton, 23 anos, presenciou muitas histórias no bairro.

As gangues rivais na comunidade do Serviluz, segundo Sá (2010)¹⁹, estavam em guerra desde o final da década de 1980 e início da década de 1990, “quando o fenômeno da gangue ganhou, no debate público, um caráter amplo e permanente, determinando assim as variações da representação simbólica dos jovens do bairro, na cidade, como jovens gangueiros

¹⁹ No trabalho de Sá (2010) a questão da briga de gangues toma como fio condutor de análise e influência a pesquisa de tese de Glória Diógenes, “Cartografias da Cultura e da Violência: Gangues, Galeras e o Movimento Hip Hop” (1998).

temidos” (p. 96). Sá também discorre sobre os parentes das vítimas das lutas mortais entre gangues:

[...] não há campo de direito garantido, afinal os direitos constitucionais adquiridos não são endereçados às famílias das favelas, de modo que estas não têm como fazer uma negociação entre suas experiências de apelo à justiça com as regras jurídicas de um campo social que lhes nega acesso ao reconhecimento do direito da pessoa. (SÁ, 2010, p. 96).

Durante a entrevista Anailton definiu em uma palavra cada uma das três áreas percebidas por ele como as mais estigmatizadas e, logo, as justificou e as significou de acordo com seus conhecimentos e vivências nos locais. Para ele, Serviluz é *desafio*, Pracinha é *resgate* e Estiva *parte de um corpo, membro*. Mas essas palavras se referiam a imagem que gostaria que todos tivessem e ao mesmo tempo fala delas de maneira “profética”, como ele mesmo disse. Ele traça *palavras negativas* para cada um dos segmentos. A “Pracinha é a *miséria*”, a “Estiva é *organizada*” e o “Titanzinho é *ingrato*”. Mas diz que não pode falar assim de cada segmento, então procura ver por uma perspectiva profética e de como gostaria que esses lugares fossem; “Pracinha *resgatada*”, pois faz parte da história do Serviluz e há valores perdidos nesses segmentos que necessitam ser resgatados. A “Estiva é um *membro/parte* da comunidade”, pois é a área mais excluída comparada com as demais, então deve ser vista como integrante do todo. O “Titanzinho seria *descoberta*”, pois o Serviluz começou nele e os primeiros nativos o descobriram, logo, ele seria sinônimo de *identificação*. Anailton diz: “As pessoas quando fala Serviluz pensa no Titanzinho. Às vezes nem conhece o Serviluz, mas conhece o Titanzinho. Se fosse fazer o *link*: Titanzinho descoberta de um local que precisa ser resgatado, integrando-se todos (...) Tudo tá ligado num só, Serviluz”.

A apresentação numa única palavra de cada segmento da comunidade percebida por Anailton diz muito sobre a história social do Serviluz, mas também, sobre os laços comunitários em torno dessa história que é construída e que se reflete no presente do lugar e na vida social das pessoas. As lutas, as resistências pela remoção, as raízes, a identidade marcada pelo pertencimento, as dificuldades sociais de longas gerações são características inerentes na fala e na emoção do coordenador durante toda a entrevista. Uma história social vivenciada e apreciada por um jovem que passou por muitas periferias de Fortaleza fazendo arte (cantando e compondo *hip hop*) e tecendo uma rede de relações sociais variadíssima.

A maneira *profética* como Anailton apresenta as três áreas diz respeito aos seus valores e seu desejo pulsante de como gostaria que esses segmentos fossem da maneira como ele fala, pois para ele e outros cristãos a “palavra tem poder” diante das coisas que trazem o mal. Então, ele acredita que essa maneira de se expressar irá *transformar* a realidade existente. Diante disso, ele percebe as seguintes condições: na Pracinha há *miséria* e, logo, deve ser *resgatada*; recai sobre a Estiva a *exclusão* e a *indiferença* perante o Serviluz e, logo, deve ser um *membro integrante*, um *membro que faz parte do corpo*; o Titanzinho é *descoberta* em duas perspectivas, antes o Serviluz habitava outro território, a Praia Mansa, então a população se deslocou para lá e logo se tornou uma *descoberta*, um novo começo para o Serviluz. Mas também é *descoberta*, porque muitos que não conhecem o Serviluz conhecem a Praia do Titanzinho e se encantam por sua beleza; *redescoberta* da cidade e por sua vez torna-se *identificação* da comunidade, cartão postal. O Serviluz por si mesmo é *desafio* por conta de todos esses termos ditos por ele como *negativos* imputados as principais áreas. A integração das áreas de conflitos só seria possível, segundo ele, através do resgate de valores e princípios perdidos ao longo da história do bairro.

As narrativas de Marcelo e Anailton iam se afunilando a cada palavra dita. Mas o Serviluz não é dividido por apenas três áreas de conflitos, há outras segmentaridades. Muitas das ruas do Serviluz são fronteiras e regiões de conflitos e disputa entre jovens envolvidos com as múltiplas ilegalidades. Segundo o Anailton, isso ocorre por conta do aumento do tráfego, que incentiva o aumento da violência e os desentendimentos, que antes as pessoas resolviam suas questões conversando e hoje o acesso a uma arma é muito fácil ou se pega uma faca e resolve-se na violência. Então, isso gera a discórdia, a raiva, a vingança e as divisões. Ele considera que a fragilidade dessas situações está na própria família, na “desestrutura” da família²⁰. A família em sua visão é a base de formação do indivíduo e a responsável por quem ele será no futuro. Anailton acrescenta e atribui a responsabilidade para todos do bairro:

Tudo isso por causa de problemas na mente. E se existe essa divisão dentro de território é consequência de divisões dentro da família. Infelizmente o mundo tá assim. É só Deus. A culpa não é do fulano de tal que vende droga, do fulano de tal que usa arma, não. O problema é nosso. (Trecho de entrevista).

²⁰ A antropóloga Claudia Fonseca ao abordar a questão de crianças abandonadas diz: “A moradia deplorável, a prolicidade insistente, os des- e re-casamentos, o emprego irregular... tudo converge para confirmar a imagem da família ‘desestruturada’, como causa evidente do ‘abandono’...” (FONSECA, 1999, p. 2).

César Barreira em entrevista ao jornal *Diário do Nordeste*, 25/10/2009, discorre sobre a vulnerabilidade das instituições, que antes eram consideradas seguras ou sagradas (família e escola). Dessa maneira, os pais entregavam a educação de seus filhos aos professores da escola. Violência e Individualismo são ingredientes de composição de uma cultura do medo, fazendo com que as novas gerações restrinjam sua circulação pela cidade. Nas palavras de Barreira:

A juventude é vista como agressora, mas acho que deveria se falar dela como vítima. Porque é ela que morre mais, formando um percentual superior do que aquela considerada agressora. A gente teria que discutir se realmente tudo isso que computamos para a juventude, no sentido de que ela é violenta, são mesmo práticas violentas. Por que existem dois dados novos nessa questão.

O uso de drogas, principalmente, o crack e a utilização da arma de fogo são dois dados que mudam o perfil dessa juventude. Ou seja, a juventude acaba se tornando mais vítima do que agressora nesses contextos e nas práticas violentas. Várias dimensões transpassam a questão das *segmentaridades* e dos atores sociais envolvidos nesse contexto.

Os interlocutores percebiam que apesar da existência de múltiplos segmentos simbólicos no Serviluz, não apagava a importância das três áreas: Titanzinho, Pracinha e Estiva. Pois elas “carregam já de há muito tempo, a maldição”. A maldição a que se referem diz respeito a história, a formação dessas áreas, mas também as várias tragédias familiares, as mortes transcorridas pelos conflitos entre as facções armadas dentro da “favela”. Marcelo relata um pouco essa formação:

Antigamente tinha os baile *funk*. Aí antigamente o conflito era só Favela e Estiva. Quando juntou a Pracinha foi quando começou a ter o *reggae*. Tinha um *reggae*. Foi por discussão, troca de fait mesmo que começou. Como já tinha Favela e Estiva. Pronto começou. Foi por esse período mesmo, 2000, 2001 que começou o conflito dessas três áreas. Mas era só Favela e Estiva por conta dos baile *funk*. Favela é o Farol. Quando tu entra antes de entrar no Titan, entra na Favela. Começou porque um da Favela matou um da Estiva e antigamente isso era raro, chegaram e mataram um cara. Um da Estiva matou um da Favela, isso era raridade acontecer. Parou um tempo e depois continuou de novo quando rolou esse *reggae*. Por que de ter acontecido tudo isso? Foi por causa de uma briga. (Trecho de entrevista).

As divisões simbólicas entre os territórios do bairro decorriam por várias motivações: brigas, assassinatos, agressões, disputas amorosas, disputas por zonas de assalto a

turistas vindos da Praia do Futuro (Titan e Pracinha disputavam na Praia do Vizinho), disputas pelo controle do tráfico, *inveja* pelo assalto do outro e “ladrão rouba ladrão”, gerando outras discórdias.

Pracinha, Titanzinho e Estiva sempre irão existir para Anailton e Marcelo, pois é uma maldição, e as divisões acontecem nas ruas de cada uma, “*mas a galera da Estiva sempre vai dizer: ‘a galera da Titan tá se dividindo, a galera da Pracinha se dividiram, a galera da Estiva se dividiram’*”, como se fossem grandes áreas com subdivisões internas. Ouvia por diversas vezes dos moradores do local que os conflitos e os extermínios de jovens não se restringiam mais apenas às famosas áreas de repartição do bairro, mas também estavam espraiadas pelas ruas da comunidade; outros me disseram que isso já estava acontecendo de “casa para casa”, ou seja, numa mesma rua estava se inflamando disputas de diversas naturezas. Além das áreas, das ruas e das casas como *segmentaridades*, também existem as fronteiras, locais que fazem as divisas entre todos esses segmentos. Antes as áreas de destaque eram Fronteira, Favela (no Titan), Estiva, Pracinha. A rua com mais destaque hoje é a “rua do bagulho” no Titanzinho, onde, segundo eles, é o maior ponto de tráfico de drogas. Estiva, Pracinha e Titanzinho são as áreas de destaque nos conflitos da comunidade. Dentre essas três áreas, a Estiva é a mais bem armada, organizada e antiga área de conflitos armados entre gangues e a maior responsável por assassinatos no Titanzinho, segundo os interlocutores.

Conversando informalmente com Dona Mariazinha, fundadora e coordenadora da Associação dos Moradores do Serviluz, ela me relatou ser a responsável pela implementação do Núcleo de Policialmente Comunitário para o bairro, e que isso trouxe muitas melhorias em relação aos conflitos entre os segmentos, pois nem todos os policiais são corruptos. Júnior, filho dela, retrucava dizendo que os policiais são corruptos sim e que na troca de horários que os bandidos fazem as coisas, que já avisou a polícia sobre e que não deveriam fixar horários nas trocas. É na troca de horários que os bandidos matam, recebem drogas e dinheiro. Falou que no conforto das viaturas, ar-condicionado, o policial não vai descer para pegar os armados. Com as viaturas eles não conseguem entrar nas ruas estreitas da comunidade e que na opinião dele deveria ser como antigamente, homens em dupla andando. Em relação aos jovens como vítimas e como matadores, 99% ou 90% são analfabetos dos quem matam e dos que morrem, eles não chegam ao 1º grau, não chega aos 15 anos, máximo 18 anos, segundo Júnior. César, seu irmão, e Dona Mariazinha concordaram. Segundo ele, a solução para o problema seria um colégio integral e que poderia ser construído no Campo do Paulista. No final, me perguntaram onde eu

morava e falei que em Caucaia. O Júnior e seu irmão falaram que o problema de Caucaia é que tem muito latrocínio e que no Serviluz não tem, que ninguém me assaltaria, posso andar de mochila e nada acontece. Eu estava com uma mochila enorme nas costas nesse dia. Eles contaram que há muitos tiroteios, rivais, disputa por território, drogas e chefes no Serviluz. E os conflitos se intensificaram e passaram de “esquina para esquina”, de “vizinhos para vizinhos”, de “rua para rua”. Júnior disse: “Agora é pior, de uma rua para outra”. César fala que isso ocorreu de um ano para cá mais ou menos, mas Júnior falou em seis meses e que se intensificou há dois meses. Só a rua deles “escapa”, pois as “ruas dos santos” São José, São Sebastião, São Gerardo estão “tomadas” pelos conflitos e entre 21h, 22h não se vê mais ninguém nas ruas do Serviluz.

Assim, as narrativas de Dona Mariazinha e de seus dois filhos demonstram uma preocupação com os conflitos latentes e o pedido de segurança para a comunidade. Percebem duas soluções: um policiamento mais ostensivo e uma escola integral para os jovens da localidade. Se sentem vulneráveis diante da complexidade cotidiana e veem como grave não poderem andar tranquilamente pelas ruas do bairro. Irllys Barreira (2011) explana essas questões:

O medo da cidade pode ser visto como as incapacidades de dominar os códigos de convivência. A forte demanda feita de vigilância, feita às instituições, está presente em vários discursos e denúncias da população. A certeza do ir e vir, que caracterizava a crença no funcionamento das atividades cotidianas é gradativamente substituída pela sensação de vulnerabilidade. (BARREIRA, 2011, p. 99).

Durante as rodas de conversação com as crianças²¹ também foi possível perceber o ponto de vista delas acerca dessas *segmentaridades*. Quando perguntei o que achavam do Serviluz elas me responderam da seguinte maneira: Marcos: “Ruim. Porque tem morte”. Luiza: “A favela eu acho violento e na minha rua eu acho legal”. Ao serem perguntadas sobre o que achavam do Titanzinho: Marcos: “Ruim”. Luiza: “Legal”. João: “Ruim. Porque não gosta dos outros da Estiva”. Marcos: “E nem a Estiva gosta do Titanzinho”. Luiza: “Nem um gosta de nem um”. Marcos: “Nem um pode se encontrar um com outro. Se a Estiva se encontrar com os

²¹ Na roda de conversação que iriei relatar as crianças pertenciam as principais áreas de conflito. Marcos, Carla, Luiza e Bel são do Titanzinho, enquanto Manu e João são da Estiva. Todas as crianças mencionadas nesse trabalho possuem nomes fictícios, tendo em vista o anonimato dos pesquisados.

cara do Titanzinho aí vai acontecer um bocado de morte”. Carla: Eu acho bom. Marcos: “Mentira, tia. Ela não mora nem aqui, mora lá no Castelo²²”. Carla: “Merece né, se o tio (se referindo ao Anailton que estava presente) não tivesse aqui eu ia te dar uma surra”. Carla: “Eu acho o Titanzinho bom, e não quero mais falar”. Bel: “Legal”. Depois perguntei o que achavam da Pracinha: Marcos: “Boa. Porque tem um parquinho lá”. Luiza: “Mais ou menos. Porque lá é o meu colégio, por isso é mais ou menos”. João: “Ruim. Porque não gosta dos outros da Estiva”. Carla: “Acho bom que tem um parquinho”. Bel: “Legal”. Por último, o que achavam da Estiva: Marcos: “Ruim”. Manu retrucou: “Você foi lá para saber?” Ele disse: “Fui sim. Bora apostando”. Manu: “Ele nunca brincou lá para saber. Não sabe nada”. Luiza: “Ruim. Insuportável. Porque lá mata muita gente. Vem pra cá pra matar pessoas”. Marcos: “E as pessoas daqui não podem andar lá”. Manu retruca: “Pode sim”. Ele: “Pode não”. Manu: “Onde é que tá escrito? Em qual parede?”. João: “Bom”. Carla: “Acho ruim, porque lá tem muita morte”. Bel: “Ruim”. Marcos: “Mentira, ela nunca foi na Estiva”. Luiza: “Mas ela sabe que é ruim que ela viu eu falando”.

As crianças percebem as fronteiras simbólicas existentes entre os segmentos territoriais de conflitos, mas também as distâncias nas relações dos moradores. Expressão fortemente a Estiva como uma *ameaça potencial* ao Titanzinho, assim como os interlocutores adultos. As crianças que na roda de conversação defendem a Estiva, dizendo ser um local bom e que não gostam do Titanzinho ou da Pracinha, são moradoras da Estiva. Elas compreendem que pessoas de uma determinada área não podem passar para outra, pois isso corresponderia um *risco de vida*. O imaginário das crianças e as significações que faziam das *segmentaridades* estavam sempre conjugados aos assassinatos e às ameaças. Mas em outro capítulo explorarei melhor os significados que elas atribuíam a essas áreas e as suas relações intersubjetivas.

Nos desenhos temáticos elas expressavam a visão que tinham do Serviluz e dos segmentos. Na temática *Serviluz* elas se remetiam ao Farol, a praia, ao paredão, ao arco-íris e paisagens naturais da comunidade e, também, aos prédios que ficavam após o bairro, já na Praia do Futuro (uma das meninas em seu desenho me disse que tinha colocado um prédio, mas que ele não estava no Serviluz). Em todos os desenhos os elementos da natureza e da paisagem exuberante prevaleceram, mas o Farol e os prédios também ganharam destaque. Abaixo alguns desenhos.

²² Ele se referia ao Castelo Encantado, favela vizinha ao Serviluz.

Nesse primeiro desenho à esquerda está o paredão que separa a Praia do Titanzinho da Praia do Vizinho, onde as faixas azuis representam o mar. Na ponta com listras preta e branca é a representação do Farol que existe no fim do paredão. Fazendo parte da praia ela desenhou também um barraco que tem uma escada, ou seja, está com acesso direto ao mar e nuvens num dia de Sol. A menina simbolizou de maneira simples e realista exatamente o que há entre o paredão e a Praia do Vizinho, procurando ilustrar a visão dela e da comunidade acerca da exuberância natural do lugar e a valorização que eles colocam nisto.



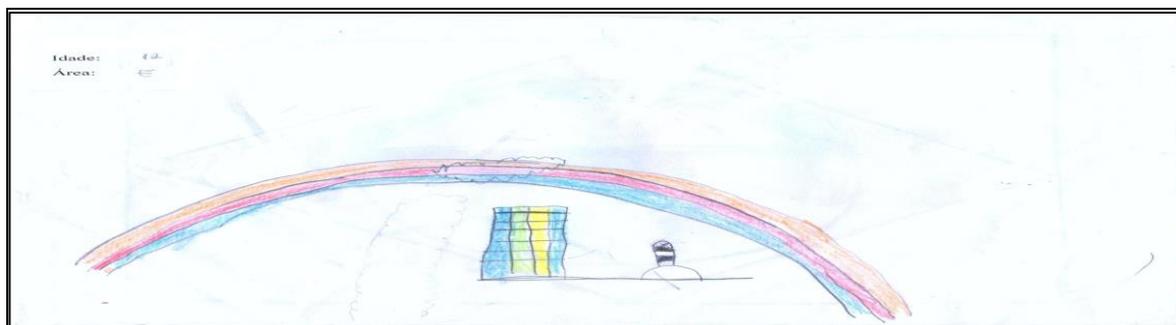
Desenho 1: Menina, 9 anos – Titanzinho.

No desenho 2 alguns elementos prevalecem: Sol, nuvens, arco-íris, sendo a natureza carro chefe da percepção que elas têm da comunidade. Mas a educação, ilustrada pelo alfabeto, pessoas felizes, casa, pé que caminha e um prédio com muitos andares (estes se encontram aos arredores da comunidade) são outros elementos que aparecem como sendo importantes para a menina de 7 anos que durante a atividade foi *acusada* pelos coleguinhas de ser burra, não saber desenhar e que havia reprovado na escola. A menina mescla os contrastes e a beleza natural do Serviluz numa folha de papel e aproveita para demonstrar afeto à pesquisadora, como no desenho 1.



Desenho 2: Menina, 7 anos – Titanzinho.

Um menino de 12 anos representa de maneira interessante um prédio alto verde-amarelo e o Farol Velho²³ dentro de um arco-íris gigante. A dimensão de que a natureza pertence a esses dois universos: ao Serviluz e à cidade. Mas os moradores no geral acreditam que a beleza vista do Serviluz seja única e a mais bela.



Desenho 3: Menino, 12 anos – Estiva.

No desenho de número 4 a natureza prevalece novamente, mas com alguns elementos novos e que se completam com objetos apresentados nos desenhos acima: a Lua que está ao lado do Sol, uma flor ao lado do Farol Velho e um prédio alto e vermelho.

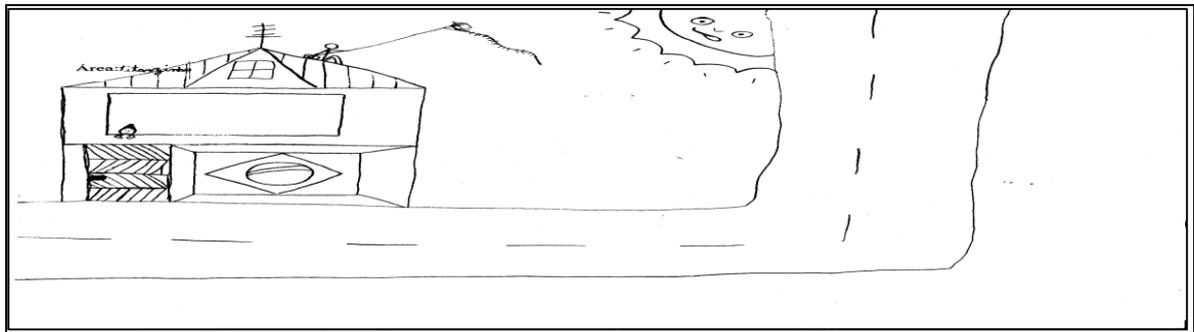


Desenho 4: Menina, 10 anos – Titanzinho.

No desenho temático *Casa/Rua* as crianças desenharam suas casas e suas ruas, onde pode-se perceber a estrutura, o meio social e as casas de alguns segmentos do Serviluz onde elas moravam, mas também dizem muito do imaginário que elas possuem entre a *casa* e a *rua* e que tipo de casa gostariam para si. Casas pequenas, simples ou duplex, com portão de ferro, casas amontoadas e próximas as ruas onde passam carros.

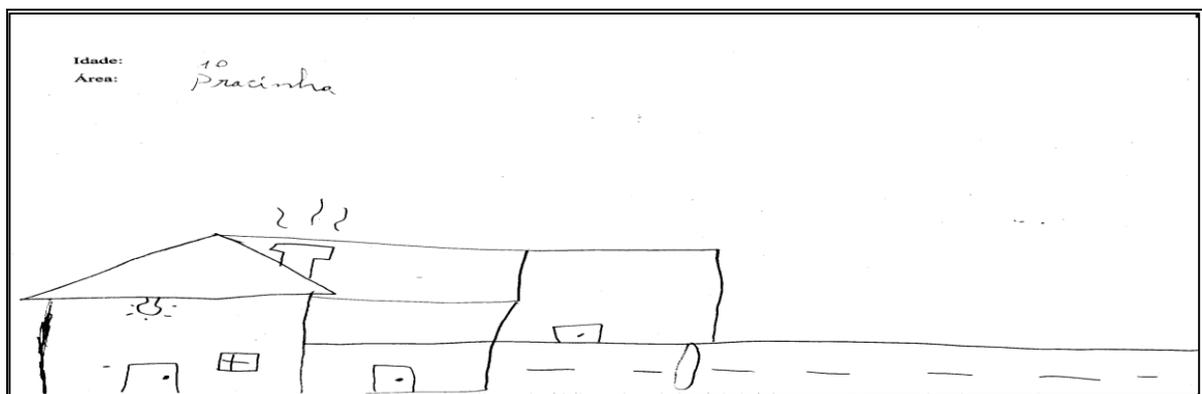
²³ O Farol Velho é uma representação significativa tanto para as crianças e como para os jovens da comunidade, como símbolo da história do lugar e onde se instaurou a prostituição em décadas passadas. Mas ele é visto também como uma marca e fazendo parte da beleza do Serviluz.

O primeiro desenho desta temática ilustra uma casa que se prepara para receber a Copa 2014 (bandeira pintada no muro). O futebol como atividade recorrente nas brincadeiras infanto-juvenis e se perfazendo como uma das práticas educativas nos projetos. O nacionalismo se expressa fortemente em períodos de Copa do Mundo no local, pois ruas inteiras se unem para enfeitar as ruas e as casas. Uma casa numa rua larga e extensa, com antena parabólica, duplex, na janela alguém observando a rua, uma criança brincando de pipa e num dia de Sol. A prática de observar a rua é uma recorrência no cotidiano do Serviluz e acontece em qualquer horário do dia ou da noite e por todos os gêneros e gerações.



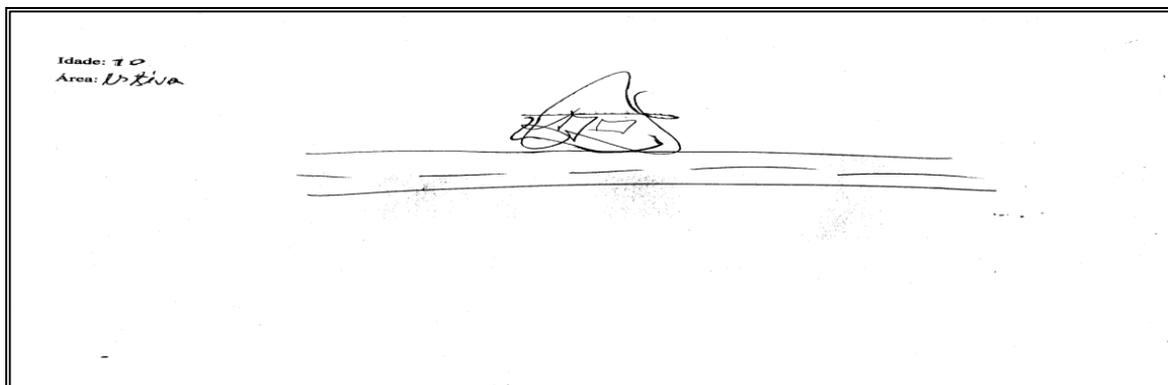
Desenho 5: Menino, 11 anos – Titanzinho.

Essa segunda casa possui uma extensão para os fundos, típica casa que abriga muitos moradores e onde as gerações da família vão permanecendo depois de casar e ter filhos. Nela há luz elétrica (símbolo: luz na porta) e uma chaminé. A falta de energia elétrica é um fator que ainda atinge algumas famílias da comunidade, ou por corte e falta de pagamento ou por não ter condições de pedir esse serviço, mas também por falta de iluminação pública em grande parte das ruas. Anailton uma vez me disse que foi fazer uma atividade missionária na Pracinha, mas não havia energia na rua e metaforizou dizendo: “Nós levamos luz para aquele lugar”.



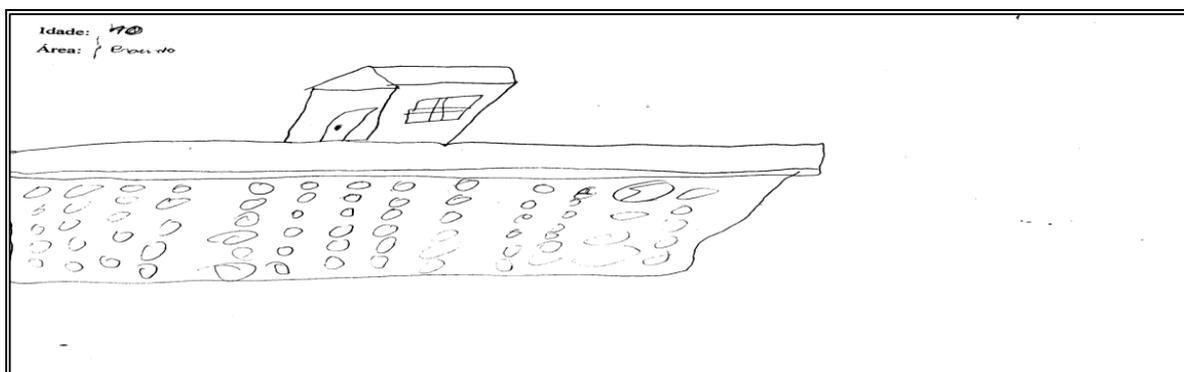
Desenho 6: Menino, 10 anos – Pracinha.

A casa do desenho 7 é simples e se localiza no meio de uma rua estreita e pouco extensa. Nesse sentido, muitas casas estão localizadas em becos e alguns sem saída.



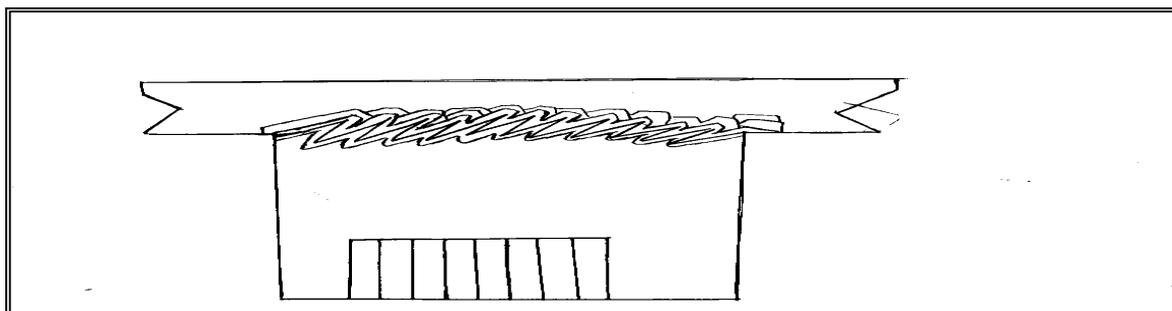
Desenho 7: Menino, 10 anos – Estiva.

O menino de 10 anos apresenta em seu desenho uma casa simples numa rua esburacada. Esses aspectos são visíveis pelas ruas do Serviluz e em muitas delas não só há a falta de pavimentação, mas também a lama e os esgotos transbordando.



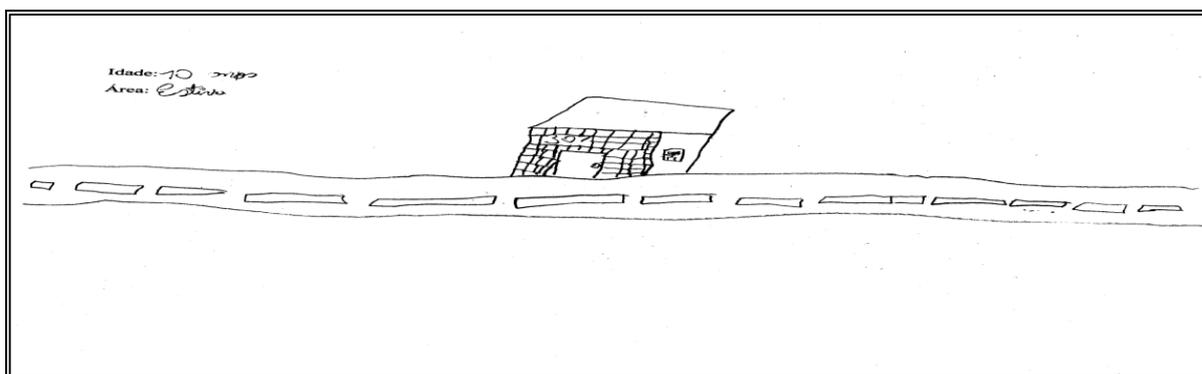
Desenho 8: Menino, 10 anos – Pracinha.

No desenho 9 a casa tem cerca elétrica e um portão de ferro, simbolizando a segurança desta. Essa casa me parece um ideal de casa que o menino que a desenho tem, mas também pode ser imaginada como uma casa de algum comerciante local.



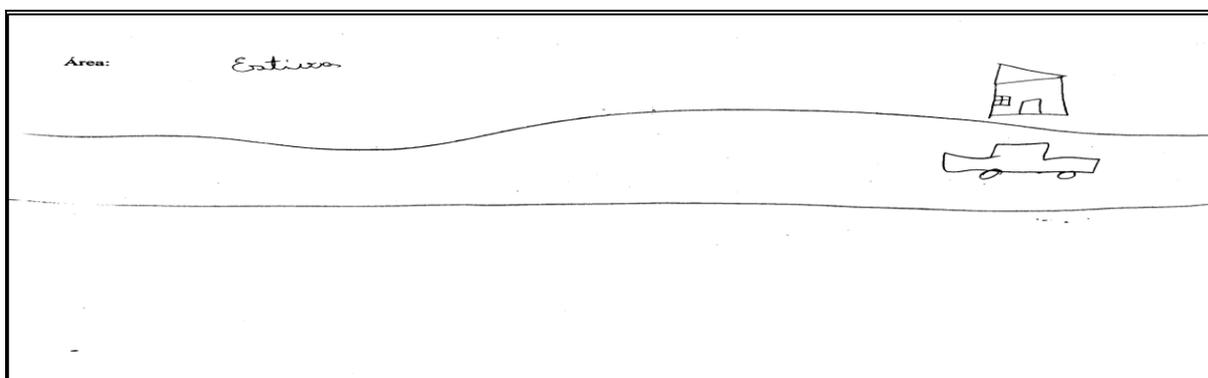
Desenho 9: Menino, 11 anos – Titanzinho.

Uma casa em forma de quadrado e identificada pelo nº 307 numa rua extensa é caracterizada no desenho 10. As deformidades desta casa me fez lembrar das reconstruções e do aspecto de sempre estarem em construção algumas casas do Serviluz.



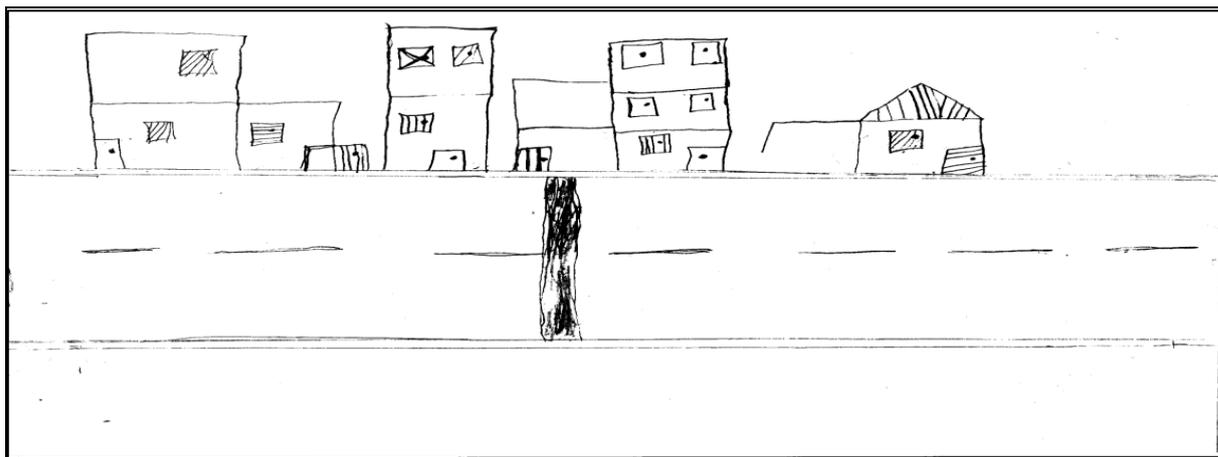
Desenho 10: Menino, 10 anos – Estiva.

No desenho 11 há uma casa de esquina, rua extensa e onde passa um carro. O desenho parece demonstrar a pouca movimentação nas ruas, ou melhor, o pouco fluxo de carros nas ruas da Estiva, que é uma característica deste lugar.



Desenho 11: Menina, 11 anos – Estiva.

Uma apresentação diferenciada dos outros desenhos se apresenta no desenho abaixo: uma rua larga com uma faixa de pedestres, com casas de diferentes formatos e estilos, amontoadas ou não. Esse desenho ilustra alguns elementos que encontramos não apenas no Titanzinho, mas em todo o Serviluz, assim como em outras periferias da cidade de Fortaleza. Poderiam ser vistas como casas no meio de Avenidas e que contrastam com a urbanização acelerada dos espaços.



Desenho 12: Menino, 11 anos – Titanzinho.

Na análise de Magnani (2002) sobre a categoria *pedaço*²⁴ há duas dimensões: a dimensão física-espacial e a dimensão social. O *pedaço* conjuga atores sociais num espaço físico que pode ser o mesmo para muitos, mas que tem a possibilidade de mobilidade de acordo com os usuários. Conforme as percepções empíricas de Magnani, o *pedaço* é o lugar de intermédio entre a “casa” e a “rua”. O *pedaço* propõe uma socialidade de outra ordem, as pessoas criam novos laços, “tratam das diferenças, alimentam, em suma, redes de socialidade numa paisagem aparentemente desprovida de sentido ou lida apenas na chave da pobreza ou exclusão” (MAGNANI, 2003, p. 86). A dimensão social desta categoria traz um aspecto relevante para a compreensão das áreas de conflito do Serviluz, pois o reconhecimento e o pertencimento são fundamentais para a construção e manutenção do *pedaço*. O compartilhamento, o lugar dos iguais e o reconhecer-se no outro são aspectos intrínsecos e percebidos nas narrativas das crianças e dos moradores sobre essas áreas de conflito.

A noção de *segmentaridade* foi construída pelos etnólogos referindo-se as sociedades ditas primitivas, sem aparelho de Estado central fixo, sem poder global e nem

²⁴ Categoria êmica que emergiu numa pesquisa realizada por Magnani e que vem contribuindo para muitas pesquisas de antropologia urbana.

instituições políticas especializadas (1996). Os segmentos sociais possuem certa flexibilidade, segundo Deleuze e Guattari, entre tarefas e situações, entre fusão e cisão, há forte comunicação entre os heterogêneos e os ajustamentos entre eles podem se seguir de diversas maneiras. Assim, como acontece com os segmentos Titanzinho, Estiva, Pracinha e os tantos outros no Serviluz, eles interagem entre conflitos e interações, se ajustam, se motivam e os moradores os justificam e os vivem de variadas maneiras. “A segmentaridade primitiva é, ao mesmo tempo, a de um *código* polívoco, fundado nas linhagens, suas situações e suas relações variáveis e a de uma *territorialidade* itinerante, fundada em divisões locais emaranhadas” (DELEUZE E GUATTARI, 1996. PP. 84 e 85).

Deleuze e Guattari (1996) subdividem a *segmentaridade* em dois tipos: uma “primitiva” e flexível e outra “moderna” e dura. Esta última própria do Estado moderno e de seu sistema altamente organizado, por isso a denominam de “dura”.

[...] as sociedades primitivas procedem essencialmente por códigos e territorialidades. É inclusive a distinção entre esses dois elementos, sistema tribal de territórios, sistema de clãs das linhagens, que impede a ressonância, ao passo que as sociedades modernas ou com Estado substituíram os códigos desgastados por uma sobrecondificação unívoca, e as territorialidades perdidas por uma reterritorialização específica (que se faz precisamente em espaço geométrico sobrecondicionado). (DELEUZE E GUATTARI, 1996, PP. 89 e 90).

Mas eles reconhecem que tal divisão é apenas para fins analíticos e que uma está na outra, uma complementa a outra, há uma interdependência e, logo, “[...] nossas sociedades continuam banhando num tecido flexível sem o qual os segmentos duros não vingariam [...]. Toda sociedade, mas também todo indivíduo, são pois atravessados pelas duas segmentaridades ao mesmo tempo: uma molar e outra molecular”. (DELEUZE E GUATTARI, 1996, p. 90). Então, pode-se dizer que as *segmentaridades* do Serviluz são compostas por segmentaridades flexíveis e “duras” ao mesmo tempo, se pensarmos nas interações sociais, no policiamento comunitário, nas disputas diversas, nos jovens armados, nas vítimas, nos conflitos sociais, na maneira como políticos, moradores, traficantes simbolizam o território. Tudo está convergindo ao complexo e a heterogeneidade nesses territórios se alarga *num piscar de olhos*.

O Serviluz não é apenas constituído por segmentos simbólicos do tipo “primitivo” ou flexível, e sim ambas as *segmentaridades* se projetam nele, pois a segmentaridade não foi destituída da vida moderna, mas está acabou por endurecê-la singularmente (1996), e diria,

paulatinamente durante todas as sociedades humanas, ou seja, a *segmentaridade flexível*, antes usada como instrumento para dar conta das sociedades “primitivas”, é importante caminho para analisarmos o contexto cotidiano de uma comunidade que não está excluída da ordem da cidade e dos domínios do governo, afinal faz parte de todo esse complexo e, também, pode-se considerar as projeções de uma *segmentaridade dura* estabelecida pelos *bichões da favela*²⁵ diante das regras e ordenamentos implementados para o tráfico de armas e de drogas, ou até mesmo aquelas estabelecidos pelos coordenadores de projetos sociais e de associações em geral “ditando” as regras e os princípios morais para crianças e jovens, mas também pode-se lembrar aqui das Igrejas existentes na comunidade procurando galgar ainda mais fiéis e mantendo de diversas maneiras os que já estão evangelizados.

Dessa maneira, diante de todas as discursividades apresentadas nesse tópico, podemos dizer que a cidade é *segmentarizada*, o bairro, a comunidade, a “favela”, as ruas, as casas, os signos, os significados, os significantes, os sujeitos sociais são *segmentarizados*. Tudo que nós constitui, que nós é intrínseco, que está dentro de uma configuração social de relações *intra* e intersubjetiva é *segmentarizado*. Tais segmentaridades estão tão incrustadas que até para essa pesquisa tive que *segmentarizar* os interlocutores e seus discursos, e isso é sim uma crítica ao nosso modo de produção de conhecimento. Não retiro meu corpo fora das *segmentaridades*. Pois para compreender, entender, analisar as dinâmicas que me apareciam em campo tive que compartimentar tudo em *segmentaridades*. Algumas vezes ternariamente e *binariamente*, oposições duais: adultos e crianças, e outras vezes *linearmente*, para perceber como cada segmento representava um processo. A segmentaridade binária, a circular e a linear (1996) perpassam umas nas outras sem uniformidade e são transformadas na própria discursividade dos sujeitos sociais que contextualizam e significam os segmentos de conflito na comunidade pesquisada.

²⁵ Bichão da favela (SÁ, 2010) é um termo multifacetado e nativo, que corresponde aos jovens armados da favela que dominam o mundo do crime e ditam as regras no território.

3 O PROJETO METAMORFOSE E AS CRIANÇAS

A característica mais expressiva dos projetos sociais do Serviluz é a transformação social pelo esporte. Há diversos projetos voltados para a área do surfe, como o Boca do Golfinho e a Escolinha de surfe do Fera. Na área do futebol existe o Nova Esperança que possui parceria com o Metamorfose. Em reportagem ao jornal *O Povo*, 31 de março de 2014, um dos diretores do Boca do Golfinho, Carlos Alexandre dos Anjos, fala das transformações, das atividades desenvolvidas com os jovens locais, dos sucessos que isso traz e as dificuldades:

[...] o objetivo da associação é trabalhar, em paralelo, esporte e educação. “A gente tem exemplos aqui no bairro, como a Tita Tavares e o Fábio Silva que foram campeões, mas, quando precisaram de estudo, de uma formação, não tiveram. A gente procura formar os meninos nas duas áreas”, explica. Além da escolinha de surfe, promove aulas de capoeira, violão, inglês, informática e reforço escolar. Para participar das atividades, basta estar matriculado na rede pública de ensino. [...] Alexandre explica que, em um bairro com divisões territoriais entre gangues rivais, o grande sucesso da associação está em conseguir reunir jovens de diferentes comunidades. “O bairro é muito dividido e a gente consegue reunir todo mundo e orientar os meninos. Às vezes o pai ou o irmão são envolvidos com o crime, mas a criança não tem nada a ver com aquilo. Então ele vai pro lado do esporte. O que a gente tem visto aqui é que o esporte é uma tremenda ferramenta de transformação social”, diz.

O professor de educação física, Elder Regis Deorato Marques, autor de uma pesquisa desenvolvida na Escola de Educação Física e Esporte (EEFE) da USP²⁶, analisou o autoconceito dos participantes num projeto social, ou melhor, a forma como a pessoa se vê sob diversos aspectos. Ele concluiu que a metodologia articulada para desenvolver esporte com crianças deve ser muito bem mensurada e estudada, e também escolher as prioridades do projeto pode influenciar, pois o esporte melhora o autoconceito da pessoa e em todos os aspectos, não só a dimensão motora, já que um projeto não pode ter como objetivo apenas a formação de atletas, mas também a formação social dos participantes. Formar atletas levaria a exclusão dos outros que não conseguem esse objetivo. Dessa maneira, projetos sociais que possuem como foco a inclusão social e a preocupação em desenvolver a cidadania de todos os participantes são garantias de sucesso.

²⁶ Informações recolhidas na Agência USP de notícia: <<http://www.usp.br/agen/?p=107341>>.

Anailton falou em entrevista que o número de associações e projetos sociais na comunidade cresceu nos últimos anos, pois “triplicou o número de Igrejas, de associações, de problemas, de pessoas que andam armadas, de pessoas que usam drogas, de traficantes”. Existem entorno de 20 (vinte) associações que “realmente funcionam”, segundo ele, pois muitas recebem dinheiro mais não executam as atividades. Entre as que “funcionam” ele listou: Vila Mar²⁷, Escolinha do Fera, IPOM, Titanzinho Digital, Associação da Mariazinha, galera da capoeira, do surfe, Brisa (todos no Titanzinho), Projeto da Betesa, Projeto do campo, Nova Esperança (esporte), Boca do Golfinho e o balé.

O espaço físico do projeto Metamorfose é a própria casa alugada do coordenador, uma casa duplex, localizada no Titanzinho, onde no andar superior ficam as dependências de sua casa e a cozinha embaixo. Na parte inferior, uma garagem, é o espaço propriamente dito do projeto e do desenvolvimento das atividades. A casa é denominada de *Missão*, por conta de o projeto ser fruto de uma obra missionária. Moram nessa casa Anailton, Joab e Val, mas Monaliza é praticamente moradora também, pois passa bastante tempo na casa por conta do projeto e de seu namoro com Joab. Todos são chamados de “tio” pelas crianças, inclusive eu levei essa denominação, afinal por muitas vezes fui apresentada as crianças e aos adultos da comunidade como sendo voluntária do projeto, pois, era dessa maneira que Anailton me denominava mesmo sabendo que eu era pesquisadora e não voluntária. Mas como sempre eu estava muito presente nas atividades e procurando colaborar com tudo que me fosse possível, era normal que assim me tratassem.

3.1 Transformação e integração: “transformar pelo amor”

O projeto MetAMORfose foi elaborado em 2012 e tem como idealizador e coordenado Anailton Sousa. A ideia surgiu por conta de uma Escola de Missões da Igreja Presbiteriana realizada no mesmo ano. A atividade final dessa Escola era a elaboração e execução de um projeto social. Como Anailton desde cedo aspirava por mudanças em sua comunidade, o objetivo inicial era a *transformação* de vidas. Mas logo ele mudou de

²⁷ “A Associação Comunitária Vila Mar atua a mais de 27 anos na comunidade do Titanzinho, região portuária de Fortaleza, zona de risco para crianças, adolescente e jovem. Atualmente trabalhamos com cerca de 800 crianças, adolescentes e jovens através do Esporte (futsal, vôlei, handball e surf), Centro de Desenvolvimento Integral (Apoio Escolar, Informática, Educação Cristã, Cidadania, Arte Educação, Literatura de Cordel, Ballet) e o Curso Jovem Aprendiz (Curso de Capacitação ao Mercado de Trabalho)”. Informações extraídas do *blogspot* da Associação Vila Mar: <<http://projeto vilamarcdi.blogspot.com.br/>>.

perspectiva e decidiu fazer um trabalho com as crianças, ele pensou: “já que pelo *rap* conseguimos ter acesso a jovens usuários de drogas, então com as crianças seria possível também trabalhar”. Ele diz que os frutos do projeto atual é consequência da história dele no *rap*, a partir de 2007. Ele participou de um movimento chamado HGO (movimento *hip hop* gospel organizado), que através do *rap* teve a oportunidade de cantar e de evangelizar em outras periferias de Fortaleza. Quando iniciaram o projeto perceberam que seria mais fácil deslocar uma criança de uma área e trazer para outra, pois até então ela não tinha um histórico no crime e, assim, não correria riscos na área inimiga. Mas uma barreira que prevaleceu no início foi conquistar a confiança dos pais, dar-lhes seguranças que nada aconteceria com seus filhos.

Para Anailton a força e a fé em Deus são seus principais motivadores para executar as atividades no projeto, mas também fazer a diferença frente sua experiência. Nas palavras dele:

Confiar em Deus, porque esse trabalho é um trabalho árduo, não precisa de técnica, de conhecimento, precisa de fé. Porque só Deus mesmo. Porque você não tem nada pra oferecer a não ser aquilo que Deus te dar. Então, se você desenvolve um trabalho como esse e não tem fé, não confia em Deus é um trabalho inútil, em vão. Porque chega momentos que você não sabe o que fazer e aí. Chega momento que o seu treinamento, a sua experiência, suas palavras vai falhar. Porque isso o projeto Metamorfose, o coração do projeto é a oração pra interceder. Porque eu sou fruto de um projeto social, quando eu era criança eu participei de um projeto social. Só que é ai que tá a diferença. Os meus amigos também. Tiveram oportunidades. E por que morreram? Outros não tiveram. (Entrevista).

Perguntado em outro momento o que é o Projeto Metamorfose? Ele responde: “É apenas ação de bondade de Deus pra minha vida”. Então, Anailton, significa sua idealização e execução do projeto social como um “presente” de Deus e, ao mesmo tempo, como uma forma de agradecê-lo. Pelas ações do projeto ele pode de alguma maneira construir uma comunidade diferente e procurando se distinguir dos outros projetos sociais existentes, pois sempre falava que o projeto eram eles mesmos e não os recursos materiais e financeiros, que o foco era passar os princípios e os valores corretos para as crianças. O Metamorfose não possui financiamento direto e sobrevive de acordo com a ajuda de amigos e a ação voluntária promovida por jovens da comunidade é um dos apoios que Anailton possui.

Metamorfose é a *transformação pelo amor*, pois amando a si mesmo e ao próximo é possível uma *transformação*, uma “transformação na mente”, como dizia o coordenador, pois

“pode-se mudar o estado de uma pessoa, mas não se pode mudar o seu caráter, só depende da pessoa. Se ela tem fome se dá comida, muda-se o estado”.

As palavras de Anailton podem ser dimensionadas pela história e herança cultural do Serviluz, descrita no capítulo inicial desse trabalho. O coordenador manifesta orgulho de ser morador da comunidade e possui esse grande desejo de ver transformado o local onde se criou. Leonardo Sá (2010) fala de um estilo de vida Titanzinho que é um meio simbólico de afirmação de diferenças culturais e acrescenta:

Um modo local dos moradores do lugar reivindicarem sua distintividade cultural pela afirmação de valores e confusões, mas por razões tradicionais do que como ocorre no tempo presente à força de uma exclusão socioeconômica e do campo dos direitos constitucionalmente adquiridos. (SÁ, 2010, PP. 223 e 224).

Anailton criado no Titanzinho tem esse estilo de vida e é através da palavra de Deus, de seus desejos, de anseios e fortes valores que pretende repassar para as crianças que procura se diferenciar dos demais de *dentro* e de *fora* da comunidade. O projeto é o Anailton e este é o projeto. Ele pertence a uma denominação evangélica trazida para a comunidade através da dona Joice, idealizadora e fundadora de outro projeto na comunidade, o *Vila Mar*. A Igreja Presbiteriana²⁸ é frequentada por Anailton e por todos os voluntários do projeto. A Igreja Presbiteriana do Brasil tem o seguinte lema: “Agir é preciso! É tempo de fazer com amor para fazer diferença”. Esta, através de um de seus programas, passa aos seus fiéis que as injustiças sociais são em decorrência do elevado processo de globalização e crise econômica, onde o mundo, o Brasil e a Igreja nos últimos tempos devem estar prontas constantemente para lidar com questões sociais graves. Diante das misérias e mazelas, o amor, a transformação e a ação são capazes de fazer a diferença para essa denominação.

É importante salientar que uma minoria das crianças do projeto pertenciam a denominações evangélicas, muitas se diziam católicas ou não expressavam ter religião.

²⁸ “As origens históricas mais remotas do presbiterianismo remontam aos primórdios da Reforma Protestante do século XVI. Como é bem sabido, a Reforma teve início com o questionamento do catolicismo medieval feito pelo monge alemão Martinho Lutero (1483-1546) a partir de 1517. Em pouco tempo, os seguidores desse movimento passaram a ser conhecidos como “luteranos” e a igreja que resultou do mesmo foi denominada Igreja Luterana. A Igreja Presbiteriana do Brasil é a mais antiga denominação reformada do país, tendo sido fundada pelo missionário Ashbel Green Simonton (1833-1867), que aqui chegou em 1859. Mais tarde, ao longo do século 20, surgiram outras igrejas congêneres que também se consideram herdeiras da tradição calvinista. São as seguintes, por ordem cronológica de organização: Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (1903), com sede em São Paulo; Igreja Presbiteriana Conservadora (1940), com sede em São Paulo; Igreja Presbiteriana Fundamentalista (1956), com sede em Recife; Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil (1975), com sede em Arapongas, Paraná, e Igreja Presbiteriana Unida do Brasil (1978), com sede no Rio de Janeiro”. Informações extraídas da *home page* da Igreja Presbiteriana do Brasil: <[HTTP://WWW.IPB.ORG.BR/SO-BRE-A-IPB](http://www.ipb.org.br/so-bre-a-ipb)>.

A integração principal que o projeto deseja alcançar é a *integração absoluta* entre as crianças das três principais áreas de conflito do Serviluz: Titanzinho, Pracinha e Estiva. Pois acreditam que se as crianças crescerem brincando, interagindo e tornando-se amigas os conflitos serão menores no futuro, não que eles deixariam de existir. Outro aspecto interessante da integração são os esforços em fazer reunião com as mães dessas crianças, pois conquistando a confiança delas e fazendo com que conheçam os propósitos do projeto poderão contribuir na formação desses *indivíduos integrados*. Anailton acredita que as mães, fundamentalmente, proibem seus filhos de andarem nos outros segmentos que não são os seus de origem, então, a menina ou o menino sem entender os motivos começa a ter uma curiosidade imensa e logo no primeiro chamado de um colega para ir no “lado de lá” pode ser um passo para entrar no crime, já que a mãe ou a família não lhe instruiu sobre os fatos. Já em relação ao pai, ele diz que o acesso se torna mais difícil, pois ou as crianças estão com o pai preso, morto ou então separados das mães, ou ainda, não são receptivos para tratarem dessas questões.

Sobre esse cuidado com os filhos que Anailton fala, é importante dialogar com Claudia Fonseca (1999), pois esta discute que a retórica atual é a “criança absoluta”. A noção de infância tomou outro direcionamento, ou seja, houve uma ruptura significativa entre a época pré-moderna e moderna.

A grande importância que as crianças ocupam no nosso imaginário é fruto de séculos de mudança; a “representação” atual – que acentua a especificidade dessa fase da vida – tem sido incorporada não somente nas instituições sociais (escola, legislação, etc.) mas nas próprias categorias da linguagem e do pensamento. Com a modernidade certas “crianças” tornaram-se, para nós, irrelativizáveis [...] a noção de criança passa a ser lugar de projeção dos fantasmas adultos. (FONSECA, 1999, p. 8).

A autora diz que entre o universo dos adultos e o das crianças há muitas dicotomias apresentadas nos discursos das crianças, como por exemplo, *liberdade, prazer e brincadeira* (fazendo parte da infância) e contrárias ou opostas, respectivamente, a essas palavras, *disciplina, responsabilidade e trabalho* (fazendo parte da vida adulta). Nesses novos tempos o direito de brincar é garantia em direito constitucional para as crianças, mas no período pré-moderno era privilégios de adultos muito mais do que das crianças. Fonseca usa o termo “criança absoluta” para denotar ao ideário contemporâneo, “a criança enquanto projeção de

fantasmas adultos” (p. 11). “Absoluto” seria “o que não tem limites, não depende de outrem, não sujeito a condições, superior a todos os outros, que não admite contradições” (p. 11).

Então, nessa perspectiva pode-se pensar que as crianças num contexto geral e, especificamente, no Serviluz e no projeto Metamorfose, são vistas como “crianças absolutas”. Mas mediante algumas situações e discursos não parecia se levar tanto assim ao pé da letra esse termo (criança absoluta). Pois em muitos momentos se projetavam sobre elas múltiplas expectativas, ser um *líder*, por exemplo, alguém que no futuro irá liderar o projeto e dar continuidade a ele. Mas para que isso virasse realidade o tempo todo lhes pesavam interdições, cerceamento de liberdade infantil, exigências de atitudes adultas, conhecimentos sobre as morais religiosas, fazer a oração inicial e final dos encontros, serem maduras diante das questões vivenciadas. Ser criança na “favela” e num projeto social missionário é bastante complexo.

3.2 As atividades do projeto Metamorfose: “Missão”, praia e nas “áreas”

A casa da *Missão* era apenas um dos espaços utilizados para as atividades com as crianças. Pois a praia do Vizinho e alguns pontos fixos nas áreas do Titanzinho, da Estiva e da Pracinha eram palco de *integração* para elas. Quando as atividades eram na casa do projeto ou na praia os voluntários iam buscar e iam deixar as crianças na Estiva e na Pracinha, alegavam que isso era necessário dado o medo que as mães tinham de seus filhos irem sozinhos para outra área e também pela segurança deles. Mas o fato de muitas crianças trazerem primos, colegas e irmãos para as atividades contribuía para a confiabilidade das mães e cuidadoras. Outro aspecto comum a todas as atividades era o encerramento destas com um lanche para a criançada. *Hot-dog*, biscoito, só pão na chapa, bolo, pipoca, suco de kisu-qui e às vezes refrigerante eram os lanches mais comuns.

Todas às terças-feiras, das 19h às 20h, ocorriam a *Missão* dos meninos ou das meninas, o espaço era a casa da *Missão*. A cada quinze dias as meninas vinham à casa e sob coordenação da Rebeca recebiam instruções religiosas, conselhos de bom comportamento e trato com os amigos e familiares. A Rebeca sempre trazia algo dinâmico e criativo para as meninas, que eram bem exigentes. Para elas participarem dessa atividade deveriam ter a partir de 8 anos, pois para a voluntária nessa idade elas possuem um entendimento melhor das questões propostas.

Numa ocasião foi pedido para que cada uma desenhasse sua família, mas esse ato de desenhar que parece ser tão simples para nós causou certo mal estar. Algumas reclamaram

que a família era muito grande e não caberia no quadrado, a Lorena disse que não vê o pai há tempos e ia colocar só ela, a mãe e os irmãos. Perante as dúvidas a Rebeca disse que a família era quem morava com a gente. A Carla disse que ia colocar irmãos, mãe e avó. A Luiza falou que ia pôr sua avó e sua mãe, porque nunca se esquecia delas. Perguntei para Manu quem ela desenharia e disse que não sabia. Perguntei quantos irmãos tinha, falou que têm mais ou menos 20 (vinte) irmãos, mas ela não é a mais nova. Foi citando e disse que uma irmã já morreu, pois a avó mandou esta para o juizado de menores, porque não queria estudar, então a mataram na instituição. Pensei se de repente não foi uma desculpa que inventaram para Manu na intenção de lhe pôr medo se não quiser estudar. Talvez ela não goste de ir à escola, ou até mesmo em parte seja original a história dela, só não quis me dizer o motivo de sua irmã ser levada para uma instituição de recolhimento institucional.

A maneira com as meninas se expressaram diante da situação imposta de desenhar a família parecia-lhes ferir a alma, pois imaginavam ser família o modelo onde pai, mãe e filhos é o centro e a formação condizente. Pois muitas não tinham esse modelo na prática, moravam com muitos irmãos, primos, tios e tias, avós e avôs, mãe, padrasto e agregados.

Nesse mesmo dia na *Missão*, Anailton ao final pediu para conversar com as meninas sobre algumas questões. Falou que existe um bem precioso que Deus deu as meninas, a virgindade, e que não devem se relacionar com qualquer um, devem se resguardar para o casamento. Ele perguntou quem queria se casar um dia. Todas as meninas levantaram a mão ou disseram que queriam, mas a Carla respondeu que não queria casar. Anailton perguntou por que e ela não respondeu. A Luiza disse que sua mãe não queria casar. Depois ele perguntou como elas querem que seus maridos sejam. Muitos responderam que queriam o marido bonito e outras responderam bonito e rico. Anailton perguntou por que elas queriam que fossem ricos e focou a pergunta na Amanda, uma das meninas que havia dado esta resposta. Ele perguntou diretamente para ela como queria que seu marido fosse e esta disse de “boca cheia”: “bonito, charmoso, rico”. Amanda disse que sua irmã casou com um estrangeiro e foi morar na Itália, ele era um homem rico. Esse era o exemplo de casamento bem sucedido que ela tinha e que sonhava para ela. Pois disse que o casamento de seus pais não foi bom. Outra menina falou que uma moça da sua família se casou com um estrangeiro aqui no Brasil e que teve um filho brasileiro, eles não deram certo e o homem e sua família queria tomar o filho dela, mas não conseguiam por que a criança era brasileira. Anailton falou que a felicidade não está nos bens materiais e que elas não deveriam pensar daquele jeito.

A *Missão* dos meninos é coordenada por Anailton. Ele não delimitava idade como Rebeca fazia. De algumas *Missões* que acompanhei os temas eram bem parecidos com os desenvolvidos na *Missão* das meninas, falava sobre namoro, casamento, a prática sexual. Mas dois momentos me chamaram bastante atenção, um foi o namoro e o outro foi a masturbação masculina. Anailton falava que era errado qualquer tipo de pornografia e que a masturbação não fazia bem aos meninos. Em relação ao namoro alguns diziam já ter namorado e que o namoro era beijar na boca e levar para a cama. Anailton retrucava rapidamente lhes falando que o namoro é um compromisso anterior ao casamento, um preparatório para este. As crianças ouviam expressamente os conselhos e por vezes se distraíam nos insultos com os colegas, chutes, empurrões, palavrões e xingamentos, estes o tempo todo se faziam presentes nos encontros, mas o coordenador sempre procurava calmamente contornar a situação.

Aos sábados a cada 15 (quinze) dias acontecem atividades recreativas na praia do Vizinho. A coordenação fica às vezes com o Anailton, outras vezes com o Joab e raramente com algum convidado de outro projeto social da comunidade. O ponto de encontro era quase em frente a Associação de Moradores do Serviluz, entorno das 8h30min ou 9h da manhã. Na espera de um ou outro chegar as crianças ficavam brincando nos pneus empilhados ou então contemplando o mar e os surfistas que ali estavam desde cedo. Fazia-se uma oração, se dividia o grupo das meninas e dos meninos e íamos para a praia. Chegando lá fazíamos alongamento e aquecimento, em seguida, meninos e meninas decidiam se queriam tomar banho de mar ou brincar de futebol na areia. Como a maioria das vezes a recreação era essa, as crianças reinventavam suas brincadeiras na praia. Uma vez meninos e meninas que estavam no mar correram para o lado do paredão e ficaram caçando os siris entre as pedras. Sempre após quase duas horas de atividades voltávamos para o ponto de origem, onde elas lanchavam.

Foram nesses sábados de praia que tive muitas conversas informais com as crianças e conseguia articular rodas de conversação *no mar e na areia*. Numa dessas conversas Elisa, Lise, Paty e uma amiga das meninas diziam morar na rua dos “negos”, onde nessa rua “já mataram muita gente”. Diziam ser no Titanzinho. Enfim, várias narrativas se desenrolavam e mais adiante falarei com mais profundidade.

Os encontros “nas áreas” aconteciam da seguinte maneira: segunda-feira – Pracinha (19h), quarta-feira – Estiva (19h) e sexta-feira – Titanzinho (21h). A duração dos encontros eram geralmente duas horas. As atividades nas *segmentaridades* se constituíam como uma espécie de culto religioso. Anailton levava uma caixa de som dentro de um carinho de mão e os outros voluntários levavam o lanche e o suco para fazer na casa de alguma mãe. Ao chegar

instalava a aparelhagem de som e colocava uma música gospel, tinha muitas em seu celular. Ele e os outros voluntários cantavam enquanto arrumavam as cadeiras em círculo no Titanzinho, pois na Pracinha e na Estiva os encontros não tinham cadeiras. No Titanzinho o espaço disponibilizado era o do bar que se localizava quase vizinho a Associação de Moradores do Serviluz. O dono do bar emprestava as cadeiras de plástico. Anailton falava disso com orgulho, pois antes dos encontros se alojarem ali, o espaço abrigava um samba todas às sextas-feiras. As crianças iam chegando e se acomodando nas cadeiras. As meninas vinham sempre bem arrumadas e perfumadas. Muitos jovens, adolescentes apareciam com suas bicicletas e ficavam observando. Então, Anailton iniciava agradecendo a presença de todos naquela noite, fazia uma oração e pedia que as crianças também fizessem (isso sempre no início e no fim do encontro), mas quando nenhuma se apresentava espontaneamente, ele apontava para alguém e dizia para este que também era capaz de orar por todos ali presentes. Algumas crianças timidamente iam até o micro fone e clamavam ao Senhor, fechavam os olhinhos e humildemente pediam paz, a benção para todos e agradecimentos pelo trabalho do projeto nos nomes dos colaboradores. Em seguida, Anailton ou às vezes Joab liam trechos da Bíblia, contavam suas histórias mescladas com a realidade da comunidade e solicitavam sempre a participação das crianças, perguntando se haviam entendido e que interpretassem os significados das histórias bíblicas. Elas se mostravam sempre muito participativas.

No fim desses encontros Anailton sempre me indicava uma criança propensa a ser um *líder* pelas suas ações perante a palavra de Deus e sua disposição a orar. Crianças essas bem desenvoltas e que respondiam assertivamente as perguntas que ele fazia.

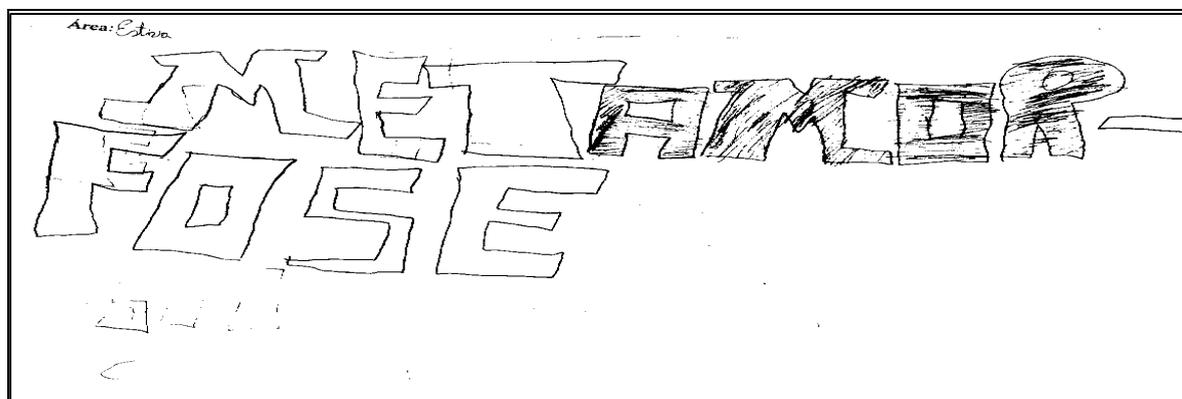
Na Estiva, quase no fim de meu trabalho de campo, ocorreu um campeonato de travinhas, competição futebolística com cinco rodadas no espaço da rua, com traves móveis e pequenas. Apenas meninos da Estiva estavam participando. A composição dos times foi feita por sorteio, mas não agradou muito aos meninos que reclamavam que seu time tinha muitos pivetes (crianças pequenas e sem experiência de jogar futebol) e que iam perder, pois era um time fraco. Mas a primeira rodada provou justamente ao contrário, o time que se considerava o mais fraco ganhou. No fim da disputa o prêmio foi um cento de salgados com refrigerante, pois dessa maneira, eles poderiam partilhar com os demais amigos que perderam a competição. Ganharam medalhas também.

As atividades que executei no projeto, as oficinas, os desenhos e as rodas de conversação com as crianças foram feitas na casa da *Missão* nos sábados que não tinha praia como recreação, sábados livres, mas por serem assim muitas delas não podiam ou não

apareciam para as minhas atividades. O horário era o mesmo dos sábados na praia, às 8h30min, o objetivo era fazer com que as crianças não esquecessem. Joab, Monaliza e Val foram fundamentais na execução desses sábados, pois iam buscar e deixar as crianças nas áreas, enquanto eu arrumava o espaço e o material para recebê-las.

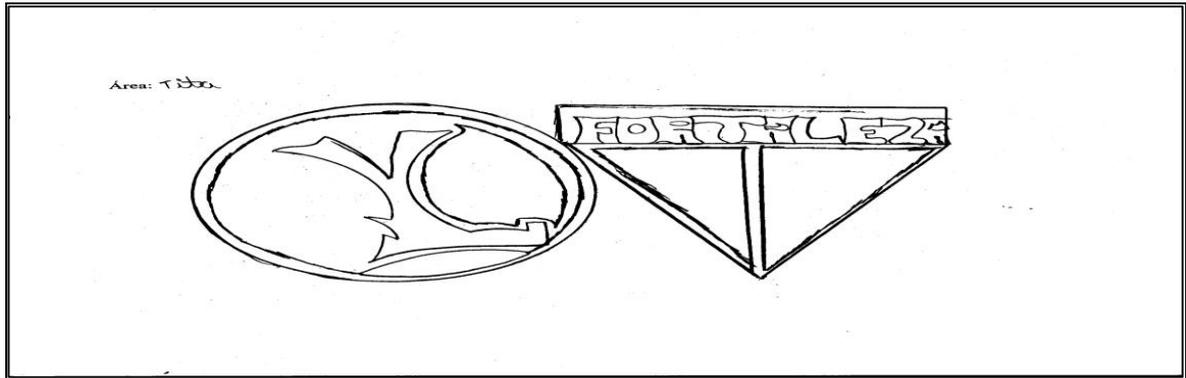
Quando num sábado pedi para que as crianças fizessem desenhos livres, ou seja, desenhar o que quisessem, alguns ilustraram os sentidos que atribuem ao projeto *MetAMORfose*, mas outros desenhos foram inspirados no *Salmo 23* (um grupo de *hip hop* da comunidade que Anailton participou), pois no espaço do projeto tem um grande pano pintado com o nome desse grupo. Alguns meninos e meninas desenharam o símbolo de um time local preferido, o mascote da Copa do Mundo de 2014, a bandeira do Brasil, um anjo e, às vezes, alguma expressão de carinho para mim. Acredito que os elementos vinculados diretamente ao projeto podem ser explicados pela atividade ter sido desempenhada no local do mesmo e pelas crianças me verem como uma voluntária do *Metamorfose*.

A inscrição deste desenho é igual a faixa exposta na parede, onde a palavra *Amor* está conectada à transformação, assim como é definido o lema do projeto. As crianças verbalizavam isso sempre em contexto de interação e se expressavam em alguns momentos como Anailton, mas usando suas experiências.



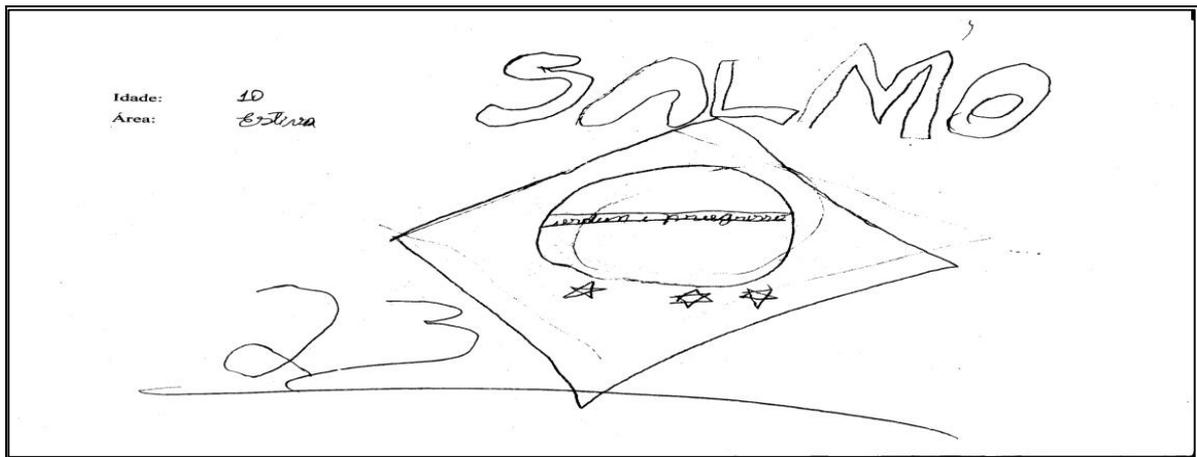
Desenho 13: Menino, 9 anos – Estiva.

No desenho abaixo o menino quis simbolizar o brasão do seu time preferido e como em outros desenhos apresentados nesse trabalho, a paixão pelo futebol é marcante entre os meninos da comunidade, e não apenas o surfe.



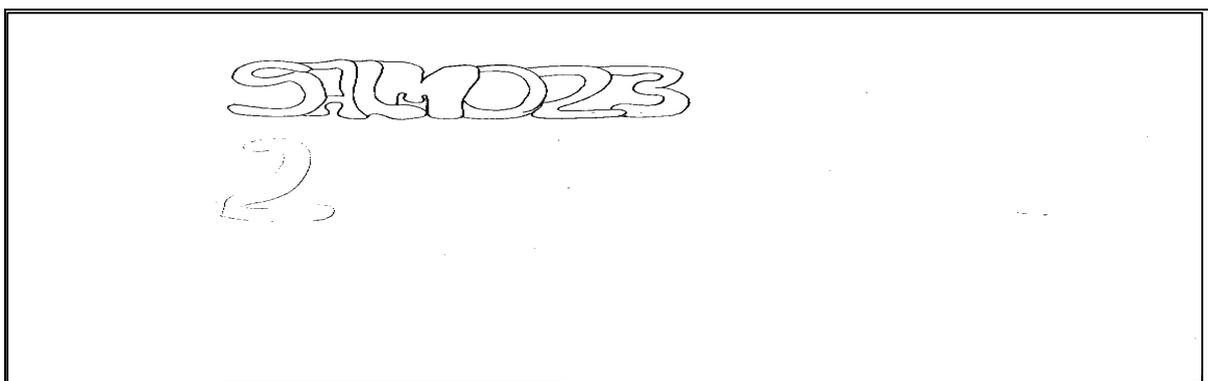
Desenho 14: Menino, 11 anos – Titanzinho.

O Salmo 23 nesse desenho está simbolizando o grupo de *hip hop* que Anailton fez parte e que ainda hoje canta as músicas nas atividades e conta a história do grupo para as crianças. A bandeira do Brasil simboliza a proximidade da Copa do Mundo e a valorização que eles dão ao momento.



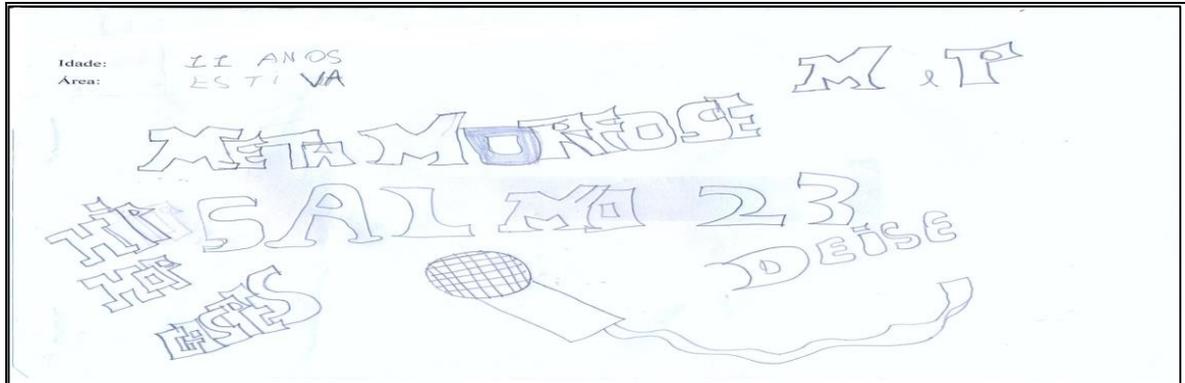
Desenho 15: Meninos, 10 anos – Estiva.

O grupo Salmo 23 é lembrado no desenho abaixo.



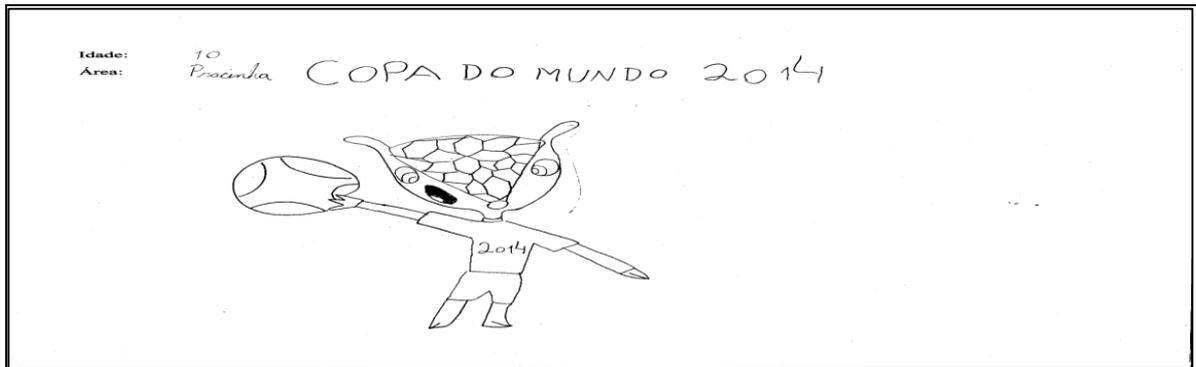
Desenho 16: Menino, 11 anos – Titanzinho.

O menino de 11 anos integra em seu desenho todos os outros elementos anteriores que se referem aos valores do projeto e sua origem: **Metamorfose**, grupo Salmo 23, hip hop gospel, microfone. Meu nome aparece, pois estava coordenando a atividade.



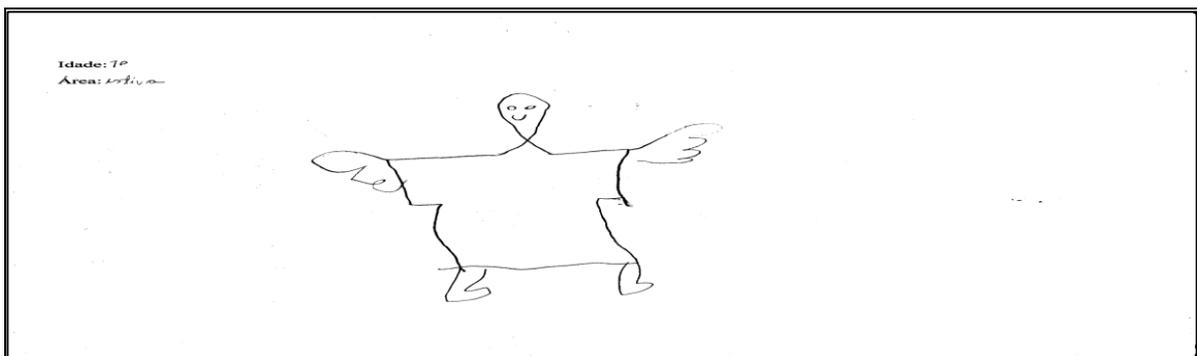
Desenho 17: Menino, 11 anos – Estiva.

Este desenho é outra representação da paixão pelo futebol e que se relaciona com o mascote da Copa de 2014.



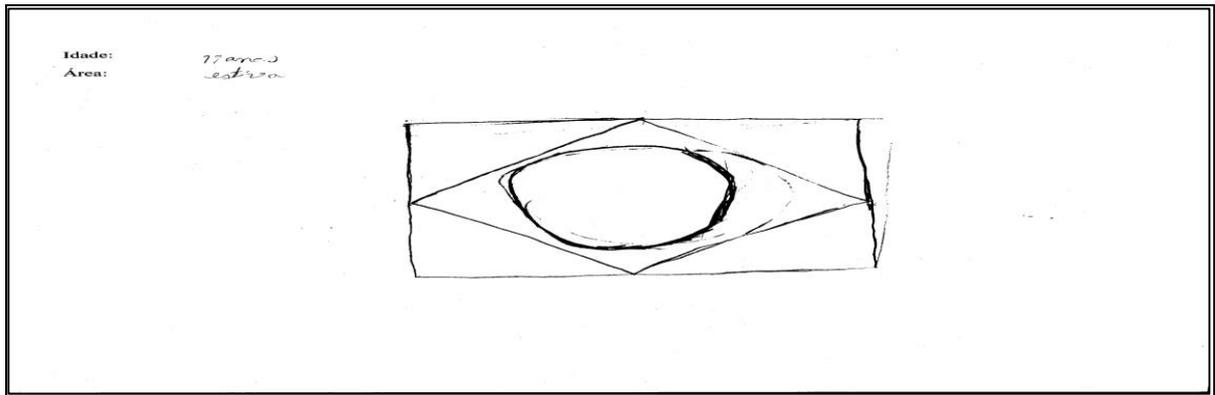
Desenho 18: Menino, 10 anos – Pracinha.

Um anjo feliz é ilustrado no desenho abaixo. Perguntando ao menino que o desenho o significado, apenas me respondeu que não sabia o que desenhar.



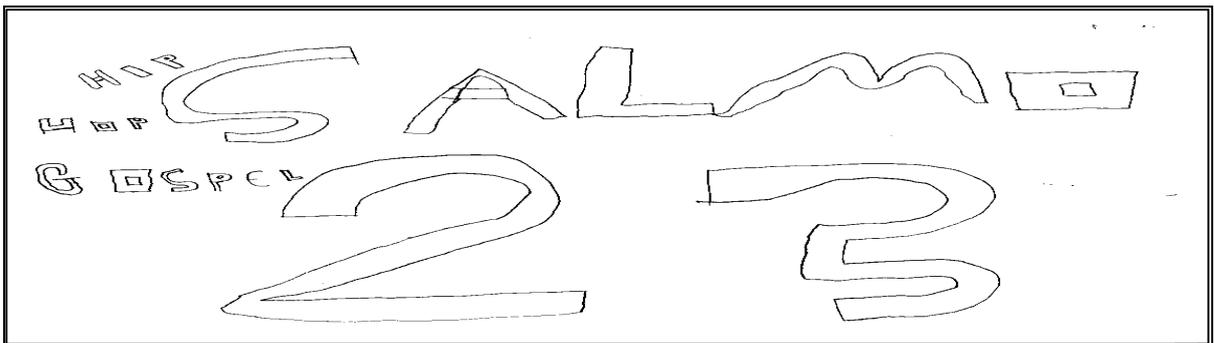
Desenho 19: Menino, 10 anos – Estiva.

A bandeira do Brasil é novamente ilustrada, remetendo à Copa do Mundo.



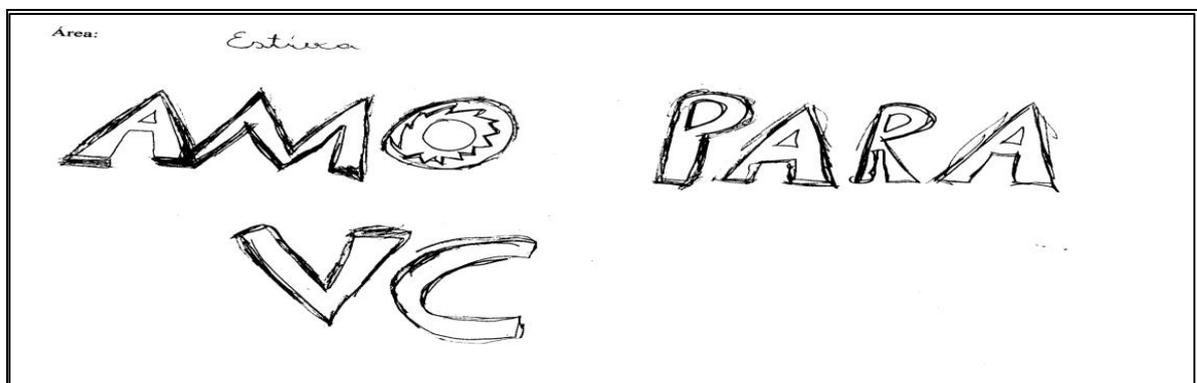
Desenho 21: Menino, 11 anos – Estiva.

O grupo Salmo 23 e o hip hop gospel são ilustrados em mais um desenho.



Desenho 23: Menino, 10 anos – Estiva.

A única menina que compareceu a atividade neste dia desenhando uma frase carinhosa para mim.



Desenho 24: Menina, 11 anos – Estiva.

4 ACUSAÇÕES ENTRE INTERAÇÕES E SUBJETIVIDADES

4.1 Intersubjetividade (s): experiência etnográfica e afetações em campo

Em entrevista à Revista Mana, o antropólogo Johannes Fabian expõe sua visão sobre a objetividade da etnografia através de sua experiência de campo com um movimento carismático. Para Fabian (2006) “nossa objetividade deve basear-se na intersubjetividade”, pois “o estudo de outras culturas é possível por haver intersubjetividade onde quer que seres humanos estejam juntos”. Mas ele não se refere a qualquer subjetividade e completa:

Porém, não é uma intersubjetividade do tipo que qualquer cientista ou positivista está pronto a admitir, a saber, que temos circuitos similares em nosso cérebros – o tipo de intersubjetividade que Lévi-Strauss desenvolveu referindo-se às estruturas universais da mente humana. Refiro-me a uma intersubjetividade que deve ser criada na interação (FABIAN, 2006, p. 509).

A intersubjetividade que Fabian fala é a intersubjetividade criada com os nativos e pela interação com eles. Essa interação só é possível de ser criada pela nossa capacidade de nos comunicarmos pela linguagem, mas ao mesmo não é a única, pois nossa comunicação abrange muitas outras formas. O antropólogo chega à conclusão que o que torna possível a intersubjetividade na comunicação é o *tempo compartilhado*. Para ele a investigação empírica não reside em apenas coletar dados e observações, mas em *interação comunicativa*, que só é possível com o *compartilhamento de tempo*. O antropólogo percebe em sua *experiência* que a comunicação etnográfica pode ser regulada pelas estruturas comunicativas ou pelas regras de comunicação do grupo que se estuda e diz: “pessoas que me ensinaram que nosso trabalho é algo que só pode dar certo se o fizermos com eles, e não sobre eles”, Fabian (2006).

Sobre a objetividade Fabian diz que só somos possíveis por conta dela, referindo-se a objetividade etnográfica. Todos somos subjetivos, mas a subjetividade é a condição para a objetividade em nossa disciplina, logo uma não existe sem a outra.

Marcio Goldman (2006) levanta uma discussão sobre as experiências e a subjetividade do pesquisador. O autor sublinha que Geertz tinha um posicionamento de que o único meio de pesquisa era pela socialidade, isto em antropologia. Esse posicionalmente se alinha ao de Fabian em relação a *interação comunicativa* na pesquisa etnográfica. Goldman

(2006) ressalta que os antropólogos se dispõem “a viver uma experiência pessoal junto a um grupo humano com o fim de transformar essa experiência pessoal em tema de pesquisa que assume a forma de um texto etnográfico”, mas como o cerne da antropologia é a *alteridade* há questões mais abrangentes em torno dessa experiência. A *alteridade* orienta, mas também pode limitar nossa prática. Noto pela minha própria experiência que a interação pode se tornar conflitante e demasiadamente cansativa, pois, primeiro, a subjetividade do pesquisador e dos pesquisados está em jogo e, em segundo, *alteridade* pressupõe aqui o contrário de identidade e comunhão, como propõe Goldman. Mas “até onde somos capazes de promover nossa própria transformação a partir dessas experiências” (Goldman, 2006).

Na minha experiência etnográfica me deparei o tempo todo com essas questões trazidas por Fabian e Goldman e são justamente elas que gostaria de discutir agora. Pesquisar com as crianças não era a única inserção e interação que deveria promover na minha empreitada, pois como estou pesquisando num projeto comecei a notar que os adultos deste projeto também queriam “construir a pesquisa comigo”. Estou falando em especial do coordenador que após três (3) meses que eu estava acompanhando as atividades das crianças e após longo discurso aberto de que “as portas estavam abertas para mim e que poderia fazer minha pesquisa lá” venho ter comigo uma conversa extensa, onde “minha pesquisa se sentiu ameaçada” em não continuar. O contexto que antecedia a conversa, primeiramente, era a primeira vez que tínhamos a oportunidade de conversar mais à vontade desde o dia que fiz a atividade com as crianças do projeto; era um momento que estava tendo muitos conflitos entre um voluntário e os meninos participantes, onde algumas crianças relataram que o voluntário bateu numa criança e, então, Anailton procurou resolver o assunto dialogando com ambos.

Anailton falou durante boa parte da conversa através de parábolas da Bíblia. Arrodeou falando um pouco sobre o caso de racismo que estava polêmico na época, onde pessoas agrediram um jogador brasileiro no estádio; depois falou da corrupção de políticos e pessoas públicas no país, pontuando que tudo isso era muito errado. Em seguida, disse:

Se pode mudar o estado de uma pessoa, mas não se muda o caráter da pessoa. Se a pessoa está com fome, dá comida; se a pessoa está triste, se leva alegria. Mas todas essas ações mudam o estado da pessoa e não seu caráter. (Trecho da conversa informal – Registro em diário de campo).

Ressaltou que se pode tentar entender o problema (da fome, do frio etc.), mas isso não resolve o problema em si. Referenciou os diferentes conhecimentos através da história de David que venceu o gigante Golias²⁹, ou seja, “o David não precisou da matemática, das humanas para vencer o gigante. Ele não precisou calcular quantos metros tinha o gigante, quanto pesava”. Nesse sentido, disse que ninguém acreditava no David, achavam ele incapaz e ele com a fé em Deus e com muita força de vontade conseguiu vencer.

O coordenador pontuou que desistiu de seus sonhos para estar ali e que quando foi dar aula para as crianças pela primeira vez não tinha paciência e elas não lhe obedeciam, e foi então que pediu à Deus paciência e este lhe atendeu. Disse que uma vez um professor de teatro venho dar aulas para as crianças, mas que este bebia nas esquinas. As pessoas que estão lá devem ser exemplos para as crianças, ressaltou de modo incisivo. Esse professor não aceitou os princípios e valores do projeto e por isso ele não aceitou que continuasse. Falou que outras pessoas já foram lá pesquisar, que duas psicólogas foram lá, mas não voltaram mais, pois concluíram que as crianças eram danadas demais. Achava que eu não ia voltar após a primeira atividade que fiz.

Em seguida, a conversa enverou para um campo de total incompreensão para mim, o assunto agora era o *processo*. Anailton me disse que no momento que eu quisesse passar pelo *processo* era só lhe dizer que se comprometeria comigo, em me acompanhar. Fiquei pensando o que era esse *processo* – eu teria que passar por um ritual de iniciação? Lembrei-me da Favret-Saada, que teve de se submeter aos processos e imersão profunda em campo para fazer sua pesquisa. Pensei: será que preciso fazer a mesma coisa? Ele me disse que as pessoas que estão lá precisam conhecer os princípios, os valores do projeto e que não me frustra-se, ou seja, ir embora e não voltar mais. Dizia enfaticamente que eu precisava passar por esse “*processo*”. Então, me deu uma instrução: na hora que as crianças estivessem brigando, eu deveria apartar e falar que eles são irmãos diante de Deus e que não podem brigar. Ele relatou o contexto de vida de um dos meninos que considera o mais “problemático” no projeto, na intenção de me alertar para possíveis problemas. O irmão desse menino é envolvido com drogas, uma das irmãs é “sapatão” e a outra é envolvida com drogas (dessa maneira e nesses termos ele relatou a família do menino). Falou ainda que no dia que me deixou fazer a atividade se arriscou.

²⁹ História bíblica.

As nossas subjetividades entraram em *colapso* e a *interação comunicativa* estava prejudicada. A saída para esse “problema de *alteridade* em campo” foi solucionada de maneira a mudar a estratégia metodológica. Há tempo ele me falava da *interseção* que acontecia às sextas-feiras. Após essa conversa havia ficado extremamente inquieta e decidi na mesma semana ir na *interseção*, experienciar esse convite. Já sabia que era uma espécie de oração, mas havia algo mais complexo que não sabia e ele não me revelava em conversas, onde ao mesmo tempo, me despertava curiosidade. Fui e lá descobri que aquele era o “processo”, o início da “transformação” como ele narrava. Enfim, me deixei ser afetada, lembrando a antropóloga francesa Favret-Saada (1990), e fui de coração aberto a passar por essa experiência. Fui pega de surpresa quando ao final passei por uma espécie de “iniciação ao grupo” ou “cura” (cura foi a maneira com ele apresentou aquela situação). Como Goldman (2006) levei a história a sério, aqueles acontecimentos mexeram comigo e claro que de maneira diferente dos participantes do projeto, mas de maneira que permitiu um estabelecimento entre *nós* e digamos que uma certa *comunicação involuntária*, como Saada diria³⁰.

Anailton em diversas situações me interditava, me dizia o que fazer e o que não fazer, mas eu procurava não lhe levar ao “pé da letra” e numa atividade ou outra ele me comparava aos membros do projeto de maneira a dizer que eles estavam capacitados a lhe dar com as crianças, ou seja, no tom de que eu não estava. Durante uma atividade no Titanzinho, sexta à noite, Anailton pôs Joab para liderar a atividade e ele disse a todos os presentes que este estava habilitado a falar ali na frente, pois não era qualquer pessoa, que poderia falar nas atividades. Ele estava a todo tempo me mostrando ou demarcando o “meu devido lugar”. Percebo o discurso do Anailton como expressa Michel Foucault:

A troca e a comunicação são figuras positivas que atuam no interior de sistemas complexos de restrição; e sem dúvida não poderiam funcionar sem estes. A forma mais superficial e mais visível desses sistemas de restrição é constituída pelo que se pode agrupar sob o nome de ritual; o ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciado); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção. Os discursos religiosos, judiciários, terapêuticos e, em parte também, políticos não

³⁰ É importante esclarecer que fui apenas uma única vez à interseção, pois o propósito era realmente compreender o que era o *processo*. Então, de algum modo fiquei satisfeita com esse único momento. Em instante nenhum me propus a conversão religiosa e muito menos passei essa vontade para Anailton, mas ele relutava. O interessante foi que após estar na interseção nossa relação intersubjetiva ficou mais livre de pressões desse tipo.

podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos. (FOUCAULT, 2011, PP. 38 e 39).

Após esses acontecimentos passei a conferir dignidade ao “processo” e a “cura”, pois permitia repensar minha entrada, minha futura saída em campo, mas também, uma renegociação da minha permanência naquele espaço. Minha *relação intersubjetiva e interação comunicativa* com o coordenador do projeto e os demais voluntários tomou um tom diferenciado e a questão da *alteridade* ainda se apresentava e era evidente para ambos os lados, mas o respeito as diferenças estava mais concentrado na relação.

4.2 Entre observações e interações com as crianças: resquícios de um diário de campo

Procurarei nesse tópico ilustrar para os leitores algumas vivências ou interações construídas pelas observações e conversas informais com as crianças do Serviluz, tomando como base os fragmentos de meu diário de campo. Acredito que seja fundamental expô-los, pois retratam as coisas da maneira como senti e presenciei em campo. Diários escritos logo após chegar em casa, onde descarreguei minhas emoções e percepções sobre o “outro”, onde no ato de escrever se revelaram a problemática da pesquisa e as questões que emergiram em campo.

Nas minhas visitas iniciais ao Serviluz procurava sempre Beбето e ele me levava ao Projeto Vila Mar para conversarmos sobre a minha pesquisa e sobre as novidades na comunidade. Nesses encontros ele me apresentava as pessoas do projeto e ficávamos conversando sobre vários assuntos. Mas numa dessas idas ao Vila Mar acompanhei uma aula de educação religioso para crianças. O Projeto Vila Mar, assim como o Projeto Metamorfose, possui uma abordagem missionária.

No dia que conheci o Anailton foi no dia da Passeata pela Paz no Serviluz. Fui apresentada a ele através do Beбето. Era um sábado pela manhã no mês de fevereiro e era a segunda vez que ia ao Serviluz pela minha pesquisa. Um grande número de crianças vinha chegando, vestidas com trajes de futsal (os meninos), meninos e meninas acompanhados das mães, onde as crianças seguravam cartazes pedindo paz, educação, saúde.

Monaliza me chamou para acompanhá-la até a Missão para buscar a câmera fotográfica. Entramos numa rua à esquerda, a primeira da rua do Titanzinho. No caminho fui tentando decorar o caminho. No caminho muitas casas simples, outras mais estruturadas. Algumas pessoas na rua e mais comércios. A Monaliza brincou comigo que mais 2 (dois) quarteirões a gente chegava. A Missão é uma casa duplex e com uma boa aparência na frente. Entrando onde deveria ser uma garagem havia algumas cadeiras, uma televisão e brinquedos (flautas, bonecos, carrinhos), uma cozinha, uma escada e no andar de cima uma casa com sala, banheiro e quartos. Conheci a parte de cima, porque deixei a minha mochila no sofá. Rapidamente voltamos para o local de início.

A passeata tinha como objetivo protestar contra a violência na comunidade. Se alastrava, segundo os membros organizadores da passeata e alguns discursos, uma onda de violência e de homicídios no bairro. Na noite anterior, uma moradora me relatou naquela manhã, que ocorreu um conflito entre três jovens, onde um morreu e outro ficou ferido. Outro resultado do conflito foi uma criança ferida com uma mala perdida. Segundo essa senhora, toda a motivação dos conflitos eram as drogas.

No primeiro momento da passeata eles tentavam se organizar para que as crianças ficassem atrás do carro que puxava a passeata. Elas foram instigadas a cantar: “Serviluz, Serviluz, esse é o meu lugar. Se eu puder, se eu puder ele eu vou mudar”. Havia um carro que distribuía água em cada parada que fazíamos. Durante a passeata tentava ficar perto das crianças para escutar o que diziam. A primeira escuta foi de dois meninos que na hora em que os organizadores tentavam ver qual caminho seguir, então todos se aproximaram de um muro onde havia sombra; um dos meninos falou para o outro: “Polícia, polícia, encosta no muro”. Nesse momento percebi o contexto, fiquei um pouco chocada com aquela brincadeira, e o quanto era rico ficar mais próxima delas do que dos adultos naquele momento.

Foram distribuídos balões de bexiga brancos. As crianças distribuía panfletos de louvor à Deus para os que observavam e, também, divulgavam num outro panfleto a Igreja Bola de Neve com os horários de culto. A passeata chamava os moradores a se juntarem para protestar.

A primeira parada foi numa rua que eles falaram se chamar a rua do “bagulho”. Falaram da importância da educação, dos pais educarem bem seus filhos para não se

envolverem em coisas erradas. Os meninos ficavam conversando e às vezes desatentos ao que estava sendo dito ali na frente. Faziam festa na hora da água e sem fila nenhuma.

A segunda parada foi na área chamada Pracinha. Paramos realmente numa pracinha. Estava um pouco abandonada, alguns brinquedos velhos e uma quadra sem estrutura, mas um espaço relativamente amplo. Nessa parada aproveitei o momento para me misturar com as crianças. Um grupo de três meninas ficaram numa roda em tom de “fofoquinha” e olhando para um menino, como se fosse uma paquera. Achei engraçado e me lembrei daquela reunião que fui numa sexta, em que os propósitos eram os cânticos, o louvar à Deus e a meninada paquerava. Sentei do lado de vários meninos e perguntei a um deles se ali era a Pracinha, um deles me respondeu que sim com a cabeça. Estava difícil a aproximação. Me deu a impressão que melhor seria ser criança para pesquisá-las. O mundo delas me parecia tão fechado. Não conseguia entender direito seus gestos sem poder escutar. Não me sentia tão à vontade e elas se fechavam pra mim. Não me percebiam, pareciam perceber apenas as outras crianças, e quando me olhavam, me olhavam com um olhar estranhado e de rejeição. E eu me sentia ainda mais deslocada ali diante delas. Foi uma impressão. Parece que nem o fato de eu já ter sido criança um dia me ajudava. Parece que *tornar-se adulta é* não saber mais como aproximar-se delas sem ter seu olhar de estranhamento. Parecia que eu era estranha a minha própria infância.

Na Pracinha começou a neblinar forte, o tempo com um Sol escaldante começa a mudar. A passeata continuou. Quando depois percebi que o Anailton estava sendo entrevistado por um repórter. Depois paramos na frente de uma escola particular. As crianças entraram e beberam água. Ali eu pensei que já estava chegando ao fim. O pastor glorificou Deus e uma garotinha segurando um cartaz estava ao lado do carro de olhos bem fechados e orando com muita vontade. Fiquei atenta a cena, ela parecia uma adulta orando com tanta fé. As crianças durante a passeata tomavam posturas adultas vez ou outra, *oscilavam entre “ser criança” e “ser adulto”*.

A próxima parada foi num terreno baldio. Acho que estávamos no Titanzinho. As crianças com seus cartazes pousaram para uma foto. Já corriam boatos que após a passeata haveria um lanche na Missão. A mulher de um vereador que acompanhava toda a passeata falou ao microfone. Falou a mesma coisa que foi dita por todos os outros antes. Ela aparentava estar numa campanha política. Nessa parada o Jailson, que puxava a passeata, disse que ali não estava sendo levantada bandeira alguma de Igreja. Algumas crianças pediram para ir embora e que iam pegar a bola para jogar. Um dos encarregados as liberou e disse que podia pegar a bola e

depois entregar na sua casa. O Bebeto se aproximou de mim e perguntou como estava. Disse que estava muito cansada e ri. Novamente tentei aproximação com as crianças, agora duas meninas, mas elas não me deram muita confiança e saíram andando. Passamos pela escola Helenita, perto da Nacional Gás.

Terceira e última parada: Estiva. Uma pracinha no meio entre duas ruas. Não apareceu ninguém, nenhum morador na rua para ver o que acontecia. As ruas estavam desertas. Um bêbado que acompanhava a gente desde a saída da Pracinha continuava lá, dando apoio no que era dito e repetindo tudo. Depois estava instruindo as crianças não irem para a pista. O bêbado começou a se tornar a diversão para elas e um protetor.

Na Estiva foi distribuído refrigerante. Sentamos na sombra de algumas árvores. Sentei no meio da criançada. Alguns meninos me chamaram de tia e perguntando se ia ter lanche. Até que uma menina sentada atrás de mim começou a passar os dedos no cabelo, num movimento de pentear. Ela que se aproximou de mim, eu não a escolhi para me aproximar, ela me escolheu naquele momento. Aí comecei a entender a lógica da aproximação com as crianças. Ela se chamava Paty e foi me acompanhando e eu a acompanhando até o fim da passeata. Ela me falou que fazia capoeira e falou sobre o bêbado e que ele uma vez brigou com um homem. Ela gostava de ir para a Pracinha orar, que gostava de cantar lá e falava disso muito contente.

Quando chegamos ao Titanzinho as crianças e a Paty ficaram novamente olhando para as pedras. Elas ficavam apontando e mostrando umas para as outras. Perguntei a ela o que era. Elas me apontaram a pedra e disseram que era sangue na pedra, me perguntaram se era sangue mesmo.

Encerraram a passeata. De repente todos começaram a se espalhar e eu querendo saber mais sobre as pedras. Fiquei procurando a Monaliza e não a via. Procurava o Anailton e também não conseguia encontra-lo. Até que Bebeto veio me perguntar pra onde eu ia. Disse que tinha deixado minha mochila na Missão e que ia lá buscar. Ele pediu para os três rapazes perto da gente me levarem até a Missão. Despedi-me do Bebeto e disse que a gente ia se falando. Um dos rapazes perguntou: Qual o seu nome, senhora? O outro: Senhora o que, rapaz, senhorita (risos). Eu ri e confirmei senhorita, já que eu não era tão velha, e respondi sua pergunta. Fui seguindo na frente com a Paty.

Quando chegamos à Missão todas as crianças estavam sentadas em círculo no espaço onde é a garagem. O Anailton pediu para o rapaz sentado na cadeira levantasse e eu

sentasse. O Anailton explicou e delimitou até onde elas poderiam sentar. A Monaliza lá de dentro me chamou. Fomos para a cozinha. Ofereci-me para ajudar e ela disse que tudo estava pronto. Comecei a distribuir os pães com os outros. Alguns colocavam o suco para a criançada. Os meninos começavam a me reclamar dizendo que eram 2 pães, e não 1. Eles brincavam dizendo que não tinham recebido 2, mas tinha 2 nas mãos. Depois me ofereceram lanche e eu lanchei sentada no chão com as crianças. O Anailton depois estava lá fora conversando com dois jovens, um deles lhe apresentava um *rap*. Eles lancharam e foram indo embora.

Era a primeira vez que *andava mais profundamente na comunidade* e não imaginava que ia ser tão rápido, levando em conta o tempo que estou pesquisando lá, menos de 1 mês. Numa manhã conheci as três áreas de conflito do Serviluz que tanto os “nativos” me relatavam e conheci um pouco da história do lugar pelas passadas e pelos gestos das pessoas. Foi incrível!

4.3 Atividade na praia: primeira vez

Vou relatar agora a primeira vez que fui para uma atividade na praia. Ao chegar no local do encontro, depois da Igreja Presbiteriana Vila Mar, já estava cheio de crianças à espera do Anailton e brincavam naqueles pneus empilhados novamente, como da outra vez. Percebi de longe que estavam acompanhadas de um adulto, Joab que até então não sabia seu nome, mas que também esteve na passeata da paz. Aproximei-me de Joab, cumprimentei com um bom dia e ele me respondeu. Perguntei se eles estavam esperando o Anailton, me respondeu afirmativamente. As crianças ficaram me olhando e um menino me recepcionou da seguinte maneira: “O que é isso? Um morcego? Um morcego só que branco”. Os meninos riram e eu não achando graça disse: “Não. São óculos escuros”, tirei para ele ver meu rosto e mostrei os óculos. Depois disso ficou calado. Elas ficaram me olhando e se perguntando em pensamento, mas também falando quem eu era. O menino que “cismou” com meus óculos se aproximou, ficou me olhando e perguntou quem eu era. Uma das meninas se aproximou rapidamente e disse para o menino: “Ela é aquela tia que ia fazer a peça com a tia Rebeca”. Eu e o Joab respondemos que eu não era essa pessoa. Foi interessante elas tentando me reconhecer ou tentando interpretar quem eu era.

Fiquei por ali e de repente só escutei a criançada falando “o Anailton chegou”. Ele chegou com um alto falante e um apito pendurado no pescoço. Ele me cumprimentou com um

aceno de longe. Ele venho até a mim, apertou minha mão e perguntou que horas havia chegado. Percebi depois que um dos rapazes que puxavam a passeata naquele dia estava sentado no batente, tinha chegado com ele. Em seguida, o Anailton pediu para todas as crianças sentarem no batente e eu sentei junto a elas. Pareciam esperar alguém mais. Fiquei por ali tentando interagir com a criançada. Perguntei para as crianças se a última vez que teve atividade se foi no dia da passeata da paz, antes do Carnaval. Elas me responderam que teve uma depois do Carnaval (mas dessa eu não fiquei sabendo).

Depois o Anailton brincou comigo dizendo que eu havia abandonado eles, pois eu nunca mais apareci, aí eu disse que pensava que aquele sábado era posterior a passeata e que havíamos perdido o contato. Ele concordou comigo e disse que ele também não tinha me avisado. Estávamos em contato sempre pelo *Facebook* e foi através dessa rede que me informei com ele sobre este sábado.

Anailton falou para as crianças: “Vocês lembram da Deiziane? Elas responderam que não. “Ela participou da passeata com a gente”, disse ele. Enfim, elas não lembravam de mim. O Anailton me perguntou, falava no auto falante, se eu havia trazido alguma coisa, bolsa essas coisas. Respondi que não, que havia trazido tudo nos bolsos. Ele disse que se eu estivesse com bolsa poderia guardar na casa dele. O Marcos falou: “Só trouxe o óculos e a vida”. Achei diferente a maneira como ele colocou a vida nessa situação. Em seguida, o Anailton saiu. As crianças aguardavam e não paravam de perguntar a Joab para onde Anailton tinha ido.

Enquanto não começavam as atividades eu aproveitei para conversar com os meninos sentados ao meu lado. O Marcos não parava de brincar com uma espada de plástico quebrada e seu colega perguntou onde ele havia arranjado. Tinha achado ali pelo chão. Fui interagindo com eles, perguntando nome, idade e perguntei o que era aquilo que brincava. Marcos disse que era uma espada e vez ou outra fazia o gesto de enfiá-la na barriga e cair morto no batente. Por várias vezes fez isso, sempre quando eu falava da espada ou tocava nela. Contou pra gente que o Wolverine enfiava uma flecha no urso, mostrou o gesto enfiando a espada na barriga e, em seguida, caindo morto novamente. O Joab me olhava com certa desconfiança, do tipo: O que ela quer aqui?

Conversando com um menino e outro, as outras crianças iam se aproximando, as meninas, principalmente. Luiza, sendo muito tímida, aos poucos começou a ficar próxima.

As crianças avistam o Anailton retornando. Elas gritavam: “ele vem com aquele tio brancão”. As outras diziam: “quem é aquele brancão?”. Perguntavam inclusive para mim, mas apenas respondia que não sabia quem era. Perguntei para os meninos quem era e ninguém sabia dizer. Antes de eles chegarem, o Anailton, o “tio brancão” e o João Paulo, elas ficaram “zuando” da “brancura” do rapaz. Quando chegaram até onde estávamos a criançada ia se aproximando aos poucos e perguntado quem ele era, assim como fizeram comigo. Depois que perguntei para um dos meninos quem era aquele rapaz, ele foi lá e perguntou a ele. O nome dele era David e era alemão. Alto, loiro, magro e muito branco. Fiquei curiosa para saber o que ele fazia ali. Será que era de alguma instituição que financiava o projeto? Mas achei melhor ficar na observação e descobrir espontaneamente.

Após grande tumulto, o Anailton tentou acalmar os ânimos e pediu para que fechássemos os olhos e de cabeça baixa fizemos uma oração, repetindo o que ele falava. Na oração havia o agradecimento de estar ali mais uma vez, pois muitos não podem (pensei nas mortes) e pedidos para que Deus protegesse nossa atividade na praia. No final disséssemos “amém”. As crianças realmente se concentraram nesse momento e não conversaram. Levaram a sério a oração.

Depois da oração o Anailton organizou as crianças, dividiu meninos e meninas. Falou que eu ia ajudar eles na atividade. Separou primeiro o grupo das meninas. Colocou duas meninas mais velhas para levar o grupo para a praia. Nesse momento algumas meninas que já havia falando comigo se aproximaram mais. A Elisa e a Mel começaram a me mostrar suas unhas postiças compradas na mercearia perto de casa. As unhas de uma delas já estavam saindo, mas as da Elisa ainda estavam lindas e prateadas. Elisa dizia que aquelas unhas duravam uma semana. Elas me davam abraços laterais (mãos na cintura da outra), perguntavam meu nome e onde eu morava. Tanto meninos e meninas me perguntavam isso. Eu respondia que era na Caucaia e se elas conheciam. Todas elas pareciam saber onde era e achavam longe. Uma das meninas pensava que eu morava no Serviluz, que tinha uma casa lá e outra em Caucaia.

Eu sem entender direito, fui tentar seguir o grupo das meninas, mas um dos meninos (acho que o Alex, só depois decorei seu nome e seu rosto) puxando meu braço perguntou minha idade e eu falei, ele disse: “o grupo não é das meninas?”. Eu disse: “é”. E ele: “você não pode ir”. Ele quis dizer que eu não era mais menina e sim uma adulta. Senti nesse momento uma forte barreira entre minha condição de adulta e a condição delas de criança. Será que ele tentava delimitar os espaços entre os dois mundos? Fiquei ainda mais perdida. Parei, fiquei olhando o

Anailton separando os meninos e no impulso sai andando para alcançar as meninas que já chegavam na Praia do Vizinho. A Mel correu e disse: “bora tia” e me abraçou. Nos abraços eu me sentia acolhida e em parte aceita por elas. Ela comentou que não sabia por que o Anailton separava os grupos, pois todo mundo vai para a praia do mesmo jeito. Andando com ela perguntei se o que via eram casas na areia, ela respondeu que eram locais para guardar coisas (eu fazia referência aos barracos na areia). Perguntei se eram coisas dos pescadores e ela disse que sim. Perguntou para mim se não conhecia lá, disse que conhecia apenas o Titanzinho e que aquela parte onde estávamos não, mas completei dizendo que gostaria que elas me apresentassem o Serviluz e ri, ela apenas retribui o sorriso. Em seguida, Mel disse (apontando) que ali era uma casa construída na praia. Fiquei olhando, era um barraco no meio da areia. Depois Elisa correu e ficou abraçada comigo do outro lado.

Na Praia o Anailton fez alongamento e aquecimento com todos. As meninas corriam para ficar ao meu lado na roda. Nesse momento percebi o quanto estou sedentária e sem ritmo. O David (alemão) era a atração para algumas crianças, algumas não saíam de perto dele. Enquanto estávamos sentados na areia o César queria que queria enterrar meus pés na areia e eu deixei. O Anailton me chamou, mas também chamou David e João Paulo para formar as equipes para uma brincadeira. Pedia para que escolhêssemos as crianças. Na primeira rodada escolhemos as meninas. Escolhi de primeira aquelas que haviam me escolhido primeiro. Depois fui aceitando as sugestões delas para escolher alguém, um irmão (ã), primo, amigo, mas também escolhi as crianças que achava interessante (as mais falantes). Elas formaram uma fila atrás da gente, éramos os líderes (os adultos). Ao meu lado estava a equipe do David e a menininha magrinha que estava atrás dele não parava de tirar brincadeiras comigo. Ela fazia uma bola de areia e jogava no chão, desmanchando a bola e eu brincava de estar surpresa com seu ato. Ela ria e continuava com aquela ação repetidas vezes. Depois querendo jogar a bola em mim e eu dizendo não, ela jogou e eu segurei, devolvia para ela jogando também. O David olhava para mim brincando com as crianças e talvez se perguntando quem eu era, assim como eu me perguntava que ele era, um estranhamento duplo.

O Anailton passou uma linha limite e cada grupo ficou atrás da linha e em fila indiana. Ele explicou a brincadeira. Cada líder teria um tesouro (2 bolas e 1 chapéu – o meu era o chapéu). Há poucos metros havia outra linha onde o líder ficaria preso, mas antes dessa linha (no meio do caminho) havia um círculo, onde o do “mal” (um jovem magrinho que também esteve na passeata, não sei seu nome) estava para congelar aqueles que passassem. Só o líder

poderia descongelar seu integrante. Cada integrante por vez corria para pegar o tesouro. O prêmio para a equipe vencedora seria uma caixa de chocolate. A minha equipe era composta por: Mel, Marcos, Rafael, Chico, kelvia, Elisa, Isabel e César. Nenhum desses integrantes foram capturados pelo do “mal”. Fomos os primeiros a terminar. Ganhamos a brincadeira, porque éramos a equipe mais organizada, segundo Anailton. Mas o tesouro estava nas minhas mãos, enquanto nas outras não. Vencemos a brincadeira. As crianças pularam em cima de mim, me abraçando e vibrantes por termos ganho. Perguntavam-me sem parar pela caixa de chocolate e eu dizia que o Anailton iria providenciar depois e que deveriam pedi-lo.

Após a brincadeira ele perguntou quem iria tomar banho de mar e quem iria jogar futebol. Ele dividiu novamente. O Anailton perguntou se eu iria tomar banho e disse que não, pois não estava de biquíni. As meninas e meninos que iam tomar banho não paravam de perguntar se eu também tomaria. Fiquei com vontade de ir, mas fui pegue desprevenida. Fiquei por ali molhando os pés, as mãos e o rosto. Sempre observando a criançada no mar e as crianças na areia jogando futebol com a maior agilidade. O Joab ficou na areia como juiz e de apito na boca, mas também cuidando do menino mais jovem que brincava de fazer bolas de areia perto dos que jogavam. O Anailton e o David foram para o mar. O Joab se aproximou e perguntou quem estava com o Anailton, eu falei que era o David e o João Pedro, ele me corrigiu – “o João Paulo”.

Muitos no mar brincando com os adultos e um menino sentado na areia com sua prancha nas pernas e com cara de choro. Perguntei porque ele também não estava lá brincando no mar com os outros, ele disse que o Anailton não deixava ele ir surfar. Eu disse para ele ir tomar pelo menos banho de mar com os outros e que eu cuidava da prancha dele. Ele ficou pensando de cabeça baixa e foi. Fiquei tentando segurar sua prancha e o vento tentando levá-la. O Joab venho e enfiou ela na areia. Não leva jeito nenhum com aquela prancha. Algum tempo depois o Anailton trouxe o menino nos braços, o menino da prancha. Ele chorava. Perguntei para o Anailton se estava se danando e ele disse que sim. O Anailton ordenou que ele não voltasse para o mar, se não iria voltar para casa. O menino chorando e revoltado saiu andando para a outra ponta do mar e subiu no paredão. Sentou e ficou olhando o mar do Titanzinho, refletindo. Outro menino que jogava futebol foi lá falar com ele. Aparentava estar contando o fato ao colega e ao mesmo tempo joga pedaços de pau no mar.

A Luiza volta do mar e fica na beira d’água emborcada brincando de pingar a areia molhada em cima da outra. Perguntei se ela estava fazendo castelo e ela disse que sim, mas que

era melhor fazer na outra areia, a mais seca. Então, vinha a água e destruía o que fazia, brincava com ela e ela ria. Ela me disse que depois poderíamos fazer um castelo na areia. Outras meninas maiores saem do mar e ficam na beirada conversando. Depois Mel sai também com uma carinha triste. Pergunto se ela tinha cansado de ficar no mar. Ela triste me disse que ninguém queria brincar com ela. Depois vem outra menina reclamando que tinha um menino a empurrando.

Desde que havíamos chegado na praia era uma reclamação recorrente das meninas em relação aos meninos que as empurravam. Elas falavam para o Anailton, ele chamava a atenção dos meninos e os ameaçava de não poderem mais brincar. O Marcos era o mais danado da turma. Na fila da brincadeira do líder uma delas venho me reclamar do menino da nossa equipe que estava lhe empurrando, mas eu disse que falasse para o Anailton, para que o menino não fizesse mais aquilo. Fiquei sem saber o que fazer, pois não queria ser uma chata para elas, uma adulta que fica chamando à atenção, afinal já havia o Anailton e os outros ali com essa função. Se eu quisesse me tornar próxima delas não poderia tomar toda uma postura de “tia”, apesar de ser vista como uma.

Veza ou outra o Anailton tirava um menino do mar, alguém que estivesse atrapalhando a atividade. O vi fazendo isso três vezes. O César foi o último. O Anailton tirou até o catarro do nariz dele. Deixou o César comigo. Ele muito chateado, lhe fiz a proposta de enterrar meus pés na areia, assim como fez no início. Ele disse que iria me enterrar toda e eu rindo disse que outro dia eu deixaria. Foi enterrando meus pés com muita raiva, descontando o fato do Anailton não ter lhe deixado brincar no mar. Perguntou-me se eu morava lá e me contou onde ele morava. Dizendo que morava no local onde estávamos mais cedo, numa casa de azulejo verde. Numa casa vizinha a Associação dos Moradores do Serviluz (depois eu vi melhor, pois ele me mostrou quando voltamos. É a mesma casa onde eu fui para uma reunião numa sexta à noite com a equipe de pesquisa). Enquanto o Tami brincava com os meus pés, o rapaz alto e moreno que esteve na passeata venho me perguntar se eu sabia tirar foto daquele celular em sua mão. Parecia que o celular era do David, este queria uma foto sua no mar. Mexi, mas era “tecnologia de ponta” (tudo em alemão), não entendia seu funcionamento.

Passou um tempo e todos saíram do mar. Eu estava segurando desde o início as roupas da Elisa e da Mel. No meu bolso havia um (1) real que uma das meninas pediu para eu segurar. Quando eles saíram, corri para lavar as pernas e o rosto sujo de areia. Um arrependimento de não ter imaginado que iriam tomar banho de mar, pois não fui de biquíni. Falei para a Mel que deixei sua roupa com a Elisa e que estava indo me limpar. O Alex passou

o resto da manhã brincando comigo pela maneira que eu falava e contava para as pessoas me imitando.

Corriam boatos entre elas que teria um lanche. Fomos andando de volta para o local do encontro. A menina magrinha correu para perto de mim e dizia que a Isabel estava com raiva dela e perguntei porque, ela disse que havia chamado Isabel de “japa” (a menina tinha traços orientais). Disse que talvez por isso ela estava com raiva, e ela ficou calada. Perguntei como era o nome da menina “japa” e ela disse que não sabia. A Luiza abraçada comigo durante o caminho me perguntou se eu iria para a Missão na terça. Perguntei como era a Missão. Ela disse que a cada 15 dias eram apenas as meninas, que na terça passada foram os meninos. Não entrou em detalhes. Perguntei o horário, começava às 19h na casa do Anailton. Disse a ela que tentaria ir. Falei que terça era feriado, ela não sabia. Falei que não teria aula e será que teria a Missão.

Quando chegamos na rua do Titanzinho a vizinha que limpava a rua emprestou a mangueira para limparmos os pés sujos de areia. Formamos uma fila. O Anailton segurava a mangueira e organizava tudo. As crianças corriam querendo sentar nas cadeiras do bar. O Anailton pedia para o Joab avisar que elas não sentassem. Duas ou três mulheres varriam a frente das suas casas e o estabelecimento. Crianças que não foram da minha equipe se aproximavam perguntando pela caixa de chocolate, mas as que foram da equipe vinham me alertar quem não era da equipe. Nessa confusão eu decidi anotar o nome delas num papel. Um dos meninos falou: “Vixe, a tia é prevenida”. Sabia que era um total de 8 (oito) crianças, mas as meninas que conhecia desde o início foram me mostrando e me ajudando a anotar o nome de todos da equipe vencedora.

Depois que lavamos os pés, sentamos na calçada quase em frente a Associação e ficamos esperando o lanche chegar. A Monaliza estava na Missão preparando o lanche. Enquanto isso a convite delas me sentei na calçada e ficamos conversando. A Luiza e a Carla reforçaram o convite para ir na terça. A Luiza foi confirmar com o Anailton se teria mesmo. Ele veio perguntar se eu iria e eu disse que tentaria. Perguntei a ele como era e me disse que eram só meninas, num tom de que não ia dar detalhes.

A gente sentada, descobri que a Isabel é irmã do Alex. As meninas comentaram e ele me confirmou. Eu repetindo o nome deles para decorar e o Alex me conta que os meninos chamam a Mel de “piriguete”. Perguntei porquê e ele disse que é porque ela usa uns *shorts* desse tamanho (me mostrando em quatro dedos como era pequeno o comprimento do *short*).

Ela não escutava o que ele dizia. Disse para Alex que eles não deveriam chamar ela assim, ele se defendeu dizendo que não era ele, era os meninos que chamavam. O Alex depois implicou com as minhas unhas dizendo que eram postiças como as das meninas.

A Carla me perguntou qual era a minha Igreja e eu disse que nenhuma, que não tinha, ela em seguida disse que também não é evangélica. Fiquei surpresa, pois achava que ela fosse e por isso me fazia tal pergunta. A Luiza me perguntou se eu tinha filhos, disse que não, a Carla perguntou minha idade nesse mesmo instante e disse que tinha 25 anos. Ela ficou calada e pensando. E perguntei por quê? Ela disse que não era nada. A Carla disse que a mãe da Luiza tem 25 anos, mas que não parecia, e que tinha 2 filhos, a Luiza e um bebê de 9 meses. A mãe da Luiza não trabalha, mas sabe fazer unhas muito bem, que todo mundo diz que poderia trabalhar com isso, mas não quer. Luiza e Carla são quase vizinhas, moram no Titanzinho. A Luiza tem 9 anos, a Carla tem 10, mas fará aniversário dia 22/08. Ela começou a falar que iria fazer festa e me convidou.

O lanche chegou. Os meninos distribuíram. *Hot-dog* com suco. O que sobrou ele redistribuí entre as meninas. Ficamos esperando mais pães para que os meninos repetissem também. Houve meninas que comeram 3 (três) pães. Ofereceram-me o 3º (terceiro), mas estava cheia e não aceitei.

Durante esse terceiro momento, esperando o lanche, uma das meninas mais velhas falou que morava depois da Estiva. As meninas, Elisa, Mel e outras me chamaram para ver o mar. A Mel me perguntou onde eu morava e se eu estava de carro, disse a ela que iria voltar para casa de ônibus. Uma das meninas, um pouco mais velha do que as outras, me repreendeu quando lhes pedia para terem cuidado com os carros que passavam enquanto elas admiravam o mar, ela gritou: “Tu nasceu foi de 7 meses, foi?”.

É interessante a relação que as crianças têm com o mar, a areia, a natureza. Elas ficam conversando sobre as ondas. Antes da praia uma delas me perguntou como era feita a onda e lhe falei das placas tectônicas, mas só do que eu ainda lembrava dos tempos de escola. Depois quando estávamos na praia a água estava amarelada, uma delas disse que não iria tomar banho porque a água estava suja, perguntei o que era e ela disse que era óleo. Mas pensei que não fosse e a deixei a vontade.

As crianças desde que voltamos da praia queriam água, mas não tinha. O Anailton dizia providenciaria suco. Algumas foram pegar água na casa do César. Depois do lanche fomos

em direção a Missão. Fui carregando uma sacola com as garrafas de suco secas. O que chamou à atenção nesse trajeto foi um grupo que ia na frente. Duas meninas e dois meninos intercalados, eram pré-adolescentes, iam com braços entrelaçados no corpo do outro, os meninos tentavam pôr a mão na bunda das meninas, às vezes elas deixavam e depois tiravam as mãos dos meninos. Uma das meninas esteve na minha equipe e venho me perguntar sobre a caixa de chocolate e lhe disse que o Anailton quem iria ver isso, então, um dos meninos mais velhos me abraçou dizendo: “bora, tia”. Fui andando, mas tentando tirar os meninos da rua onde passavam muitas motos.

Quando chegamos à Missão as crianças ficaram pedindo água. O Anailton, muito aperreado, disse que só tinha quente, e elas diziam não ter problema. Ele dizia que elas beberiam água em casa. O Anailton perguntou se o Joab iria deixar elas em casa e ele foi. Mas algumas já haviam ido para casa antes de irmos para a Missão.

4.4 Na Missão das meninas: primeira vez

A Missão das meninas é coordenada por Rebeca. As meninas ensaiavam uma dança. Algumas meninas que não estavam na dança estavam sentadas no chão colorindo alguns desenhos. Os desenhos até onde consegui observar eram *gospels*, ilustrações com a Bíblia. As ações para serem feitas na dança iam sendo faladas para as meninas: prostituição, drogas, etc. Elas levavam a sério o ensaio e a encenação. A Luiza venho correndo me abraçar. Foi logo perguntando se eu iria sábado e que fosse de biquíni, porque ela e o César iam me enterrar na areia. A Carla também venho me cobrar depois para ir de biquíni para tomar banho com elas. A oração da Rebeca dizia que Deus resolve tudo, todos os problemas vão embora quando estamos com ele (era mais ou menos esse o sentido). Havia uma forte correlação entre violência e Deus, ou melhor, a resolução da violência pela crença em Deus, assim eu percebia pelas orações feitas nas atividades do projeto. Rebeca e Monaliza fizeram a oração. O pedido era que todos fechassem os olhos, mas algumas meninas depois de um tempo abriam os olhos, ficavam dispersas, brincavam de carrinhos... A Claudiana venho ficar abraçada comigo enquanto orávamos. Elas diziam para falarmos com Deus e que poderia falar em voz alta, algumas meninas o fizeram.

Depois a Elisa venho para perto de mim e perguntou se eu iria no sábado. Perguntei para ela o que era a dança, o que significava. Ela me contou que é a história de uma pastora,

interpretada por kelvia, e que Deus fez ela pastora, que o mal vinha e queria levá-la a fazer coisas ruins, mas um anjo venho para salvá-la. O anjo na encenação era a Elisa.

A Rebeca explicou que o lanche ia ser servido e que na próxima semana seria a Missão dos meninos. Ela tentou me apresentar: “Gente, essa é a Deiziane. Vocês já conhecem ela? Ela venho conhecer o projeto”. As meninas gritavam que já me conheciam e repetiam meu nome (“me senti em casa”).

Ao final, Rebeca disse para as meninas que às 20h elas iriam se apresentar na Pracinha, perguntou se estavam preparadas, elas diziam que sim. Nesse momento a Mel levantou e perguntou se elas poderiam ir para lá (se as crianças do Titanzinho poderia ir para lá). Mel: “Tia, mas eles vão poder ir pra lá?” (se referia a área da Pracinha). Então, Cleiton, colaborador no projeto, respondeu a ela que claro que eles vão, pois todos têm que ser amigos. Ela sorriu e sentou novamente. O Cleiton me chamou à atenção para a preocupação dela, disse que o Serviluz está dividido por áreas de conflito: Pracinha, Estiva, Tintazinho (“aqui”, disse), Favela (penso que ele falava do Farol), que um não pode passar para o outro lado e vice-versa. Falou das reuniões: segunda na Pracinha, quarta na Estiva e sexta no Titanzinho. Eles gostariam de fazer reuniões com as mães das crianças, já que não podem falar com os pais, mas não há data ainda para isso acontecer e que “Deus providenciará uma data certa”.

4.5 Sexta à noite no Titanzinho com as crianças

Nós organizamos para irmos para o encontro no Titanzinho com as crianças. Começou às 21h e terminou às 22h. Apareceu algumas crianças. A reunião é em frente a casa da irmã da Dona Mariazinha que faz pastéis à noite. Várias mulheres ficam sentadas na sua porta, numa roda conversando e observando a rua. Muitas motos e bicicletas não paravam de transitar. Eu e Monaliza fomos fazer o lanche das crianças na casa de cima. Onde havia apenas uma senhora e um rapaz com síndrome de *down*. O bar do lado cede as cadeiras para o encontro.

O Anailton e o Joab instalaram a caixa de som. O Joab liderou o processo nesse dia. Orou e contou uma história da Bíblia. Depois o Anailton complementou. Comentou falando no microfone que haviam poucas crianças presentes, mas que agradecia a presença de todas.

Os meninos não paravam de brincar com a Lorena chamando esta de Magda, segundo uns dos meninos, é o nome da diretora da escola onde eles estudam. As meninas mais

velhas não paravam de insultar com o Miguel que é “gordinho”, chamando ele de “Seu barriga” (referência a um dos personagens do seriado *Chaves*) e outras coisas, porque ele estava comendo pastel. Lorena participando, querendo cantar, falar no microfone e orar. O Anailton sempre incentivando ela e as outras crianças a fazerem o mesmo. Algumas delas se dispersavam às vezes, como eu todas as atividades. Mexer no celular, conversar, insultar com um colega eram recorrentes.

4.6 Em vários momentos das atividades...

Em outro sábado na Praia do Vizinho conheci mais uma criança. Na verdade, a cada vez que ia para as atividades do projeto, conhecia uma nova criança. O nome dela era Melissa e falei que seu nome era bonito. Era diferente dos nomes habituais. Depois puxei assunto com a Elisa e a Melissa. De repente ao ouvir o nome de Elisa, Melissa disse a ela, “o meu nome é bonito, o teu nem é”. Para não comprometer minha relação com a Elisa disse que o nome dela também era bonito e perguntei se era Elisane, ela disse que sim.

Estávamos fazendo o castelo de areia. Quando o castelo ficou pronto disse para fazermos uma porta, aí elas ficaram disputando onde seria o local da porta, cada uma queria um local diferente. Então, para solucionar a briga eu disse que o castelo poderia ter mais de uma porta, pois o castelo era grande, então elas fizeram cada uma a sua maneira. Na relação entre crianças me parecia que sempre acontecia essa “briga” por atenção. Penso que entre adultos aconteça o mesmo, mas só que de maneira velada. As crianças são mais sinceras em tudo. Mas em que momento da vida a gente perde essa sinceridade?

Depois disso o Anailton chamou todos para se dividirem em grupo das crianças que iriam tomar banho de mar e outro do futebol. A Luiza reclamou que ele só faz isso, banho de mar e futebol. Ele coloca a mim e a Monaliza para cuidar das crianças no mar. Sempre o Anailton está fazendo suas divisões de recorte de gênero. Mas não entendo a lógica, já que todos ficam juntos em seguida, meninos se misturam com meninas nas brincadeiras. Enfim, é a lógica dele, a “lógica nativa”.

Então, fomos para o mar. Passei o tempo todo resgatando a “danada” da Sandra do fundo. Ela é muito pequena e a mais novinha do grupo. As outras meninas também mostravam preocupação com ela mandando eu pegá-la. Daí eu inventei uma brincadeira, pegar a Sandra e

trazê-la para o raso, assim eu teria a ajuda de todos. Depois o irmão dela venho e ficou brincando com ela junto com o Marcos. Tive trégua, já estava cansada.

A Luiza e a Carla não paravam de me chamar mais para frente (para o fundo), mas não queria deixar os outros sozinhos e tinha medo de acontecer algo com elas. Atenção sempre, me sentia responsável por elas. O Marcos e o Michel não paravam de ficar pegando no meu pé para me derrubar, tinha horas que eles conseguiam. O César muito dengoso vinha brincar com a gente. A Elisa sempre reclamando de alguém, que o César estava olhando para a bunda dela e que ela não gostava, que “aquela menina pretinha” (fala dela) disse não sei o que a ela.

A Melissa e a Luiza comentaram que eu era muito branca, depois a Luiza perguntou se eu tinha passado protetor solar e disse que sim. Em seguida, perguntou o que acontecia com quem é branco demais e não passa o protetor, se ficava descascando a pele e disse que acontecia tudo isso, mas também, ficava vermelho igual a um camarão. Ela riu. O César tirando brincadeira comigo acabou se enganchando nas minhas pernas e se empinou para cima, uma das meninas disse: “Ele tá querendo namorar contigo” e riu. Olhei para ele e disse para se ajeitar. Depois ele vem me abraçando e dizendo: “Vamos nós casar nesse mar de rosas”, fazendo trocadinhos.

Outra brincadeira que inventei na hora foi pegar nas mãos das crianças e ficar arrastando na água, boiando. Eles adoravam. A Paty muito “sapeca” e pesada, pois já é maiorzinha, ficava se pendurando nas minhas costas. As arengas como sempre constantes: jogar água no outro, jogar areia na cabeça do outro, xingamentos etc.

O César teve uma briga seria de se engalfinhar com uma menina mais velha. Ela dizia que ele estava a chamando de rapariga, que ela não ia aguentar e partiu para cima dele. Eu e outro homem, (este segurava uma prancha) que a acompanhava, apartamos a briga. César ficou machucado nas costas com a unhada que a moça lhe deu e ficou com uma cara de raiva misturada com dengo.

Em certos momentos tive que fazer a lógica de ameaçar os danados que arengavam, “se não ficar quieto vai sair da água ou eu chamo o tio Anailton”. Era a única maneira de acalmar os ânimos ou a única coisa que funcionava de imediato. Uma hora o Anailton venho na frente do “acusado” e do “acusador” me perguntar o que tinha acontecido, quem estava insultando com quem. Eu fiquei sem ação e falei só o que vi, só tinha visto o menino jogando

areia. Brigou com o menino e ameaçou de tirá-lo do mar. Ele disse que qualquer coisa lhe chamasse.

Apareceu depois uma menina pequenina chamada Céu. Quase ninguém a conhecia. Perguntei se ela era do grupo, uns diziam que sim e outros diziam que não. O pai dela estava surfando e tinha deixado a filha ali brincando. A Luiza contou que ela fazia balé, mas não era da mesma turma que ela, disse que é lindo ela fazendo balé. A Céu é da turma *baby*. A Luiza fez uma prova para mudar de modalidade no balé e acha que passou. Começou a me contar como era, que fazia assim com a perna e tal. Faz balé nas terças e quintas no Vila Mar.

As crianças me mandavam olhar a Céu que se não iria se afogar. Preocupada com ela perguntei onde ela morava, mas não respondia nada. A Luiza disse que a Céu morava na rua do balé. O César gritou “na rua do bagulho”. Perguntei porque o nome da rua era esse, ele disse que é porque jogam muito bagulho lá. A Luiza discordou e disse que “bagulho era coisa de drogas” (com uma cara séria e triste ao mesmo tempo). Ela não aprofundou mais o assunto e também queria que eles falassem mais livres sem tantas perguntas da minha parte, tanto que inesperadamente o assunto surgiu entre eles. Mudando de assunto, ela inventou de ficar me perguntando as capitais do Brasil, muitas eu não lembrava mais, dizia que não sabia e ela respondia todas com exatidão.

Em outro dia na Praia do Vizinho, cuidando e brincando com a criançada. A Paty se aproximou e queria me dar o pezinho para pular na água. Eu entrecruzei as minhas duas mãos e fiquei curvada, ela colocou o pé em minhas mãos e as mãos dela seguravam nos meus ombros. Quando a onda vinha ela dava um impulso para trás e pulava. Todos os outros meninos que observavam aquilo também queriam brincar: Lise (prima de Paty), Luiza, Marcos, Leo. A Lise foi se aproximando lentamente e sempre ao lado de Paty.

As outras crianças brincavam com o Joab, que pega a meninada nos braços e jogava no mar, eles se divertiam muito. A Paty pediu para que eu fizesse o mesmo que o Joab, mas eu a disse que não conseguia, pois eles eram muito pesados. Marcos, Luiza e Paty “mangavam”, porque Lise não conseguia pular como eles. O Marcos tão danado pulava que dava mortal quando caía na água.

Olhando para Lise e para Paty percebi alguma semelhança entre elas, se pareciam fisicamente. Falei isso para Lise e perguntei se elas eram irmãs, ela me disse que era prima da Paty. Ao perguntar onde Lise morava ela ficou calada e a Luiza respondeu apressadamente que

ela morava na Pracinha com um tom de “julgamento”. Então, perguntei novamente e ela me disse com um ar triste que era no Tintanzinho, antes da Pracinha. O Marcos apontou onde era, mas não consegui enxergar. De repente a gente lá brincando, o Marcos “acusa” ou informa que a Paty foi reprovada no colégio. A Luiza reforça repetindo o que ele disse. A Paty sem jeito fica calada. Para não constrange-la ainda mais naquela situação, perguntei se eles estudavam todos juntos. Pelo que entendi somente a Luiza estudou com ela. Luiza e Marcos (Tintanzinho) “acusaram” a Paty (Estiva) de ter sido reprovada no colégio, falaram isso mais de uma vez.

Perguntei para Luiza os dias que têm atividades na semana, ela não sabia dizer direito, mas respondeu: “na segunda é na favela, na quarta é na pracinha e na sexta é aqui”. A favela, segundo ela, seria a Estiva, local onde eles relatam ser o mais violento em relação as outras duas áreas. Pode se perceber um estigma local a uma determinada área, chamada Favela, e que faz parte do bairro.

Em dado momento, o Marcos, vizinho de Luiza, foi andando ao meu lado e num tom de “fofoca” disse que o pai de Luiza não é pai dela. Falei que sabia, pois ela me falou uma vez. Ele me revelou isso porque minutos antes a Luiza falou para mim na frente dele que iria no domingo à Praia do Futuro com a mãe e a irmã, mas seu pai não iria, pois iria trabalhar, e que sua mãe estava brigada com ele. Eles brigavam muito, mas depois voltavam, ela sabia que isso iria acontecer como das outras vezes. Ela falava isso sorrindo e tranquila na certeza do retorno do casal. Luiza dizia que ele era seu pai, mas imediatamente dizia ser seu padrasto.

Nos últimos minutos no mar a Paty voltando das brincadeiras com o Joab, ela chegou perto da prima e começou a cochichar algo em seu ouvido. Perguntei o que era e elas não queriam dizer. Até que a Paty me contou que estava lá brincando e uma das meninas (apontou, mas eu não conhecia a menina – parecia ser mais velha do que ela) envolvidas na brincadeira a chamou de “safadinha” quando ela agarrou no ombro do Joab. Ela estava muito chateada com o atributo que tal menina havia lhe dado no decorrer da brincadeira e saiu de perto. A Lise disse que ela fosse falar para o tio Anailton, mas ela não foi. Sempre há essa questão, tudo o que acontece que elas não gostam vão contar para o Anailton.

Depois da praia fomos esperar o lanche. A Luiza e a Paty subiram nos pneus empilhados e Luiza me chamou para subir também. Foi me ensinando onde pisar e sentei ao lado delas. A Luiza novamente fala que a Paty foi reprovada na escola e que ela não foi. A Paty diz: “é, tia fui reprovada, porque não sei ler direito”. Depois que falou isso ficamos caladas.

O César guardava um saco com um sanduíche dentro, perguntei se ele iria levar para casa e ele estendendo o saco para mim, disse: “tia, bota aí para a árvore”. Falei: “e árvore come pão”? A Manu, que ainda comia, disse que quando não tem almoço é pão, quando não tem comida é pão que se come. Ela falou num tom sério e alguns riram.

Percebi a relação da Luiza, do Marcos (são do Titanzinho) com a Paty e a Lise (elas são da Estiva) um pouco distante, sem muita intimidade, sem muita brincadeira. Apesar de que a Luiza deu “pezinho” para a Paty pular nas brincadeiras no mar. Os tons de fofoca e “arenga” o tempo todo estão presentes na relação dos meninos e meninas.

Na Missão dos meninos, no dia 13 de maio. De repente batem no portão, eram dois meninos da Pracinha. Carlos e Bruno chegaram dizendo que só eles foram e que os outros não quiseram ir. Monaliza e Anailton disseram que o Val tinha ido busca-los, mas os meninos falaram que não o viram. Diziam que teria no encontro apenas eles dois. O Carlos deixou a entender que ele era o líder, que trazia os meninos da Pracinha e a Monalisa ficou brincando que ele era o liderzinho, pois era o mais velho.

O Bruno, o menor, vendo Monaliza desenhar quis também desenhar. Falou não ter preferência por desenhos, gosta de desenhar tudo. Pegou papel e lápis, sentou no chão e falou que ia desenhar Jesus. Ele desenhou duas ruas, pistas que se cruzavam e várias casinhas simples, lá na ponta disse que era Jesus (estava na cruz) na casa dele. Depois colocou Jesus novamente na cruz quase no meio da folha e como que dentro de uma casa. Em outra folha desenhou um boneco de cabelos arrepiados, cílios longos, sorridente e de braços abertos.

O Carlos perguntou se a Monaliza estava no 1º ano do ensino médio e ela disse que sim, ele falou que também deveria estar, mas reprovou, que só foi aprovado esse ano por causa do conselho de classe. O Bruno ficou com tom de acusação falando que o Carlos tinha reprovado não sei quantas vezes.

Durante a conversa o Bruno disse que gostaria de já ter 30 anos. Falei que quando tiver essa idade vai querer ter a idade que tem. O Carlos disse que quando era menor era doido para ter 15 anos e depois que chegou nessa idade queria ser pequeno de novo. No meio da conversa o Carlos falou que ele mora a 4 casas do Bruno, na mesma rua, vizinhos.

O Carlos relatou também que toda terça-feira tem um homem da prefeitura que está dando aulas na Pracinha, um dia foi educação física, outro dia foi aula de português. Anailton

não sabia disso, ficou surpreso como a notícia. Disse que mais tarde iria para lá e iam ficar jogando bomba. Perguntei o que era isso e ele me disse: “tia, jogar bomba na rua para assustar as pessoas”.

O Carlos também foi desenhar no chão. Fez seu nome com uma letra bem bonita e fez dois corações, pintou também. Continuou a conversar com a gente. Disse que a brincadeira que mais gostam de brincar na rua é a brincadeira da peia. Perguntei como era isso. Falou que eles falam: “Urso polar, quem falar primeiro apanha. Aí quem falar leva peia de todo mundo”. Já teve um que a mãe venho chamar e o menino só de ter respondido “já vou”, levou peia dos amigos na brincadeira. Gostam também de “quebrar portão” que é a mesma coisa de carimba.

Mais meninos chegaram. O Anailton pediu para todos sentarem e fazer silêncio que hoje eles iriam brincar de desenhar, quando de repente o Sandro, 4 anos de idade, disse de maneira espontânea que seu pai tinha sido preso. O Pedro repetiu o que ele disse e outros coleguinhas também. O Anailton surpreso pediu para que ele repetisse e os coleguinhas confirmaram a notícia. O Anailton perguntou quem era o pai dele e os meninos falaram que era o homem que tinha distribuído xilito na segunda-feira na Pracinha.

Com o alarme e o espanto de todos com o fato, Anailton perguntou para ele o que tinha acontecido e ele foi narrando com a ajuda dos outros que sabiam todo o fato. A história completa que foi narrada nessa noite (eles foram contando devagar ao longo do encontro – fui encaixando os fatos) foi de que o pai do Sandro estava bêbado e possivelmente drogado, tinha puxado uma faca para atingir a mãe da criança e Sandro quando viu isso partiu para cima do pai e o mordeu, nisso o pai lhe empurrou (acho), o resultado foi um pedaço do dente da frente do menino quebrado (ele mostrou). O pai dele foi preso e não era a primeira vez que isso acontecia. O Pedro disse que o pai de Sandro iria ficar a noite preso e depois liberado. Essa era a visão de justiça que uma criança de 4 anos tinha. Ele sentia que aquilo não era certo, mas de que logo, logo o homem estaria livre. Sandro falou que seu pai, sua mãe e ele foram no carro da polícia. Ele tem um irmãozinho de 1 (um) ano de idade, cujo o pai queria levar com ele no meio do conflito todo. No decorrer com as perguntas do Anailton, o menino disse que o pai não convive mais com eles e que ele mora com a mãe. Os amigos de Sandro disseram que a mãe tem um namorado, Sandro fala o nome deste e completa dizendo que ele é seu outro pai.

Diante de tudo isso percebi que Anailton mudou o foco da atividade da noite. Antes com uma postura desinteressada com eles e agora estava preocupado. Começa a dizer que o

Sandro não pode ser como o pai, olha para ele e diz que ele viu a lição do pai dele, que ele não pode ser como ele e perguntou se ele será, o menino responde com a cabeça que será igual ao pai. O Anailton contesta dizendo que não, que ele não pode e pergunta de novo e ele agora responde com a cabeça que não. Anailton pergunta se ele gosta do pai dele e diz que sim, então pede para o garoto fazer uma oração e dizer que não quer ser como o pai. Perguntou se alguém queria fazer a oração e Michel a faz, pedindo para que Deus intercedesse pelo pai do menino e por Sandro. Depois Anailton diz que isso tudo era culpa das drogas, do vício, mas que o pai do Sandro era gente boa, porque distribuiu xilito para eles. Falou também de família desestruturada.

Em seguida, Anailton pegou um livro de evangelização infantil. Trabalhou com eles em cima de perguntas e respostas sobre o pecado e seu significado, que todos pecamos, que devemos confessar a Deus sempre, que ele perdoa e que devemos nos comprometer a não mais pecar. Eles eram muito participativos, com exceção de Pedro, Carlos e Sandro que ficavam de “arregas”³¹ vez ou outra.

Logo após a Missão, as crianças foram liberadas para brincarem livremente. Sandro se distraía com um avião e depois Pedro quis brincar com esse mesmo brinquedo. Mas, então, Sandro faz o avião decolar e depois põe ele virado no chão e grita que pegou fogo, que o avião morreu. Depois com o mesmo avião fez dele uma arma, sorrindo começou a atirar e sonorizou: “pei, pei”.

Eu, brincando com o Sandro um jogo de montar, comecei a lhe perguntar mais diretamente sobre o fato acontecido com ele. Me disse que seu pai foi preso e não iria voltar nunca mais. Disse que gostava de seu pai e que sentia falta dele. Falou que a polícia levou ele, a mãe e o pai para a “Maria da Peia”, eu lhe disse várias vezes que era Maria da Penha e ele insistia que era “Maria da Peia”. Perguntei onde era isso e ele só disse que era perto de onde tem um parque. Não sabia onde era.

Nesse encontro percebi melhor a relação das crianças da Pracinha com elas mesmas – “arregas”, insultos, acusações, carinho, apoio. Elas se reconheciam no outro diante do conflito vivenciado. Será que alguns meninos ali não se identificaram com a situação de violência vivida pelo Sandro?

³¹ Insultos.

Outra atividade na praia. Chegando lá o Joab estava organizando a criançada para ir para a Praia do Vizinho. Sentei ao lado das crianças no batente. Algumas vinham me abraçar, outras falavam a distância. Sandra venho me abraçar e estava com uma carinha triste, perguntei o que tinha acontecido. Ela me disse que tinha dado um bombom para um menino, seu colega, e o irmão (Caio) dela ficou com raiva, brigou com ela e o menino. Ela começou a dizer que queria ser como Deus, que era como o tio Anailton, que ela era uma pessoa boa e me perguntou se não era, eu dizia que sim. É interessante a admiração que eles têm pelo Anailton, querem ser como ele, crianças e jovens. Ela estava bem sentida. O Caio que estava sentado ao meu lado se encontrava de cara amarrada. Falei com ele, perguntei se estava tudo bem e não me respondeu.

A Elisa ao me ver me disse que a Mel não tinha ido e que elas não eram mais amigas, porque Mel a empurrou na festa da Páscoa. Já a irmã da Mel, Lorena, me disse que a Mel não foi porque agora estava morando com a avó dela. O que fazia das narrativas uma contradição e a narrativa da Elisa expressava os “insultos” entre crianças pertencentes a mesma área.

Brincamos um pouco no mar e depois chamei as meninas que estavam comigo para irmos brincar de fazer castelo na areia, e elas foram. Minha intenção era falar sobre o Serviluz e o que elas pensavam. Pensei que na areia seria melhor para conversar que no mar, pois no mar era muito tenso, sempre tinha que verificar se não corriam perigo, se não estavam muito no fundo, vigília o tempo todo, pois era impossível relaxar com elas no mar. Estava inteiramente responsável por elas naquele momento, então se algo acontecesse eu seria a responsável.

Então, havia uma divisão clara, razoável, metodológica e de segurança na praia com as crianças: *No mar* – conversas espontâneas – se elas me falassem algo sobre violência conversávamos um pouco sobre o assunto, mas sempre com muita atenção no que diziam e no que faziam para não “perdê-las de vista”. *Na areia* – também espontâneas, mas despreocupadas – dava para prestar mais atenção nas narrativas e sem a tensão de que algo poderia acontecer a qualquer momento. Na *areia* se tornava melhor, no sentido de fugir das interferências dos adultos, pois no *mar* o Anailton vinha e me falava/ordenava alguma medida de precaução. Ou seja, era possível aprofundar a conversa e as perguntas, era como se fosse um grupo focal, quem quisesse ir e chegar para conversar poderia; não era obrigado, era espontâneo; parecia mais uma roda de conversação do que um grupo focal necessariamente. Comecei a perceber nesse dia que essa estratégia metodológica na praia dava certo. A gente ia brincando, mas ia conversando. Eu escutava o que elas queriam falar e vez ou outra fazia uma “pergunta interessada” ou fazia um comentário para puxar uma narrativa das crianças.

Numa roda de conversa com as meninas na areia perguntei como era a rua delas? Quando perguntei da primeira vez não deram importância e continuaram a cavar um buraco na areia, faziam uma piscina. Havia seis meninas: Lise, Sandra, Manu, Elisa, Larissa, Paty, Luiza. Entrei na prática delas de cavar o buraco e fazer uma piscininha. A água vinha e preenchia a piscina. Depois perguntei para a Sandra (4 anos – bastante expressiva e mora na Estiva) que estava bem na minha frente: “Ei, Sandra, como é a sua rua?”. Ela respondeu imediatamente dizendo: “Minha rua é esquisita”. Falou que mataram um homem na rua dela e que foi a polícia, pois o rapaz estava trocando tiros com a polícia. Manu, quase vizinha da Sandra, completou os comentários e os confirmou. A Luiza falou que também mataram um homem na rua dela e que também foi trocando tiros com a polícia. Elas diziam que isso acontecia por causa de drogas. Apenas elas três falaram. Tentei estimular para que as outras falassem fazendo a mesma pergunta, mas ninguém falou mais nada. Elas três sempre eram as mais expressivas sobre esses assuntos. As outras sempre ficavam mais caladas ou por falta de interesse em falar, ou medo, ou o que era mais improvável, desconhecimento sobre.

Depois elas cansaram de brincar na areia e queriam que queriam voltar para o mar. *Eu estava sempre “refém” do tempo das crianças.* As conversas na areia sempre eram riquíssimas para a pesquisa, mas sempre eram rápidas, eu tinha que aproveitar todo o tempo disposto por elas e entrar na *brincadeira*, porque, de repente, elas cansavam de brincar daquilo e já queriam outra coisa. Eu deveria acompanhá-las em seu ritmo, o que era complicado quando eu estava cansada e exausta de tantas *travessuras* nas ondas da praia.

Quando estávamos no mar procurava sempre pela Sandra, pois era a menina menor da turma e eu ficava preocupada de acontecer algo com ela. Ao procurá-la a vi na beirada do mar conversando com outra menina quase do seu tamanho e eu não a conhecia. Me aproximei e Luiza me acompanhou. Cheguei perguntando o nome dela, Judite. A Sandra se adiantou e disse que era sua amiga do colégio. Perguntei para Judite se ela morava perto da Sandra, ela me respondeu assim: “Não. Eu moro no Serviluz. A Sandra mora na Estiva”. Luiza na mesma hora falou que Judite era do Titanzinho. Perguntei se não era a mesma coisa, se tudo não era o Serviluz e a Luiza falou que estava errado que a Estiva era Serviluz também. A Sandra e a Judite ficaram caladas e desconversaram. Permaneceram conversando entre si e depois se afastaram. Eu nunca tinha escutado aquele tipo de opinião sobre as áreas de conflito/segmentaridades. Era uma percepção nova em campo.

Então, como as meninas saíram e desconversaram, perguntei para a Luiza, já que esta escutou a conversa e deu sua opinião na situação, do porquê Judite tinha dito aquilo. Luiza afirmou que Judite pensa que a Estiva é distante do Titanzinho. Perguntei se era só por isso ou ela achava que era por outro motivo, ela me respondeu: “lá têm coisas que aqui não têm. Aqui é mais calmo do que lá”. Falou algum tempo depois que Judite é igual a sua irmã, só quer saber de namorar. A Luiza que analisava a situação comigo também fazia *acusações* à menina que a pouco havia *acusado* Sandra.

Houve um momento que ficamos brincando Manu, Luiza e eu. Perguntei a elas se haviam se conhecido no projeto e disseram que estudam no mesmo colégio. Perguntei se brincam juntas no recreio e disseram que não. Depois Luiza me disse que achava Manu chata. Luiza “acusava” Manu de estar na 3º série e que deveria estar na 8º série. Manu se defende dizendo que era para estar na 7º série e ficou sem jeito. Pairou um silêncio, assim como em outras “acusações” relacionadas a escolaridade, o que tem sido bem recorrente.

No momento do lanche, Fernanda venho falar comigo e me abraçou. Lhe disse que fazia tempo que não a via por lá e me confundi dizendo que ela não vinha mais como as outras crianças da Pracinha, ela imediatamente me corrigiu dizendo que ela era do Titanzinho e que não podia mais andar na Pracinha, perguntei o porquê. Fernanda me contou que uma amiga sua não pode ir para o Titanzinho. Perguntei o porquê novamente. Ela foi me narrando que uma vez estava ela e a amiga indo para o projeto (estavam na Pracinha), quando dois caras armados pararam as duas dizendo que não andassem mais naquele lugar. Relatou que isso aconteceu por causa das “tretas”. Contou essa história de maneira “enrolada”, história truncada.

Na praia. Outro dia. Foi um dia peculiar. Os pescadores chegaram ainda mais cedo na areia, estavam próximos a gente e as crianças foram puxar a rede com eles. Depois ficaram catando na rede estendida e embolada na areia os peixes pequenos que os pescadores não queriam. Era uma festa! Havia uma disputa de quem pegava mais peixes, a Luiza e a Carla repartiam os mesmos peixes, comunhão. Vez ou outra se aproximavam meninos e meninas na disputa, a tentativa de pegar o peixe do outro. A Luiza era “acusada” pela Carla de não estar cuidando direito dos peixes das duas. Perguntei a elas o que fariam com aquilo, se iam assar para comer, e disseram que não. Enfim, era só uma brincadeira de criança sem fins últimos, diferentemente dos adultos. Ainda não tinham me habituado a isso, minha visão era adultocêntrica por mais que eu tentasse reverter ou desconstruir, pois nunca mais teria a inocência, a sabedoria, a sagacidade e os “olhos de uma criança”.

A tia e mãe de uma das crianças do projeto também estava catando e retirando os peixes dos meninos, e ela só desejava os grandes, os pequenos descartava. Acho que ela sim queria levar para sua casa e assá-los, diferentemente das crianças.

Contextos de “intrigas” entre as meninas da mesma área e de áreas diferentes. Será que essas “intrigas” poderiam ser as “tretas” do futuro ou apenas “arregas” entre meninas? O que fugiria dos objetivos e expectativa do projeto *Metamorfose*, no qual desejava que as crianças crescessem amigas e as “tretas” tivessem fim.

No final de uma atividade que ocorreu no CDI – Vila Mar decidi ir com João Victor deixar as crianças da Estiva. Caio e alguns meninos estavam dando trabalho para irem embora, queria ficar sentados nas pedras olhando o mar. Rafael se aproximou de mim e pediu carinhosamente para que eu segurasse seu brinde, Manu depois fez o mesmo. No meio do caminho os meninos observaram no chão uma garrafa, apanharam e Caio venho me contar que era uma “macumba”. Eles sempre estavam se ferindo a “macumba” entre piadas e xingamentos aos colegas; se tornava uma atribuição negativa entre eles. Em seguida, destruíram um ninho de passarinhos e acabaram matando os ovos. Se divertiam!

Entramos numa viela para acessar outra rua. Caio me mostrou o muro derrubado, falou que ele ajudou a derrubar o muro, pois do outro lado tinha muitas casas e que tiraram todo mundo de lá, porque era terreno privado. As pessoas revoltadas decidiram derrubar o muro. Relatou que a casa maior era a do *bichão* e ele mandou derrubar o muro. Falou o nome do *bichão* no momento, mas preferi esquecer. Ainda disse que além desse “bichão da favela” havia mais dois na Estiva. Achei suspeito o comentário tão espontâneo do Caio, ou era de fato verdade, ou estava inventado para me impressionar, ele sabia que eu não era do *Serviluz*. Como ele sabia de tudo aquilo? Ele realmente ajudou derrubar o muro? Será que ele tem contato direto com o *bichão* da Estiva?

Em outro encontro com as crianças na praia. As “acusações” permaneciam. A Elisa me apontou de longe que Melissa (esta brincava nos pneus com as outras crianças) só queria ser a Barbie³², pois sua mãe queria lhe dar vitaminas e não tomava. Melissa queria ser magra e

³² Barbie é uma boneca cobiçada por muitas meninas no mundo todo. Lançada em 1959 nos Estados Unidos por Ruth Handler e seu marido Elliot. O casal ao perceber que a filha era apaixonada por bonecas e já pré-adolescente ainda brincava com os bebês que tinha da infância, eles resolveram criar uma boneca adolescente. A Barbie apresenta os estereótipos de uma elite branca e da “beleza perfeita” imputada pelo mercado mundial. Uma boneca considerada pela maioria das crianças bem sucedida, segundo os padrões exigidos pela nossa sociedade de consumo e pelos padrões morais impostos ao feminino, onde o corpo, a raça e o comportamento é padronizado. Ela está num mundo de beleza, muita riqueza e de altas aventuras, é magra, alta, branca, loira, casada, com filhos

comentava desejar ser modelo, segundo Elisa. Carla, escutando o comentário, disse que a Barbie era muito seca e isso era feio. A amiga de Carla e Luiza começou a se perguntar como podia a Melissa sendo uma “favelada” querer ser a Barbie. Perguntei se a menina a qual elas se referiam era da favela, ela me respondeu explicitamente: “Tia, aqui é a favela. A senhora não sabe?”. Fiquei surpresa na hora com seu discurso. Ela se incluía na favela, pois dizia que todo Serviluz era uma favela, mas ao mesmo tempo atribuía a qualidade de “favelada” a menina queria ser Barbie e modelo, pois na visão dela isso era um desejo, um sonho impossível para uma “favelada”.

A amiga das meninas dizia de “boca cheia” que participava de tudo, de vários de projetos: Vila Mar, balé, etc. Pela abrangência de projetos sociais no bairro, as crianças geralmente participam de mais de uma atividade dessas instituições. Elas estão se relacionando com várias crianças ao mesmo tempo, formam uma rede de projetos sociais e uma rede de *socialidades*.

Após as atividades na praia fomos almoçar no CDI – Vila Mar. Passamos longo tempo esperando o baião com mortadela chegar. Fiquei sentada na arquibancada com as meninas, a convite delas. Aproveitei o momento para fazer uma espécie de roda de conversação, num certo improviso. Estava comigo Lise, Paty, Sandra, Elisa, Fernanda, Marcos. Fiz perguntas de acordo com o que me falavam, uma coisa puxava a outra. Comecei perguntando o motivo do Serviluz ser dividido em três áreas, ninguém soube me responder, pareciam não entender a pergunta e depois diziam que não sabiam. A Sandra continuava dizendo que o Serviluz era separado da Estiva, como pontuou das outras vezes.

Exclamei: “Vocês acham que o Serviluz é violento?” Elas me disseram que era perigoso, “cheio de violência”. Perguntei o motivo, falaram que era porque morriam muitas pessoas. Indaguei o que era violência e disseram que “era quando se fazia coisas erradas, matavam pessoas, machucavam pessoas, roubavam e compravam drogas”. Em meio a essa conversa elas iam me contando histórias que sabiam, fatos acontecidos em suas ruas. A Sandra falou que teve um tiroteio em sua rua e atingiu sua amiga que também era uma criança. Relatou que a polícia vinha passando e atirou para matar um homem, os tiros pegaram nele e na sua amiga. As meninas mais velhas disseram que era bala perdida e a Sandra negou. Esse homem, segundo ela, era legal, pois quando sua irmã estava bêbada em sua casa ele a levantou na

e bem sucedida. Enfim, um dos presentes mais cobiçados no Natal! Consultar ROVERI E SOARES (2011) e ALTMANN (2012).

cacunda e ela mijou nele, e o homem, sendo legal, não disse nada. “Ele era legal, mas já tinha morrido”, Sandra disse. Elas escutavam a história, diziam que já mataram um “monte de gente” nas ruas ondem moravam. Nessa conversa havia crianças de vários segmentos do Serviluz.

A roda de conversação propiciava que os discursos fossem influenciados, mas ao mesmo tempo era riquíssima, pois era complementar e, também, quando uma lembrava de um fato a outra lembrava também e contava de imediato. As crianças juntam elementos que se completam, quando uma tem dificuldade de falar algo a outra lembra o fato, esclarece ou então ajuda com uma melhor palavra.

Quando perguntei o que achavam de cada área não me responderam, ficaram caladas. A Fernanda falou o que achava da Pracinha sorrindo, disse que vai brincar sempre na pracinha e que uma vez um menino gordo ficou preso no brinquedo e foi engraçado.

Eram nessas conversas que elas me contavam histórias, fatos, definiam as coisas com uma sagacidade impressionante. Queria eu estar gravando tudo aquilo, mas tinha que gravar na memória, por isso que pedia por várias vezes que repetissem, fingia que não entendia para memorizar a narrativa. Era difícil, porque além de decorar quem falou e de qual área pertencia, tinha que memorizar a narrativa, os fatos. Mas procurei ter nessas conversações uma espécie de aproximação ou iniciação de conversas sobre determinados temas, para que elas não se assustassem quando fizéssemos outras conversas e os desenhos. A intenção era deixá-las o mais a vontade possível, uma espécie de preparatório para aprofundarmos os temas posteriormente.

O Marcos nessa roda de conversação “acusou” (ria muito) Paty de ter feito a prova e ter reprovado, não passando de ano. Ela reagiu dizendo que era mentira e que não era sobre isso que conversávamos. Ele continuou rindo.

Durante o almoço houve algumas confusões. Os meninos foram pegar outro prato para repetir. Rafael chegou e sentou no local onde Caio estava sentado antes, no canto da janela, o colega que estava sentado ao lado do Caio disse que não podia, que ali já era do Caio. O Rafael insistiu e me perguntou se tinha esse negócio de canto marcado e eu respondi que não, e ele sentou. Depois chegou um menino e pediu para o outro sair, porque estava ali antes. O menino não saiu e ele sentou embaixo. Quando Caio chegou foi logo mandando o Rafael sair, disse que estava lá antes e olhou para mim dizendo a mesma coisa. Fiquei calada. O Rafael saiu e eles trocaram algumas palavras baixas que não ouvi, sei que nisso o Caio deu um murro no

ombro de Rafael e este chorando sentou ao meu lado. Falei para Caio não fazer aquilo que chamaria Anailton, me retrucou dizendo que eu poderia chamar. Os outros perguntavam o que tinha acontecido. O Caio e os outros ficaram zombando porque Rafael estava chorando. A Sandra chegou com seu prato e pediu para Rafael sair dali que era seu lugar, ele ficou com uma cara triste, a Sandra imediatamente disse que ele podia ficar e sentou no chão. Perguntou o que tinha havido e ao saber começou a xingar o irmão (Caio), chamando este de cabeça de coco. Caio debochava dela. Caio continuava a ofender. Os outros meninos continuaram zombando Rafael por ter chorado. Os conflitos, as agressões físicas e morais, “acusações” e brigas entre meninos da mesma área se manifestavam naquele momento. A atitude agressiva de Caio e o choro de Rafael, onde estava a “consideração” de pelo menos pertencerem da mesma área?

Minutos depois, Marcos estava nos empurrões com outro menino um pouco maior. Os meninos anunciaram a briga e foram correndo ver de perto. Eu corri para apartar antes que piorasse. O rapaz amigo de Anailton também venho e perguntou o que era aquilo, o Marcos só respondeu assim: “Não tenho medo da Estiva, não”. O rapaz disse: O que é Estiva? Marcos: “A estiva”. Rapaz: “O nome dele não é Estiva. Ele não tem nome, não?”. O outro menino encarou Marcos com uma cara feia. Eu querendo saber o motivo da briga fui perguntar ao “menino da Estiva”, ele me respondeu: “ele me empurrou”. Esse empurrão foi na fila do almoço.

As brigas, as “acusações” surgiam de várias partes, de vários lados. Era multidimensional e transversal. Entre meninos e meninas de áreas diferentes ou não, mas as “acusações” vindas de áreas diferentes tinham cargas negativas mais altas, mais violentas, mais agressivas, ofensivas, estigmatizadas, um estranho que se tem pavor, ódio. “Acusações” que pesavam mais em palavras, tons e gestos.

Fui deixar as crianças da Pracinha com o Joab. Durante esse percurso Fernanda cochichou algo no ouvido da amiga e essa me olhou com uma cara de quem estava falando de mim. Perguntei o que era e elas hesitaram em falar, insisti. A amiga iniciou me contando, mas Fernanda interrompe e disse que poderia ser assaltada, pois estava de mochila e que era muito branca, com cara de turista. A amiga apontou para frente e explanou que há muitos assaltantes naquela região. A Cintia, que estava conosco, pergunta o que era a conversa e elas repetem, esta disse “Ela tá com a gente, tá comigo”, declarando que conhecia todo mundo.

4.7 Entre interações sociais e intersubjetividades: “crianças deladoras”

As interações ou *socialidades* entre as crianças do Metamorfose se tornaram fundamentais nessa pesquisa. Uso *socialidade* com base no conceito de *sociação* em Georg Simmel (1983) que traz à tona sua percepção sobre o conflito nas relações sociais. *Sociação* é toda interação entre os homens, e logo se pode dizer que o conflito é uma das mais expressivas interações em que só pode ser exercida por mais de um indivíduo. Sendo assim, o conflito é considerado em si mesmo uma forma de *sociação*. *Socialidade* é a noção que melhor expressa as interações sociais como passíveis de conflitos e resoluções destes, mas tendo esta concepção como algo inerente as relações entre os homens. Fatores de dissociação causam o conflito, que logo está destinado a resolver dualismos e divergências. O conflito é uma maneira de conseguir algum tipo de unidade, mesmo que seja através de aniquilação de uma das partes conflitantes.

Na natureza do conflito, a paz é apenas uma das suas expressões, afinal, o conflito, assim como as pessoas, possui aspectos positivos e negativos integrados. Simmel explica que esses aspectos podem ser separados conceitualmente, mas não empiricamente. Para que exista unidade social é necessário correntes convergentes e divergentes entrelaçadas, pois contradição e conflito operam antes e depois da unidade, em todos os momentos da existência desta unidade. Quando o conflito não está integrado a outros elementos de unificação poderá ser destrutivo. Mas se for associado a outras interações que não sejam afetadas por ele será positivo, por exemplo, no relacionamento total dos indivíduos.

A oposição torna possível a convivência com pessoas insuportáveis, pois gera alívio para quem se rebela e humildade ou paciência ao lado oposto. Se não houvesse o conflito dentro dos grupos daríamos passos desesperados e acabaríamos as relações. Simmel explanava que as relações de conflito em cooperação com forças unificadoras produzia uma estrutura social; somente assim, um grupo constitui uma unidade viva e concreta. A oposição interna ou externa a um grupo não é inteiramente um fator social negativo, pois é um elemento das próprias relações. É uma função concreta, constitutiva da relação e muito mais que um meio para a preservação desta relação. Como função, a oposição no âmbito de relações externas e que não se dá importância prática, pode ser satisfeita pelo conflito em sua forma latente, isto é, pela aversão, por sentimentos de mútua estranheza e repulsão. Mas transforma-se logo em ódio e luta real se estiver no contexto de um contato mais íntimo. A aversão é intrínseca a vida urbana moderna. A vida metropolitana em sua totalidade é produzida pela interação da antipatia com outros elementos unificadores, ou seja, formas elementares de socialização, segundo Simmel.

O antagonismo, por si mesmo, não produz a *sociação*, mas é um elemento sociológico quase nunca ausente na *sociação*.

Simmel demonstra que existem duas significações sociológicas do conflito. A primeira diz respeito as relações recíprocas das partes diante do conflito, e a segunda, relacionada a estrutura interna de cada parte em si mesma. O conflito transforma tanto a relação entre dois indivíduos quanto também a relação individual de cada um deles. O conflito não só pode intensificar uma unidade, eliminando os elementos ou membros que obscurecem a clareza de seus limites com o inimigo, como também pode aproximar as pessoas e grupos, que se não fosse pelo conflito não teriam relação entre si. Essa forma pura de *sociação*, o conflito, é mais uma oportunidade de unificação interna exigida por um grupo grande do que o propósito dessas unificações. Sua importância consiste na articulação da unidade e da relação latente.

Simmel analisa esse mundo da *sociabilidade*, onde é possível haver uma democracia sem atritos entre iguais, ou seja, um mundo *artificial*. Sendo *sociação* sinônimo de interação, e o caso mais puro de *sociação* é o que ocorre entre iguais. Os indivíduos se desapegam de seus conteúdos objetivos e modificam, assim, o significado interno e externo destes para, dessa maneira, se tornarem socialmente iguais (2006). Enfim, a *sociabilidade* diz respeito aos nossos comportamentos e valores morais exigidos pela sociedade para sermos reconhecidos como “civilizados”, fazendo parte de um todo complexo. Mas só podemos obter os valores de *sociabilidade* se os outros com quem interagimos também os obtiverem, “É um jogo de ‘faz de conta’, faz de conta que todos são iguais, e, ao mesmo tempo, *faz de conta que cada um é especialmente honrado*” (SIMMEL, 2006, p. 71).

Dessa maneira, interpreto o projeto Metamorfose e as interações entre as crianças em duas perspectivas: uma no plano da *sociabilidade*, onde o foco do projeto é a democratização, a igualdade, a integração entre as crianças das diversas *segmentaridades* da comunidade através de valores de *sociabilidade*, de valores religiosos, humanitários, de respeito ao próximo, de valores morais familiares; e outra no plano da *socialidade*, onde as crianças dessas diferentes *segmentaridades* interagem através de suas intersubjetividades, entre brincadeiras, afetos, conflitos, *acusações* e imputações estigmatizantes dentro de um plano socializante e no contexto das situações sociais cotidianas. Sendo assim, irei aprofundar a segunda perspectiva, a interação entre as crianças do projeto, suas intersubjetividades imbricadas e, conseqüentemente, a interação delas com suas percepções sobre o lugar, sobre o “outro”, sobre as *segmentaridades* e sobre as práticas violentas.

Então, procurei perceber como se dá as interações intersubjetivas entre elas e nesse contexto como significam a violência na comunidade. Como veem o *outro*, aquele que não pertence a sua área? Como representam esse *outro*? A intersubjetividade e a questão da *alteridade* se apresentam fortemente nessas interações. Atributos e “acusações” pesam sobre, principalmente, as crianças da Estiva, *pedaço* ou *segmentaridade* mais estigmatizado do Serviluz, onde elas narram ser o mais “perigoso”, “esquisito”, “onde há coisas que não há no Titanzinho”, “onde muitos vêm de lá para matar os do Titanzinho”, “local onde não podem circular”. Segundo, um dos voluntários do projeto, a Estiva é a única área no momento onde ainda há o “bichão” (categoria êmica para denominar os comandantes do tráfico e jovens armados), pois para o jovem, no Titanzinho não há mais a figura do “bichão”, “acabaram com todos”, mas as “tretas”³³ continuam.

Quando me refiro às “acusações”, quero falar sobre os *atributos negativos* imputados entre as crianças do projeto. Atributos estes que perpassam por representações do *outro*, mas, também como representação de si e percepções das áreas de conflito, pois é recorrente elas se “acusarem”, fazer julgamentos ao *outro* pelo seu comportamento ou ofendê-lo, associado à área onde esse *outro* mora. Essas “acusações” acontecem em dois âmbitos, um ligado a acusar um colega de área diferente da sua, como também de acusar um da mesma área que a sua, mas as ofensas e os xingamentos são mais estigmatizantes e negativos no caso da primeira e, principalmente, com as crianças da Estiva, como disse anteriormente.

A situação de “acusação” é multifacetária e consiste num tom de “fofoca” às vezes ou “dizer na cara” o que se pensa do *outro*. As crianças durante as atividades vez ou outra “cochichavam” entre elas, “falando mal” de alguma outra criança presente. Outras vezes acontecia de uma das crianças aproximar-se de mim em tom de “fofoca” e *delatar* algum coleguinha presente na situação. Já em outros casos elas falavam na minha presença e na cara da “pessoa acusada” o que pensava sobre esse *outro* e de maneira bem espontânea.

As “acusações” eram das mais variadas possíveis. As crianças “acusam” as outras de terem reprovado na escola e estarem atrasadas nos estudos, reprovam o comportamento de algumas meninas vaidosas que dizem querer ser modelo quando crescer e muitas outras questões. Uma das meninas atribuía a qualidade de “favelada” a outra menina, porque esta queria ser modelo e isso era impossível para uma “favelada”, segundo a “acusadora”. Ela tinha

³³ Categoria êmica que diz respeito as confusões e os desentendimentos entre os jovens da comunidade.

a percepção de que o Serviluz como um todo era uma “favela” e retirava de se a “acusação” de “favelada” para *atribuir negativamente* o termo para a menina que desejava ser modelo. Outros exemplos: apontar que a coleguinha mora na “rua do bagulho”; afirmar que mora no Serviluz e que o *outro* mora na Estiva, como se fossem locais distintos; brigas e xingamentos entre meninos de áreas diferentes, onde um deles diz: “Não tem medo da Estiva”, isto se torna uma maneira de “acusar”, ofender e estigmatizar. Enfim, muitas foram as situações observadas no campo de pesquisa³⁴, essas são apenas alguns exemplos para ilustrar a discussão.

Entre aqueles meninos e meninas prevalecia a *interação*, fosse “na amizade” ou fosse “no conflito”, mas compreendia suas interações de acordo com a definição de Erving Goffman: “a interação (isto é, interação face a face) pode ser definida, em linhas gerais, como a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata” (GOFFMAN, 1975, p. 23).

Goffman na sua teoria sobre a *representação do eu na vida cotidiana* emprega a perspectiva de uma representação teatral para as situações reais e aos atores sociais, onde todos desempenham um “personagem” na vida real e “um papel que um indivíduo desempenha é talhado de acordo com os papéis desempenhados pelos outros presentes e, ainda, esses outros também constituem a plateia” (GOFFMAN, 1975, p. 7). Mas conjugado a isso está o fato de que quando chegamos na presença de outros indivíduos procuramos logo buscar informações sobre as pessoas ou então trazer à baila as informações já conhecidas. Pois a “informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar. Assim informados, saberão qual a melhor maneira de agir para dele obter uma resposta desejada” (GOFFMAN, 1975, p.11).

Dessa maneira, as crianças que se acusavam podem ser percebidas numa definição de situação e no controle de informações a respeito do *outro* e sobre *si*, já que seus papéis se articulam e são interdependentes dos outros papéis desempenhados na situação. Sendo esse desempenho toda atividade de um indivíduo e que serve para influenciar qualquer um dos outros participantes na interação (1975). Acerca dessa perspectiva, Goffman diz:

³⁴ Pode-se ver alguns exemplos no subcapítulo “*Entre observações e interações com as crianças: resquícios de um diário de campo*”, onde discorro sobre algumas situações percebidas em campo.

Independentemente do objetivo particular que o indivíduo tenha em mente e da razão desse objetivo, será do interesse dele regular a conduta dos outros, principalmente a maneira como o tratam. Este controle é realizado principalmente através da influência sobre a definição da situação que os outros venham a formular. O indivíduo pode ter influência nesta definição expressando-se de tal modo que dê aos outros a espécie de impressão que os levará a agir voluntariamente de acordo com o plano que havia formulado. Assim, quando uma pessoa chega à presença de outras, existe, em geral, alguma razão que a leva a atuar de forma a transmitir a elas a impressão que lhe interessa transmitir. (GOFFMAN, 1975, PP. 13 e 14).

Então, as crianças controlavam as informações sobre *si* e sobre os *outros* de acordo com seus interesses, fosse para se autodefender ou se auto afirmar como *superiores* naquelas situações e interações. Mas aquelas que estavam sendo acusadas não ficavam quietas, se expressavam a sua maneira para passar as impressões que desejavam e num esforço de “anular” o que falavam delas. Atribuir aos colegas certos termos como: favelada (o), piolhenta, morador (a) da “rua do bagulho”, reprovada (o) numa determinada série escolar, safadinha, piriguete, namoradeira; pertencente a uma área que não seja a sua, por exemplo, o “acusador” mora no Titanzinho e deprecia as crianças que moram na Estiva ou na Pracinha, ou seja, até as denominações das áreas de conflito são ferramentas de *atribuições negativas* ao valor da pessoa, agredir ou/e provocar o *outro*, mas também, havia situações de auto depreciação ao “acusar” um colega diante da situação de “estar na favela” e morar no Serviluz. Um *vai-e-vem* de informações iam se instaurando nas interações. Informações que iam se apresentando muitas vezes pela própria dinâmica dos atributos. Controlar, defender-se, acusar, ser acusado e retrucar, mas não necessariamente nessa ordem, mas num *fluxo descontínuo* que perpassava as intersubjetividades dos participantes da interação.

As crianças pertencentes ao projeto Metamorfose são integrantes de uma equipe, mas sem esquecer que pertencem a outras equipes onde desempenham outros papéis sociais ou até o mesmo papel dependendo da situação social, ou seja, esses integrantes são uma *equipe segmentarizada*³⁵ ao mesmo tempo, pois dentro dessa equipe formada com o objetivo de integração pelo projeto, as crianças pertencem as *equipes segmentarizadas* do Titanzinho, da Estiva e da Pracinha, e também de outros segmentos internos a estes territórios e a outras áreas de conflito e de fronteira. Mas também pertencem a *equipes segmentarizadas* na escola, nos

³⁵ Aproprio-me novamente do conceito de *segmentaridade* em Deleuze e Guattari. Consultar Mil Platôs volume 3, ver referências.

outros projetos sociais da comunidade, na família, na rua, nas brincadeiras e tantos outros espaços de socialidade.

Então, elas são uma *equipe de representação* (1975) onde o objetivo desta é manter a definição de situação no qual sua representação é sustentada. Mas essa equipe deve ser capaz de fazer com que seus segredos não se espalhem e que sejam bem guardados, pois o público não deve adquirir informações a respeito da definição de situação que criaram. Sendo assim, o controle de informação é um problema diante da representação, pois esta pode fornecer *informações destrutivas*. Esses segredos podem ser de três tipos: “indevassáveis” (são fatos relativos à equipe que são incompatíveis com a imagem com que esta procura manter perante o público), “estratégicos” (fazem parte das intenções da equipe, o esconde para depois revelar o segredo na hora certa; preparativos secretos ocultados do público) e “íntimos” (aquele que sabe os segredos íntimos da equipe está marcado como membro efetivo do grupo e isso contribui para que se sinta diferente e separado dos indivíduos que não pertencem ao grupo). A *equipe de representação* das crianças do projeto possuía muitos segredos “íntimos”, mas que se desvelavam nas situações e nas interações sociais. Segredos estes partilhados e compartilhados, atomizados e segregados; segredos que diziam respeito a elas como equipe, a elas como indivíduos moradores da comunidade, a elas subjetivamente e a elas como membros de uma área de conflito.

Segundo Goffman há três papéis decisivos na *representação social*: a) os que representam (atores que estão cientes da impressão que criam na representação e possuem todas as informações destrutivas do espetáculo – apresentam-se nas regiões de fachada³⁶ e de fundo); b) para quem se representa (plateia está ciente da definição de situação, mas não conhecem as informações destrutivas – estão na região de fachada); c) os estranhos (nem participam do espetáculo e nem o observa – excluído de ambas as regiões ditas acima). As crianças nas interações *face a face*, onde eu estava como *plateia*, desempenhavam e transitavam entre atores, plateia e estranhos. Pois, enquanto, uma “fofoca” de outra que não está presente (*estranho* na situação por sua ausência e não observação), outras observam esse discurso como *plateia* e às vezes poderiam intervir como *atores*; ou mesmo em posição semelhante, aqueles que “acusavam” e eram “acusados” desempenhavam papéis de *atores*.

³⁶ Fachada “é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconsciente empregado pelo indivíduo durante sua representação (GOFFMAN, 1975, p. 29).

Os *atributos negativos* destinados às pessoas (às crianças) e às áreas de conflito podem ser comparados aos *papéis discrepantes* desempenhados por esses atores sociais. Goffman trata essa questão da seguinte maneira:

Em primeiro lugar, há o papel de “delator”. Está é uma pessoa que finge, para os atores, ser um membro de sua equipe, tem acesso aos bastidores e a informações destruidoras e, então, aberta ou secretamente, trai o espetáculo à plateia. (...) Quando se verifica que o indivíduo se uniu à equipe iniciante de forma sincera e não com o objetivo premeditado de revelar seus segredos, nós o chamamos, às vezes, de traidor, “vira-casaca”, especialmente se for o tipo de pessoa que deveria ter sido um companheiro leal. (GOFFMAN, 1975, p. 136).

Dessa maneira, os “acusadores” dessa pesquisa podem estar desempenhando o papel de *delator* com também o de *traidor* nas interações onde surgem as *atribuições negativas*. As crianças de diferentes áreas de conflito que trocam *acusações* quando pertencem na situação ao projeto Metamorfose estão assumindo o papel de *deladoras*. Elas “dissimulam” serem companheiras daquelas que não são de sua mesma área e conhecendo as *informações destrutivas* sobre o *outro* e sobre a área deste ela trai a *representação* pela “fofoca” ou pela ação de “dizer-lhe na cara” o que pensa deste *outro*. Já no caso dos *traidores*, acusadores e acusados são pertencentes a mesma área de conflito, logo, compartilham confiança, segredos e amizade, mas isso não impede de se acusarem mutuamente na *equipe de representação* do projeto.

Essas crianças estão inseridas numa rede de relações extensa que vai além do projeto que estava acompanhando, elas participam e interagem cotidianamente, na escola e em outros projetos. Diante disso, observo certo limite nas *acusações* entre elas, de alguma maneira se respeitam por morarem no mesmo lugar e serem integrantes do mesmo grupo ou por pertencerem também a uma mesma rede de relações. Quando menos se espera, após uma “acusação” elas estão brincando juntas e há um momento de trégua na *relação conflitante*.

Nessas situações de *delatores* e *delatados*, *traidores* e *traídos* estava a pesquisadora por vezes como *plateia*, mas às vezes estava como *não-pessoa*, ou seja, “os indivíduos que desempenham este papel estão presentes durante a interação, mas, sob certo aspecto, não assumem o papel nem de atores nem de plateia, nem pretendem ser o que não são”. (GOFFMAN, 1975, p. 141). Relaciono esse aspecto de *não-pessoa* com o fato de que as crianças em muitos momentos não percebem os adultos como fazendo parte de seu mundo, “sou excluída do *espetáculo*” e tudo se desenrola como se para elas eu não estivesse ali, uma

“invisível” perante os olhos das crianças. Pessoas que são tratadas como se não estivessem presentes, geralmente, são os muito jovens, os muito velhos ou os doentes (1975), no meu caso era “muito velha” para elas, a adulta. Mas essa atitude em relação a *não-pessoa*, quando implicando subordinação (1975), às vezes era manipulado por elas em diversas situações, principalmente naquelas onde estavam se acusando e eram repreendidas por um adulto do projeto, então tomavam esse papel do *outro* como uma defesa ao fingirem que aquele “superior” (o adulto) não estava presente e não falava com elas, ou seja, tratando esse papel do adulto de modo indiferente.

Em outras situações eu poderia estar desempenhando o papel de *intermediária* ou *mediadora*, pois, por exemplo, numa roda de conversação com as crianças eu aprendia alguns segredos da equipe e os segredos de cada lado das *equipes segmentarizadas* e dava talvez a elas a impressão de que guardaria esses segredos (mas elas sabiam que eu estava fazendo uma pesquisa e escreveria um “livro” sobre elas, como havia dito várias vezes), então, desempenhando esse papel na situação, procurava não me envolver nos papéis que elas desempenhavam e na maneira como *acusavam* umas às outras, eu procurava ser uma *mediadora-observadora*. Goffman esboça que esse papel de intermediário tem poder de criação e recriação, então, por vezes as crianças nas rodas de conversação também desempenhavam esse papel quando procuravam traduzir para mim algo dito por outro colega que não ficou entendível.

Quando um indivíduo, num círculo de palestra, se empenha numa ação ou num discurso que receba a atenção conjunta dos outros presentes, ele define a situação, e pode defini-la de um modo que não seja facilmente aceitável por sua plateia. Algum dos presentes sentirá uma responsabilidade maior com relação a ela do que os outros e podemos esperar que essa pessoa mais íntima dele faça um esforço para traduzir as diferenças entre o locutor e os ouvintes em uma opinião que seja mais aceitável coletivamente do que a projeção original. Um momento depois, quando alguma outra pessoa toma a palavra, outro indivíduo pode se encontrar assumindo o papel de intermediário e mediador. Uma torrente de conversas informais pode de fato, ser considerada com a formação e reformulação de equipes e criação e recriação de intermediários (GOFFMAN, 1975, p. 141).

Como pesquisadora, não estou isenta das “acusações” e atributos, sejam eles *positivos* ou *negativos*. A relação intersubjetiva entre pesquisadora e crianças pesquisadas também se apresenta nas interações. Desde que iniciei minha interação com elas não paravam de me perguntar se era casada, se tinha filhos e uma delas me disse que tenho cara de ter todos

esses atributos. Um exemplo, foi uma menina que venho me mostrar uma música de *funk* que tocava no celular de sua colega, eu achando que ela estava perguntando minha opinião, então disse que era legal, ela imediatamente me “reprovou” e saiu contando para todas as crianças e para o coordenador do projeto que eu tinha achado legal aquela música, que “aquilo não era tipo de música para escutarmos”. Ela me “reprovou”, pois segundo os ensinamentos do projeto elas não podem escutar e nem dançar *funk* e outros ritmos que “denigrem” a imagem da mulher e que tenham palavrões na letra.

Fraga (2002) explana que em nossa sociedade há um “modo específico de afirmação do indivíduo sob a vigência de determinadas formas de socialidade”. Essa forma de *socialidade*, marcada pela violência, está modelando e afirmando determinadas subjetividades. Diógenes (1999) amplia a discussão ao afirmar que esse padrão de *socialidade* se ancora no individualismo e intolerância à diversidade, na disposição subjetiva favorável à violência e na busca de reconhecimento pela violência. Nesse sentido, as “acusações” funcionam como forma, dispositivo de se auto afirmar, de se valorizar ao “denegrir” o outro, de demarcar território e poder através da violência simbólica, mas também de atingir reconhecimento perante as outras crianças.

Outro aspecto que contorna essa dimensão subjetiva entre as “acusações” das crianças diz respeito a importância do território como agenciador de subjetividades. Vilhena (2002, 2003) ressalta que a subjetividade, individual ou coletiva, se constrói dentro do território, e logo, nunca fora dele, pois ele compõe o “ser” de cada grupo social. Sendo assim, o espaço pode ser considerado como o campo onde há a construção da vida social. Os lugares são fundamentais na construção da subjetividade dos sujeitos, pois são relacionais, históricos e, sobretudo, identitários. Eles ancoram pertencimento aos sujeitos (AUGÉ, 1994).

O Serviluz e suas áreas de conflito são territórios identitários, socializantes, repletos de subjetividades que expressão os aspectos (elementos) cotidianos dos *pedaços*. O território, sendo esse lugar de construção social, possibilita se tornar esse lugar de produção de subjetividades.

Mas me parece que as crianças do projeto utilizavam a seu favor o *capital simbólico* que cada área possuía, quando, por exemplo, uma criança do Titanzinho, local onde sua praia é considerada uma das melhores para surfar, onde tantas pessoa de “fora” vão para lá atraídas pela beleza inigualável do lugar e de onde tantos surfistas locais ganharam visibilidade

internacional, atribuíam acusações às crianças da Estiva ou da Pracinha de acordo com os elementos estigmatizantes de cada área, o primeiro com o maior potencial armado da “favela” e onde “imperam” os *bichões*, o segundo onde se encontra elevada miséria e abandono.

O capital simbólico garante formas de dominação que implicam a dependência em relação àqueles que permite dominar: não existe com efeito a não ser na e pela estima, o reconhecimento, a crença, o crédito, a confiança dos outros, e não pode perpetuar-se a não ser enquanto conseguir obter a crença na sua existência. (BOURDIEU, 1998, p. 147).

Mas nessas relações intersubjetivas entre crianças *acusadas* e *acusadoras* o “poder simbólico só se exerce com a colaboração daqueles que o sofrem porque contribuem para o *construir* como tal”. (BOURDIEU, 1998, p. 151).

As *acusações* entre elas também possuem um caráter estigmatizante, as categorizações e o limite ou não de atributos deferidos sobre os sujeitos *segmentarizados* constituem uma especial atenção para entendimento das relações entre aquelas crianças.

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com ‘outras pessoas’ previstas sem atenção ou reflexão particular. Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua ‘identidade social’ – para usar um termo melhor que ‘status social’, já que nele se incluem atributos como ‘honestidade’, da mesma forma que atributos estruturais, como ‘ocupação’. (GOFFMAN, 2012, PP. 11 e 12).

O termo *estigma* comporta justamente referências aos atributos profundamente depreciativos. Em nossas interações sociais possuímos uma gama de exigências e expectativas sobre o *outro*, demandas efetivamente feitas e imputamos uma identidade social virtual ao *outro* de acordo com as informações dadas por ele ou aquelas que já estamos informados. Mas esse *outro* passa a incorporar uma identidade social real, aquela onde ele procura provar possuir na realidade determinados atributos e categorias. Um estigma “é, então, na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo” (GOFFMAN, 2012, p. 13). Mas o termo estigma oculta uma dupla perspectiva: o *desacreditado*, onde a característica do estigmatizado é evidente ou já é conhecida e o *desacreditável*, onde a característica do estigmatizado não é nem

conhecida e nem imediatamente perceptível. Diante das relações entre as crianças e as imputações que atribuíam umas às outras, elas seriam *desacreditadas*.

Então, os meninos e meninas que se *acusam* mutuamente no projeto Metamorfose trazem consigo as “marcas”, a “contaminação”, a carga simbólica dos seus locais de pertencimento, de suas *segmentaridades*, de sua rede de relações sociais das áreas de conflito. Uma rede que não se exime e se espraia nas outras redes de relações. Mas os atributos estigmatizantes imputados às áreas de conflito entre as crianças podem ser percebidos como atributos voltados as intersubjetividades dessas áreas emaranhadas com as intersubjetividades dos sujeitos sociais que produzem, constroem e reconstroem seus espaços de pertencimento.

A *informação social* (2012) diz respeito às informações sobre um indivíduo, sobre suas características mais ou menos permanentes, mas essa informação e o signo que a transmite têm característica reflexiva e corporificada, ou seja, é transmitida pela própria pessoa a quem se refere, pela expressão corporal na presença daqueles que a recebem. Os signos que transmitem a *informação social* são *símbolos de prestígio* ou de *estigma*. “Os signos permanentes, usados apenas para transmitir informação social, podem ou não ser empregados contra a vontade do informante; quando o são, tendem a ser símbolos de estigma”. (GOFFMAN, 2012, p. 56). Dessa maneira, entre as crianças e entre as áreas de conflito circundavam os *símbolos de estigma*, se misturavam as relações intersubjetivas entre elas. Será que pode-se dizer que a Estiva, por exemplo, é *símbolo de estigma* e que esse símbolo “contamina” as redes de relações? Há *símbolos de estigma* vindos do exterior (reprodução da lógica hierárquica e hegemônica da cidade), assim como os do *interior* da “favela” (*estigmas do exterior* que se espraiam pela “favela” e adentram nos becos, nas ruas, nas casas). Segundo Goffman (2012), “o mundo espacial do indivíduo estará dividido em várias regiões, segundo as contingências nelas contidas para a manipulação da identidade social e pessoal”. (p. 94).

Como disse em outros parágrafos, muitas crianças quando estavam sendo *acusadas*, lhe sendo atribuídos estigmas, elas ficavam caladas, mas outras procuravam argumentos de defesa ao seu favor. Mas essa questão perpassa nos contornos do controle de informação.

Em geral, as normas relativas à identidade social, como já ficou implícito, referem-se aos tipos de repertório de papéis ou perfis que consideramos que qualquer indivíduo pode sustentar – “personalidade social” [...]. Normas relativas à identidade *pessoal*, entretanto, pertencem não a esferas de combinações permissíveis de fatos sociais mas

ao tipo de controle de informação que o indivíduo exercer com propriedade (GOFFMAN, 2012, p. 74).

Então, as crianças que procuravam esconder algo de sua história, pensando ser vergonhoso se todos soubessem, como por exemplo, as meninas que eram reprovadas nas séries escolares, isto é uma questão de *identidade social*, mas a maneira como irá manipular essa informação é uma questão de *identidade pessoal*. O *encobrimento* se for descoberto se torna um descrédito sobre a pessoa, isso só será aparente para aqueles que a identificam socialmente, mas se torna acessível a qualquer estranho na situação social, tendo-se, então, um “acidente embaraçoso” (2012). O “embaraço” das crianças diante das situações de *acusação* era tamanho que as reações variavam: mudar imediatamente o foco da conversa, manipular a informação e dirigir uma maior *acusação* ao seu *delator*, invertendo os papéis e se tornando um *acusador*.

As crianças do projeto, apesar das *acusações* que conjuravam entre elas, estavam “unidas” na perspectiva de compartilharem um mesmo estigma – serem crianças moradoras do Serviluz, de acordo com a lógica da ordem da cidade – indivíduos que se percebem como “normais”, mas que ao mesmo tempo se segregam ou se *segmentarizam* ao estigmatizarem umas às outras.

Entretanto, os seus atributos estigmatizadores específicos não determinam a natureza dos dois papéis, o normal e o estigmatizado, mas simplesmente a frequência com que ele desempenha cada um deles. E já que aquilo que está envolvido são os papéis em interação e não os indivíduos concretos, não deveria causar surpresa o fato que, em muitos casos, aquele que é estigmatizado num determinado aspecto exibe todos os preconceitos normais contra os que são estigmatizados em outro aspecto. (GOFFMAN, 2012, p. 149).

Dessa maneira, na situação onde a menina da Estiva que estava em companhia de sua amiga do Titanzinho concordou com esta de que a Estiva não era no Serviluz, ou seja, ela estava *retirando de si* o seu estigma, estava “absorvendo” os “preconceitos normais” que são imputados às pessoas de sua área de pertencimento.

4.8 “E como seria sem violência?” “A pessoa ia morrer mesmo só de velhice”³⁷

Como as crianças do projeto Metamorfose significam as práticas de violência no universo cotidiano onde moram e onde estabelecem suas redes de relações sociais? Para procurar compreender e analisar essa inquietação se fez necessárias várias rodas de conversação, conversas informais, oficinas e desenhos com meninos e meninas. Mas antes de passar para os discursos e as significações que elas construíam sobre o que seria a violência, é importante dizer a partir de que ponto estou analisando isso sociologicamente.

César Barreira (2010) ressalta que “[...] tanto a ordem como a desordem, o legal e o ilegal, bem como as classificações sobre as práticas conflituosas, os comportamentos desviantes têm que ser analisados como produção social” (p. 74). Logo, as significações apresentadas pelas crianças sobre as práticas violentas são compreendidas como produção social através de uma base de relações e histórias que sabem sobre alguns acontecimentos do bairro onde moram. Acerca disso, Leonardo Sá (2011) discorre que se não há a percepção do mundo violento, que são os protagonistas e as vítimas, não há violência.

Dessa maneira, considerando o ponto de vista sociológico e antropológico, a percepção da violência que as crianças têm será o ponto de partida para a análise do sentido e dos significados que atribuem ao fenômeno da violência, mas que também, as relações conceituais entre práticas culturais e práticas de violência constroem uma base intersubjetiva importantíssima diante dessa discussão, pois se deve considerar a dimensão intersubjetiva da violência que afeta o universo social da vida cotidiana nas grandes cidades (2011). Nessa mesma linha Michel Wieviorka (2004, *apud* SÁ, 2011, p. 107) percebe que o termo violência pode trazer diversos mal-entendidos, pois de que violência se fala, física ou simbólica?

A violência cotidiana, difusa e multidimensional (em referência a “cultura do medo” onde a sociedade percebe um aumento significativo da criminalidade, provocando insegurança ou a “sensação de insegurança”) (2008), sendo física ou simbólica, se apresentava nos discursos das crianças quando eram indagadas sobre a violência, mas também, quando se expressavam nas atribuições e classificações ao *outro*, nesse sentido, as crianças podem ser percebidas como produtoras de cultural e de práticas violentas.

³⁷ Fala de uma menina de 9 anos, moradora do Titanzinho, durante uma das rodas de conversação no momento que lancei na roda a seguinte indagação: “E como seria sem violência?”.

Nesse subcapítulo procurarei abordar a perspectiva narrativa delas acerca da violência num contexto mais amplo da própria comunidade.

Na oficina “Bom Trato ao Alcance das Mãos”, os objetivos eram definir o que são *maus-tratos* e *bom trato*, identificar situações cotidianas que nos mostram formas de maus-tratos e bom trato e promover ações e maneiras de se relacionar com bom trato. Estavam presentes um total de quinze (15) crianças das três áreas: Titanzinho, Pracinha e Estiva. Subdividi o grupo em três subgrupos (5 participantes em cada um), escolhidos aleatoriamente, dessa maneira, elas iriam se misturar e não poderiam preferir ficar com seus companheiros de área. Então, cada subgrupo recebeu seis cartões onde três eram da cor amarela (representando ações de bom trato) e três eram da cor laranja (representando ações de maus-tratos). Havia três temáticas a serem trabalhadas por elas: *escola*, *família* e *comunidade*, onde deveriam escrever nos cartões ações de bom-trato e ações de maus-tratos para cada temática.

A equipe que ficou com a temática *escola* escreveu nos cartões acerca dos *maus-tratos*: xingar os alunos; jogar o lixo na mesa dos outros; jogar papel no professor; bater no professor; brigar com o colega e falar palavrão com os colegas. Sobre ações de *bom trato*: respeitar o próximo; não bater nos colegas; ser um bom colega; respeito ao colega; respeito à professora; respeitar as merendeiras; respeitar as classes; respeitar os colegas como a si mesmo e respeito ao aluno.

Práticas violentas na escola estão associadas para elas, principalmente, entre alunos e professora, ficando em segundo plano a de aluno para aluno. Percebiam o respeito como a solução para os conflitos internos.

Os participantes que estavam com a temática *família* expressaram sobre os *maus-tratos*: pai e mãe agredir o filho; brigar com os irmãos; bater nos primos; desrespeitar o próximo; agredir os pais; tratar mal os animais; falar palavrão para a mãe; a mãe bater no filho; desamor e bater. Já como *bom trato*: respeitar pai e mãe; não bater nos irmãos; carinho e amor; respeitar pai e mãe; amar a família.

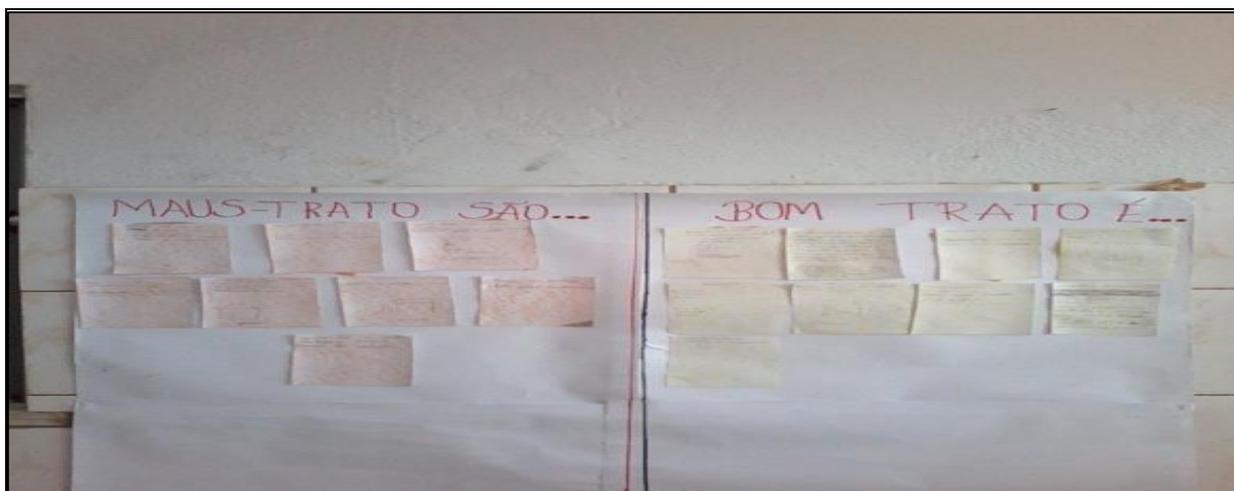
Todas as formas de violência física entre pais e filhos, entre filhos e pais, irmãos e primos eram rejeitadas por esse grupo. Mas também a violência simbólica se caracterizava como atos de maus-tratos na família. O que me chamou a atenção foram as crianças incluírem os animais como fazendo parte da família, assim como os humanos, eles merecem respeito e carinho. Lembrei-me também do caso de um menino de 4 anos que chegou um dia na “Missão

dos meninos” relatando que seu pai tinha sido preso por bater e quase assassinar sua mãe. Nesse desenrolar o menino deu uma mordida para impedir a ação de seu pai, mas este estando bêbado acabou deferindo um murro na criança que fez com que quebrasse o dente da frente. O garoto dizia que seu pai, sua mãe e ele foram levados numa viatura para a “Maria da peia” próximo a sua casa.

Em relação à temática *comunidade* discutiram serem *maus-tratos*: bater no vizinho; o vizinho discutir com o outro vizinho; ameaçar o vizinho de morte; botar lixo na rua; desrespeitar o vizinho. Sendo *bom trato*: respeito ao vizinho; ajudar nossa comunidade; a vizinhança e um grupo unido para escolher o que é bom para a comunidade; os colegas devem respeitar o outro, ficando unidos e não devem se separar do outro; jogar lixo na sua lixeira; não jogar lixo.

Mas uma vez as agressões como bater, discutir, ameaçar de morte os vizinhos e a questão de ter cuidado com o seu lixo são parâmetros que se apresentam para as crianças como importantes fatores de *socialidade* dentro da comunidade, onde acreditam que uma liderança forte e unida será capaz de combater os problemas.

Após escreverem suas opiniões expuseram para os demais colegas presentes lendo e comentando, e em seguida colaram os cartões no mural que estava na parede. Depois deste momento comentei o desenvolvimento da oficina e todas no final deixaram a marca de suas mãos sujas de tinta colorida em outro mural que simbolizava o compromisso de tomarem ações de *bom trato* no dia a dia.



Mural da Oficina 1 – 07 de junho de 2014.



Mural do compromisso com ações do bom trato. Crianças imprimindo suas mãos no mural.

As crianças se mostraram muito participativas na oficina, interessadas nas temáticas e interagindo umas com as outras para escreverem algo pertinente. Mas a maior diversão e organização ocorreram na hora de pintar as mãos e imprimir no mural o desejo por um mundo com mais ações de *bons tratos*.

Numa outra atividade com as crianças, na roda de conversação, quando lhes perguntei “o que é violência para você?” me disseram:

Marcos: Uma pessoa bater na outra, mal tratar a outra.

Luiza: É morte. Ameaçar os outros. Bater nos outros. Chamar os outros de palavrão é violência também, porque os outros não gosta. E matar os outros.

João: Matar, se não ameaçar.

Bel: Ruim.

Em seguida, perguntei: “mediante tudo o que vocês falaram, e como seria sem a violência?”, então, algumas me responderam:

Marcos: A vida ia ser boa.

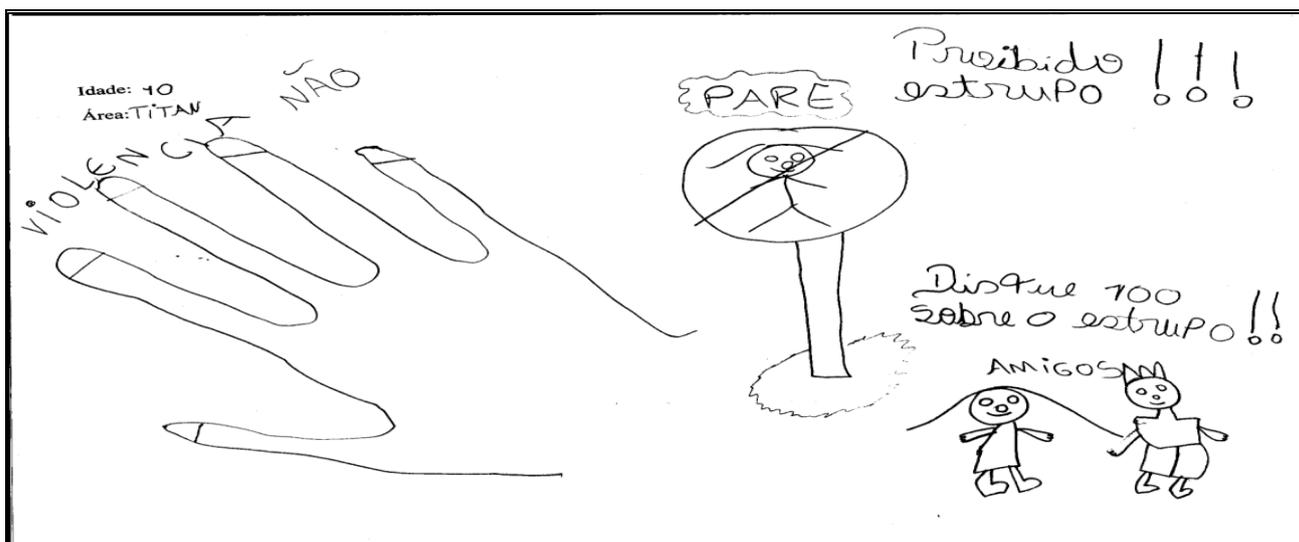
Luiza: E a ser muito legal. A pessoa ia morrer mesmo só de velhice.

Manu: A pessoa nunca ia morrer.

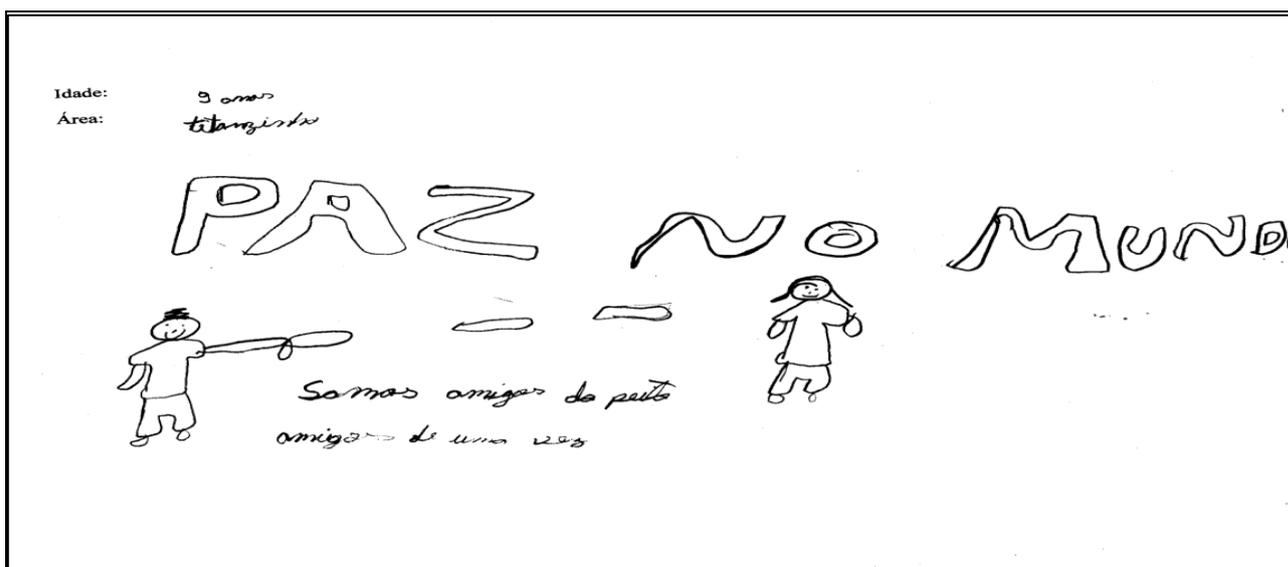
Bater, mal tratar, ameaçar, matar foram algumas das ações mais abordadas pelas crianças sobre o que pensam ser a violência. Um mundo sem violência para elas é a garantia de uma vida boa, legal, uma *vida longa*, já que “a pessoa ia morrer só de velhice” ou iria se eternizar, pois “nunca iria morrer”. Esse mundo parecia-lhes distante, uma “fuga da realidade”,

uma apresentação do real que divagava nas fantasias dos infantis, como um sonho de fadas. Pois elas sabiam que as pessoas um dia morreriam, não somos imortais, mas para elas a vida se “encurtava” no ato de retirar a vida do *outro*.

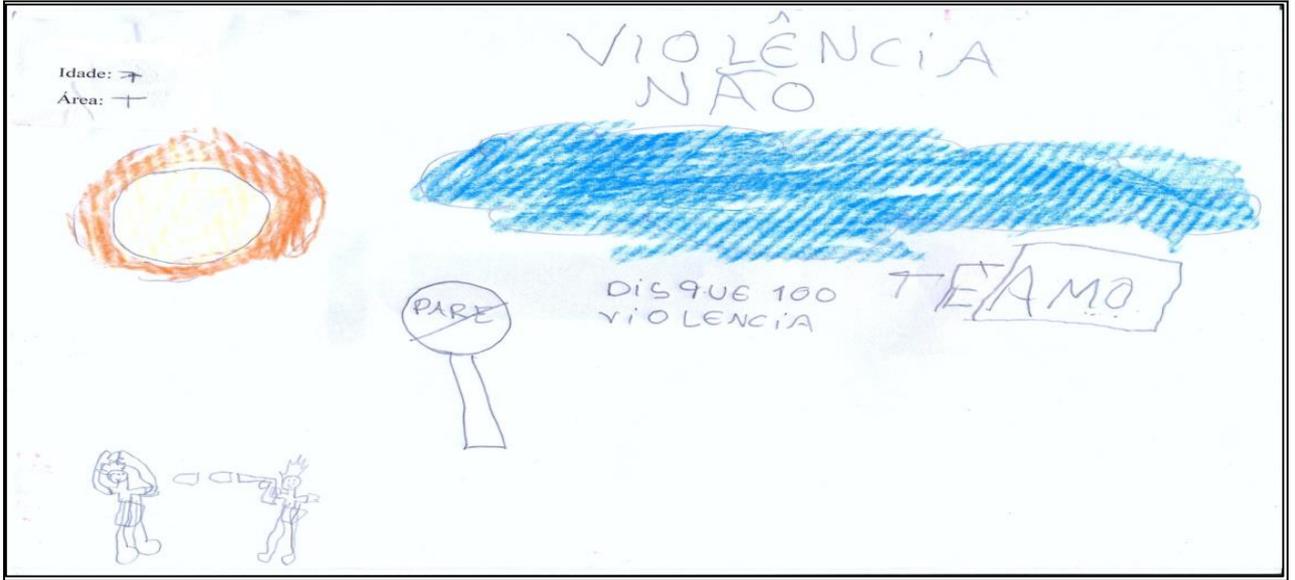
Outra metodologia que utilizei para analisar e compreender a percepção delas sobre a violência foi o desenho temático. Neste lancei a proposta de que elas desenhassem a violência da maneira como imaginavam e sabiam. Os resultados dessa “brincadeira” foram os desenhos abaixo:



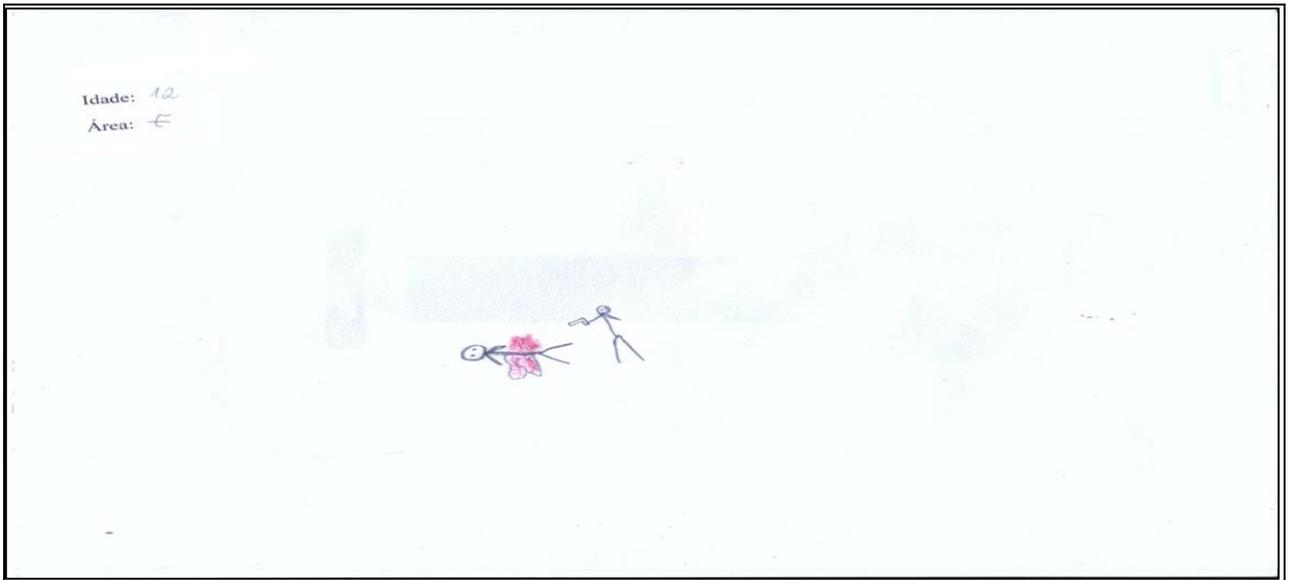
Desenho 1: Menina, 10 anos, Titanzinho.



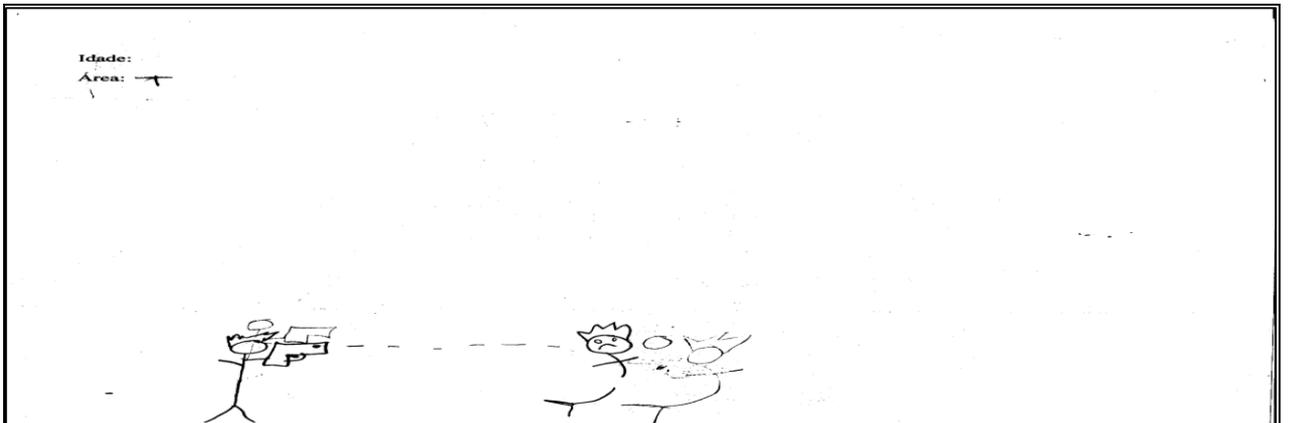
Desenho 2: Menina, 9 anos, Titanzinho.



Desenho 3: Menina, 7 anos, Titanzinho.



Desenho 4: Menino, 11 anos, Estiva.



Desenho 5: Menino, 9 anos, Titanzinho.

No desenho 1 (um) a menina de 10 anos explicou que o estupro era uma coisa feia e que deveria ser denunciado pelo dique 100. Perguntei como ela sabia o número de telefone para a denúncia e falou que viu em propaganda na TV. Declarou ainda que devemos dizer não a violência e que temos que ser todos amigos.

A menina de 9 anos, desenho 2 (dois), que desenhou um homem armado atirando numa mulher, disse que era contra essa atitude e por isso escreveu o trecho de uma música: “somos amigos do peito, amigos de uma vez”.

A justificativa dada ao desenho 3 (três) (um jovem atirando em outro que está com as mãos para o alto), criado pela menina de 7 anos, foi de que não deve haver mais violência.

No desenho 4 (quatro), o menino de 11 anos que desenhou um jovem armado e uma vítima ensanguentada estendida no chão, falou que era comum a ação de atirar em alguém e matar.

No último desenho, o 5 (cinco), o menino de 9 anos explica seu desenho da seguinte maneira: “o cara atirou e *bufo*, o outro caiu” (riu).

Dessa maneira, os discursos das crianças acerca da violência sempre estavam presentes na maioria das vezes associados com as agressões, os xingamentos, as ofensas, os desentendimentos entre colegas, vizinhos e família, mas também na escola, ou seja, em todas as *segmentaridades* construídas pela rede de relações sociais dos sujeitos. Nas narrativas e nos desenhos se apresentavam com constância a exploração sexual infanto-juvenil, o estupro contra crianças, as mortes matadas por arma de fogo, o pedido de paz no mundo, o alerta e a denúncia em casos de violência. As crianças estavam atentas e “treinadas a captarem” atos de violência, pareciam amadurecidas para se protegerem dela, pois falavam com total propriedade e segurança do que diziam. Não me lembro de na minha infância ter essa hábil articulação de ideias e interpretações sobre a vida. Seriam outros tempos, outras maneiras de acessar o mundo e os acontecimentos? Não sei direito o que dizer, mas sei que as “histórias eram outras”, ou eram as mesmas e não sabia?

As crianças significavam a violência de acordo com suas *relações intersubjetivas*, cotidianas e transpassadas pelas histórias que ouviam e presenciavam, sendo elas algumas vezes protagonistas ou vítimas, observadoras, atentas as manifestações e as práticas violentas ocorridas na comunidade do Serviluz.

Interessante perceber que em nenhum dos discursos apresentados até aqui as crianças não falaram da violência policial na comunidade, com exceção de poucas vezes em que elas relataram que suas ruas eram alvos constantes de tiroteios entre jovens da comunidade e policiais, onde tais ações resultavam em mortos e feridos, os motivos sempre eram as drogas, segundo elas. Outro aspecto foi encontrar na parede da sala na casa de uma menina de 4 anos uma foto dela e dos irmãos vestidos de policiais, como numa caracterização carnavalesca. A menina me disse que sua mãe gostou daquela roupa e a vestiu para tirar a foto. Em outro momento, um menino de 10 anos me revela que gostaria de ser motorista de ônibus ou policial quando crescer. Perguntei por que policial e me disse que quer ajudar as pessoas. Não compreendia bem a visão que as crianças tinham sobre a polícia, às vezes parecia uma visão controvérsida, pois relatavam muitos tiroteios da polícia com a comunidade. O que pensam da polícia? Não existe para elas um ódio social em relação à polícia, assim como se apresentava entre os jovens da comunidade? Infelizmente, não foi possível desenvolver como mais profundidade essa questão.

Diante dos pedidos de “paz no mundo” e “não violência” as crianças poderiam não deixar explícito que essa vontade geral da população fortalezense, mas também de todo o país, se esmerava nas políticas eleitorais, governamentais e na crença de uma eficácia no poder policial e no domínio do Estado perante a violência.

Mas os discursos das crianças também poderiam estar atrelados ao contexto dos segmentos armados e aos conflitos internos da comunidade. César Barreira (2010) discorrendo sobre *banditismo e práticas culturais* diz:

É importa destacar que dentro de um clima de aceitação, negação e medo quase toda a população sabia quem eram os quadrilheiros, como viviam e onde moravam. O ato de não denunciar decorre de insegurança e medo, mas fundamentalmente, de uma aceitação social. Tal aceitação resulta da não-classificação das práticas dos bandidos sociais como delituosos, bem como do fato de a população pobre necessitar de protetores e defensores. (BARREIRA, 2010, PP. 80-81).

Não falar da polícia, seria não precisar falar dos jovens armados e de tantos outros conflitos que entrecortam o interior da “favela”. A aceitação social levava a negação, e isso não quer dizer que as crianças não sabiam dos acontecimentos da comunidade, dos envolvidos, dos motivos, dos protagonistas, das vítimas. Elas sabiam bem mais do que se imaginava. Não devemos subestimá-las. Não falar poderia representar não falar de si, da sua história, da história

de sua família e dos seus próximos. Pois muitas crianças do projeto tinham perdido irmãos, primos, pai, tios, ou estes estavam “marcados para morrer”. Muitos ali estavam com o pai preso ou desempregado e sobrevivendo de “bicos”, ou até mesmo, não sabiam quem era o pai. Leonardo Sá (2011) fala em signos que se justapõem para esconder a produtividade da violência:

Nas trocas simbólicas orientadas pela temática social da violência, os signos se interpõem para esconder a produtividade da violência na vida social, gerando uma configuração de valores e sentimentos que, ao serem compartilhados, são acionados como desrealização da violência como fenômeno social e servem, destarte, em contextos práticos de interação como ferramentas de invisibilidade dos modos como cultivamos inimigos na vida cotidiana das grandes cidades. (SÁ, 2011, p. 108).

Sá também expõe que a violência é narrável só até certo ponto, pois se levarmos em conta o ponto de vista intersubjetivo há uma dificuldade de elaboração das bases narráveis dos eventos da violência (2011). Ele esclarece: “Alguns elementos da violência vivida, sentida, sofrida ou praticada são inenarráveis ou simplesmente não-narráveis, pertencendo ao solo de práticas não-discursivas que embasam os discursos escorregadios dos atores sociais” (p. 110). Então, seria outro motivo para as crianças não falarem sobre ou mais um pouco sobre a violência. A *não discursividade* não implica o não conhecimento ou a não experiência de práticas violentas, como disse anteriormente. A perspectiva é mais ampla do que se imagina.

Sendo a subjetividade compreendida como a base intersubjetiva das relações sociais (2011), ela pode oferecer entendimento sobre a violência dentro desse aspecto e fazendo também lançar mão de classificações, deixando fluir as percepções dos sujeitos, pois certamente possuem muitas maneiras de se expressar.

4.9 “Delatores” do exterior e “delatores” do interior

Na “favela”, mas também fora dela existem “delatores” para todos os lados. Pode-se dizer que há uma estigmatização “morando” dentro da estigmatização. Os “delatores” do exterior – a mídia, a sociedade fora da comunidade – e os “delatores” do interior – as crianças moradoras dessa comunidade e alguns moradores adultos. A visão sobre um lugar não é centralizada de um lado só, mas aqui também se pode observar uma *segmentaridade* intensa.

Anailton em uma de nossas conversas me explicou que o Serviluz está localizado no Grande Vicente Pinzon e comparou isso ao Grande Bom Jardim³⁸, com a mesma estrutura, vários bairros integrando um todo, um complexo de bairros periféricos em Fortaleza. Ele frisava que por ter participado de grupos de *hip hop* havia passado e conhecido diversos bairros da nossa cidade, mas que só existem dois que carregam uma maldição: Serviluz e Pirambu. Nas palavras dele:

Só que no Pirambu as pessoas têm uma nova visão, as pessoas olham diferente, porque ele liga Antônio Bezerra, Centro. É um bairro q você vai passar sempre. Se quer ir para a Barra do Ceará tem que passar por ele, quer ir para Iparana vai passar por ele. Se tornou um local que é referência. O Serviluz não, é escondido. O Pirambu perdeu essa má fama porque integra praticamente outros bairros de Fortaleza. Se vem do Centro e quer ir pra Barra tem que passar pelo Pirambu, pois é sem congestionamento. Uma via que liga Iparana, Barra do Ceará depois daquela ponte que tem agora. Se tornou melhor e mais conhecida. Serviluz não. Só tem um caminho para vir para cá. Pegando os ônibus do Serviluz. Você pode ir para o Caça e Pesca sem passar pelo Serviluz, pode ir para o Papicu sem passar pelo Serviluz. Por essa dificuldade ele sempre vai carregar essa má fama. Se ele fizesse integração com outros bairros, a pessoa não ia mais falar, porque ia se acostumar. (Entrevista).

Anailton passava a impressão de que o Pirambu em relação ao Serviluz é melhor, mas é “favela” também, ou seja, “a favela do outro é melhor do que a minha” – um quase “a grama do vizinho é sempre mais verde e bonita”. Ele “delatava” que o Serviluz é mais estigmatizado do que o Pirambu e que isso era por conta das vias de acesso aos outros bairros adjacentes ou próximos, onde a culpa era das linhas de ônibus que não precisavam ou evitavam passar pelo Serviluz. O Pirambu conseguiu ser “aceito”, menos estigmatizado e a população fortalezense se acostumou a cruzá-lo por necessidades de ir ao trabalho, de ir ao Centro da cidade, ou seja, o hábito fez com que essas pessoas usassem os espaços para transitar pela cidade. Mas não significa que as pessoas passaram a “não ter mais medo” do Pirambu, pois simplesmente elas contornam a “favela” e não transitam dentro dela, não quer dizer que não possam ser “deladoras” também. Como Michel de Certeau (2012) apresentou:

A cidade-panorama é um simulacro ‘teórico’ (ou seja, visual), em suma, um quadro que tem como condição de possibilidade um esquecimento e um desconhecimento das práticas. Essas práticas do espaço remetem a uma forma específica de ‘operações’ (‘maneiras de fazer’), a ‘uma outra espacialidade’ (uma experiência ‘antropológica’,

³⁸ Grande Bom Jardim - área formada pelos bairros Siqueira, Bom Jardim, Canindezinho, Granja Portugal e Granja Lisboa.

poética e mítica do espaço) e a uma mobilidade *opaca* e *cega* da cidade habitada. Uma cidade *transumante*, ou metafórica, insinua-se assim no texto claro da cidade planejada e visível. (CERTEAU, 2012, PP. 158 e 159).

Os acessos e as vias da cidade de Fortaleza que transpassa os arredores do Pirambu são estruturais da própria cidade, fazem parte de um sistema espacial planejado e as operações, as práticas desenvolvidas pelos atores no espaço e as maneiras de transitar dos fortalezenses significam que vivem ao seu modo nesse deslocamento.

Sobre essas questões Marcelo também se pronunciou e “delatou” que houve uma mudança em relação ao transporte público que passa por dentro do Serviluz, hoje o nome da linha é *Caça e Pesca – Centro – via Serviluz*, ou seja, obrigatoriamente para ir ao Caça e Pesca devesse passar pela “favela”. Mas ele me disse que uma vez dentro dessa linha presenciou o quando ficaram apavorados dois jovens quando o ônibus se aproximou da entrada do Serviluz: “Vixe, vai passar por dentro do Serviluz. Bô descer”. “Os caras desceram no Álvaro Costa. Como eles viram que era *Caça e Pesca* acharam que ia fazer como o *Circular*, que passaria primeiro pelo Caça e Pesca. Quando viram que passou da entrada, os cara endoidaram”. Ele sentiu a atitude dos rapazes como preconceito a comunidade e acredita que com a expansão do calçadão da orla vindo da Praia do Futuro passando pelo Serviluz e chegando na Beira-Mar irá mudar essa situação, mas está preocupado: “Na computação gráfica tá outro Serviluz, tá bonito. Mas será que vai sair dali da computação gráfica? Será que vai ficar do jeito que eles querem? Do jeito que eles querem essas casas vão ficar ai na beira da praia. Mas será que vão ficar mesmo? Será que não vão querer comprar pra meter prédio igual na Beira-Mar”.

Anailton retrucou: “Sem contar que o Serviluz é bairro desprezado pela população e pelos políticos. Em termo de investimento e má fama. Mas para os empresários e políticos eles têm um interesse maior pelo Serviluz. Manchar o nome do Serviluz e ter esse local para eles fazerem seus empreendimentos. O Serviluz é a única praia territorial que não tem barraca, que não tem prédio. Comparada com a Praia do Futuro e Beira-Mar (prédio, barraca, condomínio) e Pirambu (barraca, empresa e outras coisas). Não tem porque o povo se fortificou. Na época do Estaleiro, político disse: ‘No Serviluz tem um bando de ratos, o jogo é passar o trator’. Ele fala isso porque não conhece a comunidade e também por interesses egoístas dele”. Ele complementa dizendo que o Serviluz é riquíssimo em belezas naturais, mas que hoje também é comum ver pessoas crescendo, estudando, se formando, se destacando e com bons empregos. Pois antes as pessoas se achavam “pobres coitadas” e hoje elas se orgulham e

espalham os benefícios da comunidade, e dizem ter orgulho de morar lá, mas que outras pessoas não possuem o mesmo sentimento.

Anailton, Marcelo e outros interlocutores que manteve contato durante essa pesquisa mostravam forte sentimento de pertencimento pela comunidade, mas suas práticas do espaço teciam com efeito as condições determinantes da vida social local (CERTEAU, 2012). A construção do espaço e as significações deste transcorriam de suas “maneiras de fazer” e de pensar a cidade ou quem sabe de pensar como a cidade.

Dessa maneira, a perspectiva apresentada pelos interlocutores pode ser compreendida em relação a “cidade e o medo”, assim como conceituou Irllys Barreira:

A desordenada variedade do ambiente urbano é uma fonte de medo particularmente para aqueles que perderam os modos familiares de agir e são atirados a um estado de incerteza. A cidade favorece, assim, a mixofobia, isto é o medo da mistura, reforçando a ideia de segregação e intolerância. A vida urbana aparece, nesse sentido mais propensa ao risco. A existência de muros altos e os condomínios fechados constituem sinais de que os espaços urbanos passam a ser redefinidos. As ofertas de segurança fazem hoje parte da propaganda de condomínios. Restaurantes, escolas e outros estabelecimentos comerciais também contabilizam a inexistência de perigos como ponto de atração para visitantes. Fortaleza, como muitas outras cidades contemporâneas, vivencia também uma história contemporânea do medo. Trata-se de um medo que se expressa de várias maneiras. Manifesta-se na recusa de praticar certas atividades e na busca de refúgio e isolamento. A cidade permeada pelo medo tem seus espaços públicos esvaziados e a frequência indesejada daqueles que são vistos como estando fora das experiências significativas da cidadania. O medo na cidade pode ser visto como a incapacidade de dominar os códigos de convivência. A forte demanda feita de vigilância, feita às instituições, está presente em vários discursos e denúncias da população. A certeza do ir e vir, que caracterizava a crença no funcionamento das atividades cotidianas é gradativamente substituída pela sensação de vulnerabilidade. (Barreira, 2011, PP. 98 e 99).

O medo do *outro*, o medo de *si*, o medo do *desconhecido*. Aqueles que não habitam, não usam os espaços da “favela” sentem medo da cidade, mas principalmente, da “favela”. Se o medo da mistura e todos os investimentos feitos para adquirir cada vez mais segregação espacial, corporal e interacional se apresentam nos espaços da cidade, dos espaços ditos civilizados e dignos de serem usufruídos pelos cidadãos, imagine a visão que se tem da “favela”, se é justamente lá segundo poderes públicos e privados que estão “os grandes inimigos”, aqueles com que não se deseja estar *junto*, estar ao *lado*, pois é símbolo de insegurança, de perigo e de “incivilidade”.

Os relatos, os discursos e as práticas passam de um lado para o outro, do *exterior* para o *interior* e vice-versa. Os corpos transmutam pela cidade, pela comunidade, pela “favela” e com eles seguem juntos as práticas discursivas narráveis ou não. O blá-blá dos “delatores” se encarrega de levar pela cidade o medo. Os de *fora* e os de *dentro* da “favela” “delatam” ações, práticas, discursividades, os *seus* e os *outros*. A comunidade no termo legítimo da palavra praticamente não existe, pois se reconhecem como “favela”, mas dentro dela existe uma “favela” pior, fora dessa “favela” existe outra “favela” melhor do que a minha e a “cidade-favela” está no topo da pirâmide, comandando os discursos e ordenando os *corpos segmentarizados*. Enfim, a “favela” está em todos os lugares. Leonardo Sá (2010) expressa que os moradores da “favela” estão na cidade trabalhando, desenvolvendo suas atividades rotineiras, estudando e estão convivendo com as práticas da locomotiva. Mas também, os de fora da “favela” estão na “favela” cotidianamente, em signos e/ou em presença física e usufruindo as riquezas da comunidade do Serviluz.

A “cidade-favela” é essa onde as pessoas pensam não ser “favela”, se veem superiormente melhores e cidadãs. Norbert Elias (1994) discute a questão da estima dos indivíduos e como se dá essa articulação:

A corte é uma espécie de bolsa de valores e, como em toda ‘boa sociedade’, uma estimativa do ‘valor’ de cada indivíduo está continuamente sendo feita. Mas, neste caso, o valor tem seu fundamento real não na riqueza ou mesmo nas realizações ou capacidade do indivíduo, porém na estima que o rei tem por ele, na influência que goza junto aos poderosos, na sua importância no jogo das *coteries* da corte. (ELIAS, 1994, p. 226).

Os “delatores” na “cidade-favela” ou na “favela” procuram a estima do rei, do soberano, dos governantes. É mensurada a estima, o valor do indivíduo e suas boas atitudes perante os poderes maiores de manipulação e coação. Isso ocorrendo durante todo o processo de “delatamento”. Discurso e ordem estão imbricados nesse processo. Sendo assim, Michel Foucault (2011) detalha sobre o que seja o discurso e a sua ordem:

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso

não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (FOUCAULT, 2011, p. 10).

As interdições discursivas feitas pelos “delatores” do *exterior* e do *interior* do que se pode, do que não se pode, de quem é cidadão e de quem não é, transpassa por conexões com o desejo e o poder, a luta pelo que seja o real, a luta simbólica pela verdade e pelo apoderar-se das *verdades*. O discurso é a própria *luta*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ser criança na “favela”, pertencer a uma gama de estereótipos que a primeira vista parecem vir apenas do *exterior*, mas se encontra *dentro e fora* ao mesmo tempo. Ser criança na “favela” e construir interações e produzir subjetividades marcadas pela violência, pelas perdas, pela dor e depois de tudo isso continuar brincando. Dessa maneira, que as crianças do projeto driblavam o contexto violento *dentro e fora* de seus mundos infantis, pois a brincadeira era mais relevante do que as “acusações” e na brincadeira que se tecia as crianças, onde “acusar” também era uma maneira de brincar com o colega. Mas em outros momentos, “acusar”, ferir verbalmente, ferir fisicamente e imputar atributos por conta de uma área estigmatizada dentro da “favela” poderia ser percebido como ultrapassando o limite da brincadeira ou do que entendemos como tal. Como disse um certo garoto numa briga: “Não tenho medo da Estiva, não”.

Ser criança e estar na “favela”. Como se constrói as interfaces desse misto? Uma questão que não cessa, uma experiência etnográfica *com* crianças na “favela”, narrativas e trajetórias *com* crianças e não *sobre* elas. Uma experiência que para mim foi inesquecível e termino esse trabalho certa de que como pesquisadora e pessoa não sou mais a mesma.

A “favela” é um mosaico social e uma construção de todos que passam por ela. Intersubjetividades entrecortadas por perspectivas, projeções, desejos mesclados entre os conflitos sociais e a rede de relações. Como a música³⁹ diz: Eu não voltei mais na favela/ Mas sei que nada melhorou (...)/ Só quem conhece a favela/ É que entende bem que ela/ Não é igual ao carnaval/ Pois quem vê o povo tão contente/ Pensa que o morro é diferente/ Não sabe o que é viver tão mal.

A “favela” tem suas belezas, mas só quem vive lá sabe, conhece e sente como é viver na “favela”. Não há pesquisa etnográfica ou não que vá conseguir “traduzir” com exatidão as práticas culturais, o modo de pensar e as maneiras de agir dos que vivem na “favela”.

Ser criança e estar na “favela” é em muitos aspectos diferente de *ser criança* e estar na “cidade-favela”. A alma, as intersubjetividades, os discursos, a maneira de se expressar verbalmente ou a maneira de não dizer e os *corpos atomizados* num contexto de “favela”

³⁹ *Minha Favela* (1968). Letra de Clodoaldo Brito (cotó) e Francisco Dias Pinto. Esse trecho foi extraído do texto *A palavra é: favela*. (2006). Consultar referências.

parecem estar “marcados”, “condenados” pelo *exterior*, ao ponto de o *exterior* adentrar no *interior* e agir da mesma maneira com os seus e com aqueles que partilham a “favela” com você. Não sei em qual ordem aconteça isso, talvez nem tenha ordem fixa.

A *segmentarização* não junta pedaços, mas constrói estratégias de sobrevivência dentro da “favela”, assim, as crianças do Serviluz vão construindo sua cultura, são produtoras de cultura e de práticas violentas como todas as outras crianças de qualquer outra “favela” ou de qualquer outro bairro considerado privilegiado na sociedade, ou seja, independente do espaço social e da ordem cultural. Então, as “acusações”, o “delatar” e a violência simbólica exercida pelas crianças da “favela” estudada aqui não são aspectos exclusivos das crianças do Serviluz, mas pode ser de qualquer outra criança de acordo com as relações intersubjetivas desta e de seu contexto social, ou melhor, sem generalizar o problema, as crianças desta pesquisa se encontram em muitos universos, seja no Brasil ou fora dele; não são exclusivas do Serviluz, dando isso um tom infundável de questões e possibilidades de pensar sobre a construção da infância e de como elas pensam seus contextos e suas trajetórias.

Dessa maneira, espero que tenha alcançado meus objetivos de pesquisa como cientista social, mas também, como pessoa, como pesquisadora iniciante e como uma mulher preocupada com as condições das crianças do nosso país. Questões intensas emergiram desses primeiros passos e certamente serão motivadores para a construção de outros.

Para finalizar, essa pesquisa despertou novas questões acerca das crianças do Serviluz. No campo por diversas vezes histórias de “meninos marcados para morrer” circulavam entre crianças e adultos, e onde alguns meninos do projeto haviam perdido ou perderam durante minha pesquisa irmãos e tios vítimas dessa situação. As motivações eram diversas e a complexidade desse universo vem me motivando para pesquisas futuras. Quem são os meninos “marcados para morrer”? Como meninos “envolvidos ou não no crime”, assim como sua rede de relações sociais (educadores sociais, professores, familiares, policiais, agentes de saúde), significam a “morte prematura”? Como as crianças e sua rede de relações sociais definem a situação de estar “marcado para morrer”? Como a situação de “estar ameaçado de morte” fragiliza os laços sociais, a rede de relações e interpessoais desses meninos “envolvidos”? Dessa maneira, essas questões estão me inquietando e são, sem dúvida, desdobramentos deste trabalho e uma continuidade de pesquisas no Serviluz.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosemary. *Violência, identidade e processos organizativos: o forró da bala como cenário de análise*. 1995. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1995.

ALTMANN, Helena. *Barbie e sua história: gênero, infância e consumo*. Pro-Posições, v. 24, n.1 (70), p. 275-279, jan./abr. 2013.

AMPERJ LEGISLAÇÃO. *Estatuto da Criança e do adolescente*. Lei nº 8.069, de 13.julho.1990.

ANJOS JÚNIOR, Carlos Versiani. *A serpente domada: um estudo sobre a prostituta de baixo meretrício*. Fortaleza: UFC, 1983.

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

AUGÉ, M. *Os não-lugares: Introdução a uma Antropologia da Super-Modernidade*. Campinas: Papirus, 1994.

BARREIRA, César. *Banditismo e Práticas Culturais: A Construção de uma Justiça Popular*. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v. 41, nº 2, jul/dez, 2010, p. 73-82.

_____. *Cotidiano despedaçado: Cenas de uma violência difusa*. Fortaleza: UFC/FUNCAP/CNPq-Pronex; Campinas, São Paulo: Pontes Editoras, 2008.

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. A cidade e o medo. In.: *(In) Segurança e Sociedade*. Treze lições. BARREIRA, César e BATISTA, Élcio (orgs.). Campinas, São Paulo: Pontes Editoras e Fortaleza, CE: Fundação Demócrito Rocha, 2011.

BECKER, Howard. *Falando da Sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

_____. A História de Vida e o Mosaico Científico. In: *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *Violência Simbólica e Lutas Políticas*. In.: *Meditações Pascalianas*. Oeiras: Celta Editora, 1998.

CAMPOS, José Tiago de Queiroz Mendes. *Um lugar do tamanho do mundo: socialidade e narrativas do Serviluz*. 2012. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

CERTEAU, Michel de. Terceira parte: práticas de espaço. In: *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer; 18 ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

COHN, Clarice. *Antropologia da Criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009.

DA MATTA, Roberto. *A casa e a rua*. Espaços, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara Koogan, 1991.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. Micropolítica e segmentaridade. In.: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 3/tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik – São Paulo: Ed. 34, 1996.

DELGADO, Ana Cristina C.; MULLER, Fernanda. Sociologia da Infância: pesquisa com crianças. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 351-360, maio/ago. 2005.

DIÓGENES, Glória. Grupos identitários e fragmentação social: A violência como “marca”. In: SANTOS, José Vicente T. (org.): *Violências em tempo de globalização*. São Paulo: Hucitec, p. 164-182.

ELIAS, Norbert. Parte II: Sinopse. In.: *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FABIAN, J. A prática etnográfica como compartilhamento do tempo e como objetivação. *Mana*, vol. 12, n. 2, pp. 503-520, 2006.

FAVRET-SAADA, J. *Être affecté*, Gradhiva. Revue d’Histoire et d’Archives de l’Anthropologie, v. 8, PP. 3-9.

PIRES, Flávia. *Ser adulta e pesquisar crianças*: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica. Revista de Antropologia, V. 50, n. 1, USP, 2007.

FONSECA, Claudia. O abandono da razão: a descolonização dos discursos sobre a infância e a família. Psicanálise e colonização: leituras do sintoma social no Brasil. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 21ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

_____. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1997.

_____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1983.

FRAGA, P. D. Violência: forma de dilaceramento do ser social. *Serviço Social & Sociedade*. Ano XXIII, n. 70, p.44-58.

FREUD, S. *Luto e melancolia*. Sigmund Freud Obras Completas. Vol. 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Trabalho original publicado em 1917).

GEERTZ, Clifford. O pensamento como ato moral: dimensões éticas do trabalho de campo antropológico nos países novos. In.: *Nova Luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GINZBURG, Carlo. *O Fio e os Rastros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2012.

_____. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1975.

GOLDMAN, Marcio. Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica. *Etnográfica*, vol. X, n. 1, pp. 161-173, 2006.

GREGORI, Maria Filomena e SILVA, Cátia Aida Pereira da. *Meninos de Rua e Instituições: tramas, disputas e desmanche*. São Paulo: Contexto, 2000.

GREGORI, Maria Filomena. *Viração*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

IPECE Informe. *Perfil Municipal de Fortaleza*. Nº 42, out. 2012.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 17, n. 49, 2002.

NOGUEIRA, André Aguiar. “*Fogo, vento, terra e mar: migrações, natureza e cultura popular no bairro Serviluz em Fortaleza (1960-2006)*”. 2006. Dissertação (Mestrado em História Social) – PUC/SP, 2006.

PINHO, Érika Bezerra de Meneses. “*O tempo bom do Farol*”: transgressões, sociabilidade e afeto nas trajetórias de ex-prostitutas idosas. 2012. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

PRIORE, Mary Del (org.). *História das crianças no Brasil*. 7º. ed. São Paulo: Contexto, 2010. Relatório IDH Municipal. *Desenvolvimento Humano, por bairro, em Fortaleza*. 2014.

RODRIGUES, Lídia Valesca Bomfim Pimentel. *Vidas nas Ruas, Corpos em Percursos no Cotidiano da Cidade*. 2005. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

ROVERI, Fernanda Theodoro; SOARES, Carmen Lúcia. *Meninas! Sejam educadas por Barbie e “com” a Barbie...* Educar em Revista, Curitiba, n.41, p. 147-163, jul./set. 2011. Editora UFPR.

SÁ, Leonardo Damasceno de. *Guerra, Mundão e Consideração*. Uma etnografia das relações sociais dos jovens do Serviluz. 2010. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

_____. Cultura, violência e subjetividade. In.: *(In) Segurança e Sociedade*. Treze lições. BARREIRA, César e BATISTA, Élcio (orgs.). Campinas, São Paulo: Pontes Editoras e Fortaleza, CE: Fundação Demócrito Rocha, 2011.

_____. Reflexões sobre o trabalho de campo como empreendimento micropolítico. In.: MENDONÇA FILHO, Manoel e NOBRE, Maria Teresa (orgs.). *Política e afetividade*. Salvador/São Cristóvão, Edufba/Edufs.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da Identidade e da Diferença. In: *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 4ª. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, p. 73-102.

SIMMEL, Georg. *Georg Simmel: Sociologia*. Evaristo de Moraes Filho (org.). São Paulo: Ática, 1983, PP. 7-86/ 122-164.

_____. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Tradução Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

VILHENA, J. Da cidade onde vivemos à uma clínica do território. Lugar e produção de subjetividade. *Pulsional Revista de Psicanálise*. São Paulo. Ed. Escuta. XV; n. 163, PP. 48-54.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. Mapa da Violência (2012) – Crianças e Adolescentes do Brasil. 1ª edição. FLACSO Brasil - Área de estudos sobre a violência. Rio de Janeiro, 2012.

WEBER, Max. *A Instituição Estatal Racional e os Modernos Partidos Políticos e Parlamentos* (Sociologia do Estado). In: *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1999, PP. 517-525.

WIEVIORKA, M. Pour comprendre la violence: l'hypothèse du sujet. *Revista Soc. Estado*, v.19, n.1, p.21-51, jun., 2004.

_____. O novo paradigma da violência. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 9, n.1, 1997.

ZALUAR, Alba e ALVITO, Marcos. (orgs.). *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

A simplicidade do Serviluz, *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 10 de fevereiro de 2010. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/a-simplicidade-do-serviluz-1.734754>> Acesso em: 22 mar. 2014.

Uma nova onda para a juventude do Serviluz, *O Povo*, Fortaleza, 31 de março de 2014. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/opovo/cotidiano/2014/03/31/noticiasjornalcotidiano,3228674/uma-nova-onda-para-a-juventude-do-serviluz.shtml>>. Acesso em: 06 fev. 2014.

Cais do Porto: História do Titanzinho tem forte ligação com o mar, *O Povo*, Fortaleza, 26 de setembro de 2013. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/colunas/opovonosbairros/2013/09/26/noticiasopovonosbairros,3136282/cais-do-porto-historia-do-titanzinho-tem-forte-ligacao-com-o-mar.shtml>>. Acesso em: 14 jan. 2014.

Uma geração de jovens educada na cultura do medo, *Diário do Nordeste*, 25 de 10 de 2009. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=683673> Uma geração de jovens educada na cultura do medo>. Acesso em: 20 mar. 2013.

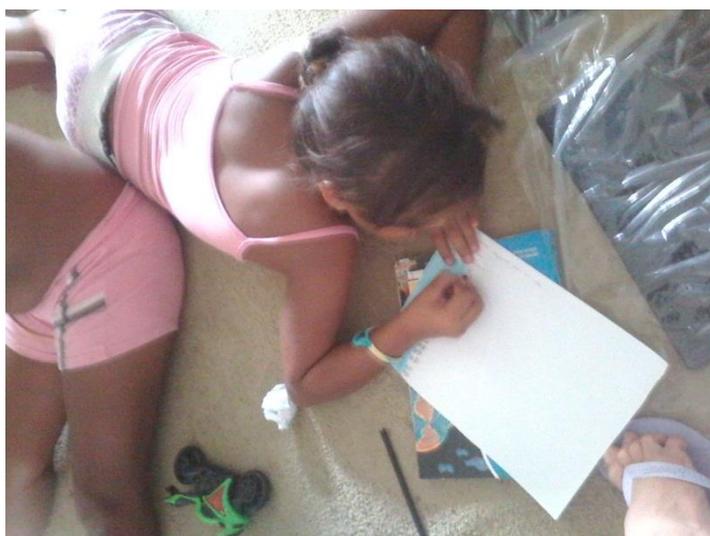
**APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA APLICADO
AO COORDENADOR DO PROJETO METAMORFOSE**

- 1) Quem é o Anailton por ele mesmo? (conte-me sua história de vida, desde a infância/qual sua religião, idade, têm irmãos, relação com a família, etc.)
- 2) O que é o Serviluz para você?
- 3) Como é ser criança no Serviluz?
- 4) O medo que tinha de andar no Serviluz quando criança. Você poderia me contar mais e o por quê?
- 5) O que significa criança para você? Como define essa palavra?
- 6) Como é trabalhar com crianças no Projeto Metamorfose?
- 7) O que o Projeto Metamorfose significa na sua vida?
- 8) Defina em uma palavra o Serviluz?
- 9) Defina em uma palavra a Pracinha?
- 10) Defina em uma palavra a Estiva?
- 11) Defina em uma palavra o Titanzinho?
- 12) Além de Pracinha, Estiva e Titanzinho há outras áreas de conflitos aqui no Serviluz? E as fronteiras, como se chamam e onde ficam? O que acontece nas fronteiras?
- 13) Onde termina o Serviluz?
- 14) Comparando o Serviluz da sua infância e o Serviluz de hoje alguma coisa mudou? O quê?
- 15) O que é violência para você?
- 16) Uma curiosidade, como você define uma pessoa marcada para morrer no Serviluz? Quais motivos e consequências dessa situação?
- 17) O que você gostaria de ver mudando no Serviluz?
- 18) Qual sua perspectiva para o futuro? O que deseja?

APÊNDICE B – FOTOS DAS CRIANÇAS DO PROJETO NAS ATIVIDADES QUE A AUTORA DESENVOLVEU



Crianças desenhando.



Menina desenhando.



Menino desenhando o MetAMORfose.



Oficina 1: Crianças escrevendo nos cartões.



Oficina 1: Crianças sujando as mãos com tinta.